



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS DIÁRIO DO NORDESTE E O POVO**  
**A RESPEITO DA POPULAÇÃO DE RUA DE FORTALEZA**

**BEATRIZ DOS SANTOS CAVALCANTE**

**FORTALEZA**

**2013**

BEATRIZ DOS SANTOS CAVALCANTE

ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS DIÁRIO DO NORDESTE E O POVO A  
RESPEITO DA POPULAÇÃO DE RUA DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Daniel Dantas Lemos.

FORTALEZA  
2013

BEATRIZ DOS SANTOS CAVALCANTE

ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS DIÁRIO DO NORDESTE E  
O POVO A RESPEITO DA POPULAÇÃO DE RUA DE FORTALEZA

Esta monografia foi submetida ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Daniel Dantas Lemos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Ms. Rafael Rodrigues da Costa (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

A Deus.

Aos meus pais, Fabíola dos Santos Cavalcante e Henrique Viana Cavalcante.

Aos meus familiares, em especial às minhas irmãs, Bárbara, Letícia, à irmã de coração Hayanna e aos meus avós Juraci, João Henrique e Jucileide.

Ao meu amigo e namorado Ingo Ararê e sua família.

Aos meus amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Finalizar este trabalho traz a lembrança de que cada capítulo ou tópico concluído só foi possível graças a ajuda, paciência e compreensão de diversas pessoas que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para este processo.

Ao meu orientador, professor Daniel Dantas Lemos, que tanto me ajudou na realização deste trabalho. Emprestando livros, corrigindo todos os textos de maneira hábil, tendo paciência e disponibilidde sem igual. Assim, contribuiu para o aperfeiçoamento deste estudo.

Aos meus pais Henrique Viana Cavalcante e Fabíola dos Santos Cavalcante, exemplos de caráter, dignidade e honestidade. Espelhos de amor, carinho, compreensão e educação, fatores estes que impulsionaram cada palavra escrita neste trabalho.

Às minhas irmãs Bárbara, Letícia e à minha irmã do coração Hayanna. Aos meus avós João Henrique, Juraci e à minha tia avó Jucileide. Todos forneceram o suporte e apoio fraternal para que este trabalho fosse finalizado.

Ao meu amor Ingo Ararê por seu apoio, incentivo, companheirismo e amor e a sua família, por contribuírem com compreensão e carinho, torcendo para que a pesquisa ficasse pronta.

Aos meus amigos Tábata Vieira, Marina Becco, Zenon Pimentel, Lidiana Osmundo, Levi Leite, Carlos Renato, Thyago Pinheiro, Isabella Meyn, Lúcia Rocha, Evandi Bandeira, Cristiane Nasser, Olga Ribeiro, Nina Ribeiro, Paulo Henrique e tantos outros que estiveram caminhando comigo, me deram apoio e compreenderam minhas ausências.

*“Deveis respirar no Amor tão natural e livremente como  
respirais o ar, para dentro e para fora de vossos pulmões,  
pois o Amor não precisa de ninguém que o exalte.  
O Amor exaltará o coração que considerar digno de si”.*

O Livro de Mirdad - Mikhail Naimy

## RESUMO

O trabalho tem o objetivo de refletir a respeito do discurso dos jornais Diário do Nordeste e O Povo sobre a população de rua de Fortaleza, levando em consideração o período de janeiro a outubro de 2012. Durante este período foram coletadas matérias a respeito do público atendido pela Semas e, dentre eles, estava a população de rua da Cidade. Portanto, como objetivo específico apresenta-se a relação da Assessoria de Comunicação deste órgão com os jornais analisados através das teorias da Agenda e do *Gatekeeping*, já que as matérias foram retiradas do *clipping* desta secretaria e ao falar em população de rua alguns jornais procuraram-na como fonte oficial. Para ajudar a entender os conceitos e fundamentos da Análise do Discurso (AD), a monografia perpassa através de Brandão (2012), Orlandi (2005) e Dantas (2012). E para trazer o estudo para o âmbito do Discurso da Informação, apresentaram-se os conceitos do autor francês Chareau (2006), que ajudaram a analisar a mecânica de construção do sentido, a natureza do saber, o efeito de verdade e os tipos de informadores, suas formas de engajamento quanto à informação e as provas utilizadas por eles. Depois foi feita uma revisão bibliográfica das teorias da Agenda e do *Gatekeeping*, através dos autores McCombs (2009) e Shoemaker & Vos (2011). Por último, foram feitas a análise dos dados de matérias recolhidas em 2012 e as considerações finais, objetivando uma reflexão sobre o fazer jornalístico.

**Palavras-chave:** População de rua; Análise do Discurso; Teorias do jornalismo

## ABSTRACT

The work aims to reflect on the newspapers *Diário do Nordeste* and *O Povo* discourses about the homeless population of Fortaleza, considering the period from January to October 2012. During this period of time, it was collected news from the Communications Advisory at the City Department of Social Assistance (Semas) of the Municipality of Fortaleza, about the homeless people of the city. Then, how a specific goal, it is the relationship between the Communication Advisory of this department and the newspapers studied through Theories from Agenda and *Gatekeeping*. To help the understanding of the concepts and fundamentals of the Discourse Analysis (DA), the monograph permeates through Brandão (2012), Orlandi (2005), and also through authors such as: Bakhtin (1979), Benveniste (1989), Pecheux (1975), Authier-Revuz (2004) and Ducrot (1987). To bring the study to the scope of the Discourse of Information, it was presented the concepts of the French author Charaudeau (2006), who helped analyzing the mechanics of meaning construction, the nature of knowledge, the effect of truth and the types of informants, their forms of engagement as regards the information and the evidence used. Then a literature review of the theories of the Agenda and the Gatekeeping by the authors McCombs (2009) and Shoemaker & Vos (2011) was taken. Finally, analysis of the data of the articles collected from January to October 2012 and the final considerations were made aiming a reflection on the journalistic making.

**Keywords:** Homeless population; Discourse Analysis, Theories of journalism

## SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT .....	7
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO I - ANÁLISE DO DISCURSO .....	15
1.1 Conhecendo a Análise do Discurso.....	15
1.2 Formação Discursiva .....	16
1.3 Heterogeneidade do discurso .....	18
1.4 Sujeito: ideologia e história .....	19
1.5 Sujeito e enunciação.....	22
1.6 Discurso da informação .....	24
CAPÍTULO II - AS TEORIAS DA AGENDA E DO <i>GATEKEEPING</i> .....	32
2.1 Teoria da Agenda .....	32
2.1.1 Limite do agendamento de tópicos .....	35
2.1.2 A duração dos efeitos .....	36
2.1.3 Porque o agendamento ocorre .....	37
2.2 Teoria do <i>Gatekeeping</i> .....	40
2.2.1 Os modelos de <i>gatekeeping</i> .....	41
CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS JORNAIS DIÁRIO DO NORDESTE E O POVO.....	46
3.1 Aspectos para a análise.....	46
3.2 Diário do Nordeste - textos informativos .....	49
3.2.1 Conclusão sobre a análise dos textos informativos do jornal Diário do Nordeste .....	69
3.2.2 Diário do Nordeste - textos opinativos .....	69
3.2.3 Conclusões sobre a análise dos textos opinativos do jornal Diário do Nordeste .....	83
3.3 O Povo - textos informativos.....	83
3.3.1 Conclusões sobre a análise dos textos informativos do jornal O Povo.....	95
3.3.2 O Povo - textos opinativos .....	95
3.3.3 Conclusões sobre as análises dos textos opinativos do jornal O Povo.....	103
3.4 As teorias aplicadas aos jornais .....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	110
ANEXOS .....	111

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração do modelo de Westley e MacLean retirada do trabalho de Shoemaker & Vos (2011, p. 31).....	44
Figura 2: Trecho retirado da matéria nº 02 do jornal Diário do Nordeste.....	52
Figura 3: Primeiro trecho retirado da matéria nº 01 do jornal Diário do Nordeste.....	52
Figura 4: Quadro com o discurso direto dos fortalezenses retirado da matéria nº 01 do jornal Diário do Nordeste.....	53
Figura 5: Trecho retirado da matéria nº 06 do jornal Diário do Nordeste.....	54
Figura 6: Segundo trecho retirado da matéria nº 01 do jornal Diário do Nordeste.....	56
Figura 7: Quadro com a opinião de um especialista retirado da matéria nº 03 do jornal Diário do Nordeste.....	58
Figura 8: Primeiro trecho retirado da matéria nº 03 do jornal Diário do Nordeste.....	59
Figura 9: Segundo trecho retirado da matéria nº 03 do jornal Diário do Nordeste.....	59
Figura 10: Primeiro trecho retirado da matéria nº 04 do jornal Diário do Nordeste.....	60
Figura 11: Segundo trecho retirado da matéria nº 04 do jornal Diário do Nordeste.....	61
Figura 12: Primeiro trecho retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.....	62
Figura 13: Segundo trecho retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.....	62
Figura 14: Quadro com dados estatísticos da Semas sobre a população de rua retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.....	64
Figura 15: Primeiro trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.....	65
Figura 16: Segundo trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.....	65
Figura 17: Terceiro trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.....	66
Figura 18: Quarto trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.....	66
Figura 19: Primeiro trecho retirado da matéria nº 07 do jornal Diário do Nordeste.....	67
Figura 20: Segundo trecho retirado da matéria nº 07 do jornal Diário do Nordeste.....	67
Figura 21: Primeiro trecho retirado da matéria nº 09 do jornal Diário do Nordeste.....	68
Figura 22: Segundo trecho retirado da matéria nº 09 do jornal Diário do Nordeste.....	69
Figura 23: Terceiro trecho retirado da matéria nº 09 do jornal Diário do Nordeste.....	69
Figura 24: Trecho retirado da nota nº 11 do jornal Diário do Nordeste.....	72
Figura 25: Trecho retirado da nota nº 14 do jornal Diário do Nordeste.....	73
Figura 26: Trecho retirado da nota nº 16 do jornal Diário do Nordeste.....	75
Figura 27: Nota nº 16 retirada da coluna do jornalista José Maria Melo do jornal Diário do Nordeste.....	76

Figura 28: Trecho retirado da nota nº 19 do jornal Diário do Nordeste .....	80
Figura 29: Trecho retirado da nota nº 20 do jornal Diário do Nordeste .....	81
Figura 30: Terceiro trecho retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste .....	81
Figura 31: Primeiro trecho retirado da nota nº 18 do jornal Diário do Nordeste .....	83
Figura 32: Segundo trecho retirado da nota nº 18 do jornal Diário do Nordeste .....	83
Figura 33: Primeiro trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.....	85
Figura 34: Segundo trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.....	86
Figura 35: Terceiro trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.....	86
Figura 36: Quarto trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.....	87
Figura 37: Quinto trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.....	87
Figura 38: Primeiro trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.....	89
Figura 39: Segundo trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.....	89
Figura 40: Terceiro trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.....	90
Figura 41: Quarto trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.....	90
Figura 42: Quinto trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.....	91
Figura 43: Primeiro trecho retirado da matéria nº 24 do jornal O Povo.....	92
Figura 44: Segundo trecho retirado da matéria nº 24 do jornal O Povo.....	93
Figura 45: Primeiro trecho retirado da matéria nº 25 do jornal O Povo.....	94
Figura 46: Segundo trecho retirado da matéria nº 25 do jornal O Povo.....	95
Figura 47: Trecho retirado da nota nº 30 do jornal O Povo.....	99
Figura 48: Trecho retirado da nota nº 29 do jornal O Povo.....	101
Figura 49: Trecho retirado da nota nº 31 do jornal O Povo.....	101
Figura 50: Segundo trecho retirado da nota nº 31 do jornal O Povo.....	101
Figura 51: Primeiro trecho retirado do texto Editorial nº 27 do jornal O Povo .....	103
Figura 52: Segundo trecho retirado do texto Editorial nº 27 do jornal O Povo .....	104

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Textos informativos do Diário do Nordeste publicados em 2012 sobre população de rua.....	50
Tabela 2: Textos opinativos do Diário do Nordeste publicados em 2012 sobre população de rua .....	70
Tabela 3: Textos informativos do O Povo publicados em 2012 sobre população de rua .....	85
Tabela 4: Textos opinativos do O Povo publicados em 2012 sobre população de rua .....	96

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Comparativo entre as editorias do jornal Diário do Nordeste.....	47
Gráfico 2: Comparativo entre as editorias do jornal O Povo .....	49

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de refletir a respeito do discurso construído pelos jornais Diário do Nordeste e O Povo sobre a população de rua de Fortaleza, a partir dos textos informativos e opinativos recolhidos pela Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) em 2012.

Nesta pesquisa será utilizada a Análise do Discurso (AD) de linha francesa – usada como base de estudo por diversos autores a serem aqui discutidos – por se mostrar uma perspectiva teórico-metodológica adequada para atendermos os objetivos deste trabalho: analisar o discurso acerca das populações de rua nos jornais fortalezenses O Povo e Diário do Nordeste.

O referido órgão da Prefeitura do Município tinha como um de seus trabalhos o de fomentar políticas públicas para pessoas em situação de rua e sua assessoria fazia o *clipping* das notícias referentes a este público. Assim, como objetivo específico da pesquisa, tem-se o de analisar qual o discurso construído por estes jornais sobre as ações da Semas com os moradores de rua. A escolha destes veículos de comunicação se justificam por serem os únicos do Ceará registrados na Associação Nacional de Jornais (ANJ).

Para o primeiro capítulo, faz-se uma revisão bibliográfica da Análise do Discurso de linha francesa a partir dos autores Brandão (2012) e Orlandi (2005). Com a leitura de obras destes, discute-se os conceitos de autores como, por exemplo, Bakhtin (1979), Benveniste (1989), Pêcheux (1975), Authier-Revuz (2004) e Ducrot (1987).

À luz dos ensinamentos destes autores, justifica-se o uso da Análise do Discurso, pois, a partir dela podem ser observadas regularidades no funcionamento dos enunciados produzidos pelos jornais a respeito do objeto deste trabalho e também sobre qual discurso da Semas se constrói a partir destas notícias (ORLANDI, 2005, p. 45).

Ainda no primeiro capítulo, serão apresentados os conceitos da heterogeneidade do discurso, levando-se em conta índices delimitadores da localização do próprio enunciado, também chamados de discursos diretos e indiretos. Além disso, o trabalho mostrará o que significa o plano enunciativo do discurso e da história, conceitos estes utilizados na análise dos textos a serem explanados mais à frente.

Outros conceitos apresentados no primeiro capítulo foram baseados nos estudos de Charaudeau (2006) a respeito do Discurso da Informação, ajudando a definir qual o tipo de

enunciado esses jornais trazem, se são uniformes ou não e como a população de rua e o papel da Semas para com este público são transmitidos nas páginas dos jornais. Para analisar à luz de Charaudeau (2006), o trabalho estuda o discurso da informação interrogando sobre a mecânica de construção, a natureza de saber e o efeito de verdade transmitidos nas páginas dos jornais aos seus leitores. Além de verificar que tipos de provas os jornalistas utilizaram para comprovar a veracidade dos que estava sendo publicado, quais os tipos de informadores continham na matéria e qual o engajamento dos jornais quanto informadores. Ou seja, se ele explicita esse engajamento sob o modo da convicção, sob a confiança que ele tem na fonte ou sob o modo da distância.

No segundo capítulo serão apresentadas as teorias da Agenda e do *Gatekeeping*, respectivamente a partir dos estudos de McCombs (2009) e Shoemaker & Vos (2011). Essas teorias ajudam a compreender quais são os tópicos sobre a população de rua de Fortaleza que têm mais incidência, ou agendamento, em ambos os jornais e que assuntos sobre este mesmo público e tipos de informações da Semas têm mais facilidade para passar pelo canal do *gatekeeper*. Ou seja, quais destes materiais conseguem passar por todo o processo de produção do jornalismo e ser publicado nas páginas dos jornais.

Durante o terceiro capítulo será feita a análise das 31 matérias publicadas em ambos os jornais, sendo 21 do jornal Diário do Nordeste e 10 do jornal O Povo. Mesmo com essa diferença na quantidade de textos publicados pelas mídias, poderão ser percebidas publicações de tópicos semelhantes nestes veículos de comunicação de massa.

Para a análise, as matérias dos jornais serão divididas da seguinte maneira: primeiro se estudam os textos informativos e depois os opinativos do Diário do Nordeste, seguindo-se a mesma sequência com o jornal O Povo. Depois se estuda cada uma das matérias baseando-se nos autores do primeiro capítulo e analisam-se os textos referindo-se à Teoria da Agenda e a Teoria do *Gatekeeping* explanadas no segundo capítulo.

Por último, ao fim desta pesquisa, reflete-se sobre as convergências e divergências deste trabalho baseando-se nos conceitos vistos e discutidos sobre a Análise do Discurso de linha francesa, a Análise do Discurso da Informação e as teorias da Agenda e do *Gatekeeping*.

## CAPÍTULO I – ANÁLISE DO DISCURSO

Para realizar a análise dos jornais Diário do Nordeste e O Povo a respeito da população de rua de Fortaleza, apresenta-se neste primeiro capítulo quais os conceitos e fundamentos da Análise do Discurso de linha francesa e da Análise do Discurso da Informação.

### 1.1 Conhecendo a Análise do Discurso

Brandão (2012) mostra que a Análise do Discurso de linha francesa surgiu na década de 1960 para analisar os discursos produzidos durante a reforma estudantil francesa de 1968. Os objetivos da AD, segundo Dantas (2012, p. 95), “passam por procurar esclarecer os condicionamentos provocados pela ideologia, entendidos como as distorções em uma compreensão responsiva, na recepção de uma formação discursiva e suas manifestações textuais” (DANTAS, 2012, p. 95).

Para definir o que é discurso, Brandão (2012) fala de três elementos essenciais. Em primeiro lugar, a autora afirma que o discurso está além do nível gramatical: ele “atua no nível linguístico e extralinguístico” (BRANDÃO, 2012, p. 19). Em segundo lugar, o discurso refere-se a falas produzidas e a análise do discurso estuda como é feita a produção de efeitos e de sentidos entre quem fala e quem recebe a mensagem – os chamados interlocutores. Portanto, segundo Brandão (2012), o objeto da AD é o funcionamento da língua enquanto uso. Além disso, o último elemento definidor do discurso, segundo a autora, é que o falante e ouvinte devem conhecer as regras da língua para estarem inseridos em um discurso.

Já se sabe que o discurso está além do nível puramente gramatical. Com base nisso, entende-se que a AD leva em conta aspectos externos à língua, fazendo, destes aspectos, parte essencial de uma abordagem discursiva. Além do contexto imediato da situação de comunicação, a Análise do Discurso também compreende “os elementos históricos, sociais, culturais, e ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem” (BRANDÃO, 2012, p. 21). Por isso, para quem analisa o discurso, é importante ter a consciência de que saber usar a linguagem exige de quem se comunica um saber linguístico e exterior à língua que envolve tais aspectos históricos, ideológicos e sociais.

Além disso, para entender a AD é necessário saber da existência de três porquês

básicos: a noção de condição da produção, de formação ideológica e de formação discursiva, sendo que esta última merece atenção maior (BRANDÃO, 2012, p. 21).

## 1.2 Formação Discursiva

O discurso é formado por aquilo que “pode e deve ser dito e está em relação paradoxal com seu exterior” (BRANDÃO, 2012, p. 21). E o que se diz pode ser invadido por elementos vindos de outro lugar, como, por exemplo, as páginas dos jornais, sob a forma de discursos pré-construídos e discursos transversos (BRANDÃO, 2012, p. 21). Por esse motivo, o que se diz recebe sentido de formação discursiva, a partir da formação ideológica correspondente a cada interlocutor. Ou seja, “a mesma palavra pode ter sentidos diferentes de acordo com a formação discursiva e ideológica em que se inscreve” (BRANDÃO, 2012, p. 23). Assim, o sentido da palavra vai se constituindo a cada formação discursiva, ou, como no caso deste trabalho, a cada matéria sobre população de rua noticiada para os leitores, com as palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.

Por isso, como foi dito antes, precisa-se ter duas noções fundamentais para formar o discurso e que aparecem na AD: a base linguística e o processo discursivo ideológico. Aspectos constitutivos do discurso do jornal O Povo e do Diário do Nordeste. Sabe-se, de antemão, que:

(...) o sistema da língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe. Isso não resulta que eles terão o mesmo discurso: a língua aparece como a base comum de processos discursivos diferenciados (PÉCHEUX, 1975 apud BRANDÃO, 2012, p. 21).

Isso significa que independentemente de ideologia, posição social ou conhecimento a língua é a mesma. Como no Brasil, por exemplo, qualquer sujeito, faça parte das classes dominantes ou subalternas, fala em português. Portanto, a autora explica que a língua “é indiferente à divisão de classes sociais e à sua luta, mas as classes sociais não são indiferentes em relação à língua, utilizando-a de acordo com o campo de seus antagonismos” (BRANDÃO, 2012, p. 26).

Orlandi (2005) também partilha de mesma opinião. Segundo a pesquisadora, assim como Brandão, “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as

empregam. Mudam de sentido em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2005, p. 42 - 43).

Para ela, a noção de formação discursiva é básica para a AD porque permite o conhecimento sobre o “processo de produção dos sentidos, a relação com a ideologia e dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2005, p. 43).

Para entender melhor como se dá a formação discursiva, não se deve esquecer que ela determina o que pode, o que deve e o que não pode ser dito. Orlandi (2005) explica que o discurso se constitui de diversos sentidos porque o sujeito está inserido em uma formação discursiva e as palavras por si só não formam um sentido em si mesmas. Portanto, para a autora, “elas derivam seus sentidos das formações ideológicas” (ORLANDI, 2005, p. 43). Ou seja, os sentidos das palavras são adquiridos ou determinados através da ideologia na qual se insere o sujeito. E a AD se propõe a explicar a maneira como a linguagem e a ideologia se articulam e se afetam reciprocamente. Daí a pesquisadora diz que “toda palavra é sempre parte de um discurso e todo discurso se delinea na relação com outros” (ORLANDI, 2005, p. 43).

Sobre essa articulação, Pêcheux (1975 apud BRANDÃO, 2012) afirma que é justamente através da “superposição” de uma palavra por outra palavra, de uma expressão por outra expressão ou de uma proposição por outra, que esses elementos passam a se confrontar e se transformam, ou como o autor diz: se revestem de outro sentido. Portanto, para Orlandi (2005), palavras, se vistas separadamente possam ter o mesmo significado, podem não ter o mesmo sentido por pertencerem a formações discursivas diferentes. Por exemplo, quando as palavras moradores de rua são utilizadas em matérias cujo cidadão é protagonista do discurso e afirma que são os moradores de rua que trazem insegurança para a população e sujeira para Fortaleza, essas palavras estão inseridas em um certo discurso. Por outro lado, quando a matéria tem como fonte os próprios moradores de rua e eles quem narram as situações pelas quais passam e vivem, o significado das palavras moradores de rua é outro.

É importante saber também que a leitura está condicionada à formação discursiva da qual faz parte, definindo o sentido que determinado texto irá adquirir, “tendo em conta a conexão da língua e da história com um sujeito colocado em função de uma ideologia” (DANTAS, 2012, p. 98).

Além das palavras, expressões e proposições, Brandão (2012) lembra que a formação

discursiva “é um sistema de dispersão que se define em sua relação paradoxal com outras formações do discurso que a atravessam trazendo o outro (a alteridade) para seu interior, o mesmo” (BRANDÃO, 2012, p. 26). Esse conceito trazido pela autora é o de heterogeneidade – conceito construtivo do discurso.

### 1.3 Heterogeneidade do discurso

Authier-Revuz (2004, p.69 apud BRANDÃO, 2012, p. 35) vê o discurso como heterogêneo. Ou seja, para a autora, o discurso não surge de um único sujeito. Ele é construído a partir de um sujeito que dialoga com outros discursos e outros interlocutores. Sendo, então, a discursividade heterogênea por ser atravessada pelo discurso do outro.

Alguns exemplos de Brandão (2012) podem ajudar a entender essa heterogeneidade do discurso. Para ela, “ao falar ou escrever, o sujeito localiza no próprio discurso que produz, o espaço desse outro para indicar território que é dele próprio” (BRANDÃO, 2012, p. 36). Segundo a autora, essa delimitação de localização do próprio discurso se faz através de índices presentes na “superfície linguística” que determinam ou marcam o lugar de cada interlocutor no discurso. Podendo, esses índices, aparecer de duas formas: “marcadas e não marcadas” (BRANDÃO, 2012, p. 36). Para entender melhor esses índices delimitadores da localização do próprio discurso, a autora cita exemplos que marcam explicitamente a alteridade:

(...) índices formais do discurso direto (verbo dizer + dois pontos); no indireto (os conectivos que ou se + mudança nos tempos verbais e formas pronominais); nas expressões (segundo, conforme, do ponto de vista de, etc). Esses marcam mais explicitamente a alteridade (BRANDÃO, 2012, p. 36).

Brandão (2012) também cita exemplos de índices que manifestam a alteridade “não marcada”:

(...) sinalizadas de forma sutil, com algum sinal que denuncie a fala (aspas, parênteses, itálico, negrito ou expressões de outra língua: cozer o macarrão al dente); o uso de gírias; jargões técnicos em discursos que essas expressões entram como corpo estranho; formas de metalinguagem, de ajuste de palavra. Essas remetem a uma alteridade enunciativa, sinalizando um sentido especial ou outro sentido, conotando na voz de um enunciador outro. O falante utiliza-se de recursos que intervêm na linearidade da cadeia enunciativa, visando à

construção de uma identidade discursiva que lhe seja própria (BRANDÃO, 2012, p. 36 - 37).

Ainda de acordo com a autora, a heterogeneidade não marcada também pode vir em forma de “ironia, imitação, pastiche” (BRANDÃO, 2012, p. 37). Nesses casos, Brandão (2012) afirma que os discursos podem ser, por vezes, incompreensíveis ou apresentar construções equivocadas, “no caso do leitor não perceber a ironia, por exemplo” (BRANDÃO, 2012, p. 37).

#### **1.4 Sujeito: ideologia e história**

Até aqui e em todo o processo do discurso fala-se do sujeito do discurso, elemento essencial que também deve ser explanado. Sabe-se que o sujeito do discurso está situado em um contexto sócio-histórico de um certo espaço e tempo concretos. “É”, segundo Brandão (2012, p. 26), “um sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, crenças de um grupo social”. Segundo a autora:

O sujeito se forma, se constitui na relação com o outro, percebendo sua alteridade; isto é, da mesma maneira que toma consciência na relação com esse outro, o sujeito do discurso se constitui, se reconhece como tendo uma determinada identidade na medida que interage com outros discursos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, etc (BRANDÃO, 2012, p. 26).

Acontece que, segundo Orlandi (2005), para o sujeito e os sentidos serem constituídos, a condição necessária é a existência da ideologia. Isso porque é a ideologia que explica a ordem social, as relações dos homens com outros homens e as condições de vida de cada um de nós. É a chamada falsa consciência, segundo a visão marxista (DANTAS, 2012, p. 95). Este autor explica que a Análise do Discurso possui a concepção de que as formações sociais têm uma ideologia dominante vinda de uma classe dominante. “E, assim,” segundo Dantas (2012), “a formação discursiva dominante será determinada por essa ideologia e por essa classe”. Acontecendo o discurso na classe social e não no indivíduo:

Cada classe tem sua própria ideologia em uma formação social. E cada uma dessas ideologias tem a sua própria formação discursiva. Desse modo, cada sujeito, ligado que é a uma classe, identifica-se com uma determinada posição de sujeito, comprometida a uma dessas possíveis formações discursivas. Ao mesmo tempo, diz Indursky (1998: 190), o sujeito opõe-se em tensão em relação às demais

posições de sujeitos, ligadas a outras das formações discursivas e ideológicas da sociedade (DANTAS, 2012, p. 95).

Além disso, “o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia” (ORLANDI, 2005, p. 45). Ou seja, é através da ideologia que uma interpretação ou outra será dada. “Um jornal diário”, diz Dantas (2012, p. 96 - 97), “que se afirma como defensor da livre iniciativa assume uma posição ideológica”. Além disso, o autor complementa que o

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra terá realizado uma ocupação de terra, porque a terra é de quem produz, o que será sistematicamente chamado de invasão por parte dos sujeitos de uma determinada perspectiva ideológica. É por isso, também, que pode ser dito que a ideologia se manifesta com base nos sentidos que são estabelecidos nos grupos sociais - nas suas relações - para objetos materiais cujas funções são pelos mesmos grupos definidas (DANTAS, 2012, p. 97).

Neste ponto emerge a questão da ideologia dos jornais. A partir da ideologia desses jornais, a interpretação da matéria pode ser conduzida, apesar de cada sujeito (leitor) ter suas próprias interpretações. Segundo Orlandi (2005, p. 46), o “trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2005, p. 46). E é exatamente o que o jornal faz: coloca as evidências transcritas no papel. Por evidência do sentido entende-se:

(...) a que faz com que uma palavra designe uma coisa - faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas e suas relações (ORLANDI, 2005, p. 46).

Portanto, a evidência do sentido se manifesta nas páginas dos jornais quando se escolhe utilizar o termo viciados em crack, por exemplo, ao invés do termo moradores de rua. Já a evidência do sujeito é a de que já estamos sempre já sugestionados a dar sentido a algo (ORLANDI, 2005, p. 46). Pode-se até pensar, então, a ideologia como ocultação de palavras, porém, ela é “função da relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 2005, p. 47). A relação entre os efeitos linguísticos materiais na história é que forma o discurso. O sentido, como a autora diz, é a “relação determinada do sujeito com a história. É o gesto de interpretação realizando essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 47).

Ou seja, “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2005, p. 48). Segundo a autora, é justamente quando esquecemos a origem da palavra que foi dita – quando, onde e porquê – é que o sentido da palavra produz efeito.

Dantas (2012) atesta que a construção dos sentidos se “realiza num processo linguístico e histórico que acontece em um processo social em que os sujeitos determinam e são determinados”. Para melhor exemplificar, o autor cita a leitura como um processo de construção de sentidos por um sujeito determinado, inscrito em determinadas condições sócio-históricas (DANTAS, 2012, p. 99). Orlandi (2005) chama essa determinação do sujeito em certas condições históricas de forma-sujeito história: “um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso”, pois o sujeito é o construtor dos sentidos ao realizar a leitura, porém ele está inscrito nessas determinadas condições sócio-históricas (ORLANDI, 2005, p. 50). Por isso que para a autora:

Para não se ter apenas uma concepção intemporal, a-histórica e mesmo biológica da subjetividade - reduzindo o homem ao ser natural - é preciso procurar compreendê-las através de sua historicidade. E aí podemos compreender essa ambiguidade da noção de sujeito que, se determina o que diz, no entanto, é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos, como dissemos mais acima (ORLANDI, 2005, p. 50).

Por esse motivo, na AD o sujeito ou falante não age com literalidade, com um sentido único e inflexível da palavra, “mas um sentido instituído historicamente na relação sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso” (ORLANDI, 2005, p. 52).

Segundo a AD, o sujeito age, na verdade, com subjetividade. É o que Benveniste (1976, p. 286 apud BRANDÃO, 2012) define como a capacidade que o locutor tem de se apresentar como sujeito do próprio discurso. Capacidade essa que torna a linguagem possível e em que a subjetividade se dá. Ou seja, a enunciação ou o discurso construído por um sujeito é dirigido a outro e se refere a um determinado objeto.

No entanto, o pesquisador da AD deve ter em mente que para realizar a análise de discursos é necessário entender que o sujeito está inserido em um jogo de forças materiais objetivas que se esconde por trás da ideologia (DANTAS, 2012, p. 97).

## 1.5 Sujeito e enunciação

Benveniste (1976, p. 286 apud BRANDÃO, 2012) fala de plano enunciativo do discurso e plano enunciativo da história. O primeiro envolve um locutor e a intenção de influenciar o outro. O segundo destaca-se pelos fatos narrados e tempos verbais empregados no passado (BRANDÃO, 2012, p.29). Por enunciação entende-se o ato de produzir o enunciado para colocar a língua em funcionamento “por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82 apud BRANDÃO, 2012).

A autora explica que Benveniste “caracteriza toda enunciação como uma alocação e ele coloca no interior do mecanismo da enunciação a questão da construção do sentido na instância da enunciação” (BRANDÃO, 2012, p. 31).

O ato de enunciar como ato individual de apropriação da língua possui diversas formas linguísticas específicas que marcam “a subjetividade, a relação intersubjetiva, a posição do locutor em relação ao referente de que fala e em relação ao seu próprio ato e enunciação” (BRANDÃO, 2012, p. 31).

Essas formas linguísticas podem se apresentar nas formas de índice de pessoa que emergem na e pela enunciação (relação eu-tu); índices de ostensão (tipo este, aqui, lá.); por meio de paradigma das formas temporais que se determinam em relação ao ego, centro da enunciação (como os tempos verbais no presente, que coincide com o momento da enunciação); também das funções sintáticas que se realizam na e pela enunciação na medida em que o enunciador utiliza a língua para influenciar o comportamento de outro (a interrogação, a intimação, a asserção, os modos verbais - opinativo, subjuntivo, expressões, a incerteza, possibilidade, indecisão, etc); e, por fim, o quadro figurativo da enunciação que coloca em cena duas figuras igualmente necessárias e caracteriza a acentuação da relação discursiva entre os protagonistas da enunciação (eu e tu) (BRANDÃO, 2012, p. 31 - 32).

Para outro autor, Bakhtin (1979 apud BRANDÃO, 2012), há uma interação social no ato de enunciação que difere da relação eu-tu de Benveniste. Bakhtin procura acentuar mais o aspecto social da relação eu-tu, pois, para ele, a interação entre os sujeitos do discurso é o ponto central no dialogismo (BRANDÃO, 2012, p. 32). Assim, Bakhtin propõe um “sujeito social que se marca por uma atividade diferenciada. Esta diferenciação se dá no grau de consciência em relação à orientação” (BRANDÃO, 2012, p. 32).

Portanto, segundo Brandão (2012), o sujeito social que Bakhtin (1979) fala é o que

está inserido na história e tem orientação social e política. Seguindo o raciocínio, a palavra torna-se plurivalente e o conceito de polifonia é elaborado. Para ela, o “narrador se investe de uma série de máscaras diferentes e representa várias vozes, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue outras” (BRANDÃO, 2012, p. 33). Assim, como este trabalho analisa os textos de jornais que fazem referência à população de rua e foram retirados do *clipping* da Assessoria de Comunicação da Semas, ou seja, um órgão da Prefeitura, essas notícias poderiam influenciar o leitor a ter uma avaliação positiva ou negativa da gestão municipal através da construção do discurso dos jornais por meio de textos informativos e opinativos.

Outro autor que Brandão (2012) traz à luz é Ducrot. Este último diz que o acontecimento se constitui pelo aparecimento do enunciado, porque a realização de um enunciado, para ele, é um acontecimento histórico. Assim, Brandão (2012, p. 37) explica que

inspirado na teoria do dialogismo de Bakhtin, Ducrot propõe uma teoria da enunciação de caráter polifônico. O propósito dele é aplicar o conceito de polifonia no nível do enunciado: para cada enunciado - um sujeito. “Há um ser único autor do enunciado e responsável pelo que é dito no enunciado”. Para ele, um mesmo enunciado pode ter vários sujeitos; isto é, num jogo polifônico, um enunciado pode apresentar várias vozes.

É importante destacar a diferença entre os dois autores – Bakhtin e Ducrot – após ler o que Brandão (2012) explicita. Para o primeiro, o histórico é atravessado pelo social, pela valoração e ideologia do sujeito. Já para Ducrot, o acontecimento histórico se dá apenas no momento do enunciado, sendo caracterizado pelo aqui e agora.

Para Ducrot o sentido do enunciado ou discurso é realizado quando o sujeito falante transmite saber ao interlocutor sobre seu próprio discurso. Esse saber é transmitido através de atos do sujeito falante e quando o interlocutor reconhece esses atos, atribui-se sentido ao enunciado (DUCROT, 1987, p. 173 apud BRANDÃO, 2012). Como, por exemplo, o leitor identifica os atos ou palavras no jornal que transmitem um discurso.

Brandão (2012) lista alguns tipos de modalidades de indicações que descrevem a enunciação e que atribuem sentido ao enunciado: 1) Relativa à argumentação – orientações que levam a uma conclusão; 2) Relativas ao aspecto modal com indicações de caráter informativo e expressivo – o falante apresenta sua enunciação como resultado de uma escolha com o intuito de fornecer uma “informação distanciada sobre um objeto ou motivada pela representação desse objeto, deixando falar o sentimento” (BRANDÃO, 2012, p. 39); 3) Para Ducrot ainda há aquela relativa ao sujeito ou autores do discurso. E é nesse último ponto que

se dá a teoria da polifonia em que a origem do discurso tem como fonte mais de um sujeito.

Segundo Ducrot (1987 apud BRANDÃO, 2012), distingue-se sujeito falante, locutor e enunciador. O falante é aquele que tem existência no mundo real, o locutor é aquele responsável pelo enunciado e o enunciador corresponderia a pontos de vista sobre um objeto a partir de uma perspectiva. Ou seja, retomam a fala de alguém para dar um ponto de vista (DUCROT 1987, p. 198 apud BRANDÃO, 2012).

### **1.6 Discurso da informação**

Como o trabalho trata de matérias publicadas em 2012 pelos jornais Diário do Nordeste e O Povo referentes ao discurso construído por tais jornais sobre a população de rua de Fortaleza, cabe finalizar este primeiro capítulo esclarecendo como se processa o discurso da mídia ou a utilização da informação como forma de discurso.

Como já pôde ser constatado, o discurso difere-se da língua, mesmo que se compreenda que é com ela que o discurso é fabricado. Charaudeau (2006) explica que o discurso vai além das regras de uso da língua e resulta da combinação das circunstâncias em que se fala e se escreve. Portanto, para ele, descrever o sentido do discurso no âmbito da informação é “interrogar sobre a mecânica de construção do sentido, sobre a natureza do saber que é transmitido e sobre o efeito de verdade que pode produzir no receptor” (CHARAUDEAU, 2006, p. 40).

#### *a) mecânica de construção do sentido*

Para esclarecer o que vem a ser essa mecânica de construção do sentido é preciso entender que o sentido é construído pela “ação linguageira do homem em situação de troca social”, através de “um duplo processo de semiotização de transformação e de transação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

O autor diz que esse processo de semiotização de transformação se divide em transformar o mundo a ser significado em mundo significado. Ou seja, num processo de nomeação (identificar seres do mundo); qualificação (aplicar propriedade aos seres); narração (descrever ações); argumentação (fornecer motivos dessas ações); modalização (avaliar seres, propriedades, ações e esses motivos) (CHARAUDEAU, 2006, p. 41). E como o ato de informar inscreve-se nesse processo? Ao descrever os fatos, ao mesmo tempo em que conta ou reporta os acontecimentos, além de explicar as causas desses fatos e acontecimentos

(CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

Já o processo de transação consiste, para o sujeito que produz o ato de linguagem, em atribuir um objetivo a esse ato, ou seja, dar uma significação a esse ato através de: hipóteses sobre a identidade do outro; o efeito que pretende produzir no outro; o tipo de relação pretendida com o outro; e o tipo de regulação de acordo com esses parâmetros (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

Charaudeau (2006) explica que o processo de transação comanda o de transformação e que o ato de informar participa desse processo de transação porque faz “circular entre os parceiros um objeto que (...) um possui e o outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber (...) interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação ao seu estado inicial de conhecimento” (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

No discurso da informação, “o sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca” (CHARAUDEAU, 2006, p. 42). E no discurso da mídia essa informação pode pretender

(...) por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada. A interpretação se processará segundo os parâmetros que são próprios ao receptor. (...) Nem mesmo os organismos de informação podem escapar dos efeitos desse processo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 42 - 43).

*b) natureza do saber*

Além de interrogar sobre a mecânica de construção do sentido, Charaudeau (2006) também fala de interrogar sobre a natureza do saber, que é transmitida por quem fala, como forma de descrever o sentido do discurso no âmbito da informação.

Primeiramente o autor diz que o saber não tem uma natureza, porém, é resultado da construção do homem no exercício da linguagem a fim de tornar o mundo inteligível. Portanto, segundo o francês, o saber se estrutura de acordo como o homem orienta seu olhar para o mundo. Ou seja, o saber estrutura-se de acordo com a escolha da atividade discursiva escolhida pelo homem. Ele pode descrever “esse mundo em categorias de conhecimento; mas voltado para si mesmo, o olhar tende a construir categorias de crença” (CHARAUDEAU, 2006, p. 43). No caso dos jornais a serem analisados, será visto que não existe uma neutralidade nesse saber construído. De uma maneira ou de outra o saber é direcionado pela

visão de quem escreve. Podendo, esse saber, ser direcionado para tornar o mundo inteligível ou para tentar construir uma crença para o leitor – fazer o leitor crer no discurso escrito nas páginas do jornal.

O saber de conhecimento que o autor cita é justamente quando o homem tenta tornar o mundo inteligível, “colocando marcas de sua materialidade, determinando fronteiras que permitam distinguir o que é semelhante do que é diferente, estabelecendo relações de contiguidade e de substituição entre os elementos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 43). Assim, esse saber de conhecimento pode ser construído tanto pela aprendizagem das práticas da experiência quanto pela aprendizagem de dados científicos e técnicos (CHARAUDEAU, 2006, p. 44). Charaudeau caracteriza esses conhecimentos como:

Existencial: a percepção mental é determinada pela descrição da existência de objetos do mundo. (...) A enunciação informativa - serve para esclarecer uma conduta desejada ou imposta; Pode apresentar-se sob uma forma discursiva de definição (dicionários e manuais técnicos) ou indicações factuais: hora, direção, placas, ou pela imprensa (classificados); Evenemencial: a percepção mental é determinada pela descrição do que ocorre ou ocorreu, isto é, do que modifica o estado do mundo. (...) Numa enunciação informativa, serve para fazer ver ou imaginar (reconstituição), chamando atenção ora para o próprio processo da ação, ora para uma declaração, ora para a identificação dos atores implicados, ora para as circunstâncias materiais; (...) Explicativa: a percepção mental é determinada pela descrição do porquê, do como e da finalidade dos acontecimentos. Numa enunciação informativa, serve para fornecer ao destinatário os argumentos para tornar inteligíveis os acontecimentos do mundo, ou seja, com fundamento na razão (CHARAUDEAU, 2006, p. 44 - 45).

Já os saberes de crença resultam da atividade do homem de comentar, avaliar e apreciar o mundo de acordo com as regras de vida de quem, no caso deste trabalho, escreve para o leitor – ou transmite uma informação. Ou seja, os saberes de crença são uma tentativa, que o homem faz, de avaliação do mundo “quanto à sua legitimidade, e de apreciação quanto ao seu efeito sobre o homem e suas regras de vida” (CHARAUDEAU, 2006, p. 45). Portanto,

as crenças dependem, pois, de sistemas de interpretação: (...) avaliam o possível e o provável (...); apreciam os comportamentos segundo um julgamento positivo ou negativo. Quando essas crenças se inscrevem numa enunciação informativa, servem para fazer com que o outro compartilhe os julgamentos sobre o mundo, criando assim uma relação de cumplicidade. Ou seja, toda informação a respeito de uma crença funciona ao mesmo tempo como interpelação do outro, pois o obriga a tomar posição com relação à avaliação que lhe é proposta

(CHARAUDEAU, 2006, p. 46).

Assim, baseado em como os saberes de crença podem interpelar e causar efeitos no outro, o discurso produzido por jornais – o que se chama de discurso da informação – através de matérias, ou até mesmo de títulos dessas notícias, podem e devem ser interpretados por quem lê o jornal. E Charaudeau diz, então, que “é nosso direito indagar sobre os efeitos interpretativos produzidos por (...) manchetes de jornais” (CHARAUDEAU, 2006, p. 46). Segundo ele, “palavras usadas em situações recorrentes (...) acabam por tornar-se portadoras de (...) valores” (CHARAUDEAU, 2006, p. 46).

*c) efeito de verdade*

Falta explicitar o efeito de verdade que pode ser produzido em quem recebe a informação. Este último ponto tem a ver com o “acreditar ser verdadeiro” proposto por Charaudeau (2006). E para ter esse efeito de verdade – do acreditar ser verdadeiro – não precisa que seja realmente verdadeiro, mas que passe credibilidade. Um jornal que passa credibilidade ao leitor passa o efeito de verdade a ele e, portanto, quem lê o jornal acredita ou pressupõe que o que está escrito é verdadeiro. “O efeito de verdade”, segundo Charaudeau (2006, p.49), “surge da subjetividade do sujeito em sua relação com mundo (...) ao que pode ser julgado verdadeiro. (...) O efeito de verdade baseia-se na convicção”. Tem a ver com convicção porque os envolvidos no discurso tentam fazer o outro aderir às suas ideias, ao seu modo de ver o mundo.

Charaudeau (2006) ajuda a compreender como o discurso da informação modula o efeito de verdade. Primeiramente, quando a informação é pedida, o indivíduo precisa de “elementos de informação para nortear sua conduta” (CHARAUDEAU, 2006, p. 50). Além disso, o autor diz que o pedido de informação pode ser pressuposto pela organização da vida social, exigindo que os cidadãos sejam informados sobre seus direitos. “Trata-se de uma intencionalidade” em que o solicitante da informação atribui ao informante um saber ao realizar o pedido de informação (CHARAUDEAU, 2006, p. 50). É como se ao se dirigir a alguém pedindo uma informação, o solicitante estivesse dando o poder de competência a esse outro. Isso explica porque “toda recusa em informar pode ser considerada (...) uma afronta: ele não teria sido reconhecido como digno de ser informado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 51).

E quando a informação não é pedida? Segundo Charaudeau (2006), nesse caso, o informado pode interpretar que o informador transmite a informação: ou 1) por iniciativa própria ou 2) por obrigação.

1) Se for por iniciativa própria pode ser que o informador diga algo útil para o informado e este passa a ser devedor do informador. Ou então o informador age por interesse pessoal como forma de “despistamento (fazer crer na importância de uma notícia para não abordar certos temas de discussão) ou mesmo de intoxicação (vazamento proposital de informações) ou de barrigas (plantar uma notícia falsa)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 51).

2) No caso do informador informar por obrigação, Charaudeau (2006) diz que o informado é levado a acreditar que o informador teria o desejo de reter a informação: “a fim de evitar o surgimento de um contra-poder (frequente no domínio político) ou (...) a fim de se preservar. (...) Essa obrigação de informar pode ter origem em grupos de pressão, em autoridades ameaçadoras” (CHARAUDEAU, 2006, p. 51 - 52).

Outro ponto também deve ser analisado no discurso da informação: o crédito que se pode dar a uma informação. Tudo depende do efeito de verdade de quem informa e Charaudeau (2006) separa esses informadores em: informador com notoriedade; informador plural; e informador na forma de um organismo especializado.

O informador com notoriedade vem a ser uma pessoa pública que deveria, por sua posição social, não esconder informações de utilidade pública. Além disso, o que ele informa é digno de fé, mas nada o impede de ter intenções manipuladoras ao informar. Quando o informador é plural, a informação vem de várias fontes, o que provoca um reforço, “de confirmação de verdade” (CHARAUDEAU, 2006, p. 53). Quando as informações divergem, promovem “o confronto de testemunhos e de opiniões contrárias que devem permitir ao sujeito que se informa construir sua própria verdade consensual” (CHARAUDEAU, 2006, p. 53). Por último, quando o informador é um organismo especializado e trabalha em coletar e guardar as informações, esses tipos de informadores são considerados os “menos suspeitos de estratégias manipuladoras” (CHARAUDEAU, 2006, p. 53).

Pôde-se ver que cada informador tem um certo status, atrelando a ele um valor de verdade da informação: uma credibilidade prévia. Além disso, o autor diz que junto a esse status está o grau de engajamento do informador, produzindo-se efeitos sobre quem recebe a informação. “Trata-se do informador que teria interesse no valor da verdade da informação que transmite” (CHARAUDEAU, 2006, p. 54). Ele propõe três critérios que podem produzir diferentes efeitos sobre quem recebe a informação: 1) quando o informador explicita seu engajamento – a informação tem efeito de ser evidente sem ter contestação possível. É como se a verdade dependesse de si mesma para ser verdadeira. Acontece que basta que se prove a

falsidade da informação para que o informador seja desacreditado; 2) Já quando o informador explicita seu engajamento sob modo da convicção, ele deposita sua confiança na fonte que lhe fornece a informação. Charaudeau (2006) explicita, porém, que basta que o informador seja taxado como ingênuo ou ignorante para que a explicação de seu engajamento desmorone todo o valor de verdade; 3) o último critério de engajamento é quando o informador o explicita sob o modo da distância. É quando o informador expressa reserva, dúvida, hipótese e suspeita. Nesse critério, a informação é verdadeira até que surja prova em contrário (CHARAUDEAU, 2006, p. 54).

E quais são essas provas que atestam a veracidade ou não da informação? Segundo Charaudeau (2006) as provas são: a autenticidade, a verossimilhança e a explicação. Primeiro,

a autenticidade atesta a própria existência dos seres do mundo... Sem filtro do que seria o mundo empírico e a percepção do homem (...). Os meios discursivos utilizados para entrar nesse imaginário incluem o procedimento de designação, que diz: "O que é verdadeiro eu mostro a vocês." Daí os documentos e objetos que são exibidos e que funcionam como provas concretas; daí a função predominante da imagem quando esta tem a pretensão de mostrar diretamente ou não o mundo como ele é. (...) A verossimilhança caracteriza-se pela possibilidade de se reconstituir analogicamente, quando o mundo não está presente e os acontecimentos já ocorreram, a existência possível do que foi ou será. (...) Os meios discursivos (...) remetem ao procedimento de reconstituição, que diz: "eis como isso deve ter acontecido". Daí as sondagens, os testemunhos, as reportagens e todo um trabalho de investigação destinado a restabelecer o acontecimento tal como ele teria ocorrido. (...) A explicação caracteriza-se pela possibilidade de se determinar o porquê dos fatos, o que os motivou, as intenções e a finalidade daqueles que foram os protagonistas. (...) Os meios discursivos (...) remetem ao procedimento de elucidação, que diz: "eis porque as coisas são assim". Daí recorrer-se não só à palavra de especialistas, peritos e intelectuais, que são considerados capazes de trazer provas científicas e técnicas, como também (...) a uma exposição de opiniões diversas, através de entrevistas, interrogatórios, confrontos e debates, de modo a fazer surgir uma verdade consensual (CHARAUDEAU, 2006, p. 55 - 56).

Depois dessa explicação sobre o modelo de Charaudeau, cabe aqui uma breve reflexão sobre como a Assessoria de Comunicação da Semas, como informadora, pode ser vista pelos jornais e jornalistas analisados neste trabalho, através desse modelo proposto pelo autor, visto que os textos foram retirados do *clipping* do referido órgão e a ele fazem alusão. Mais à frente vê-se que há outros informadores a serem analisados, portanto, lança-se apenas uma reflexão

a respeito de um dos informadores.

Primeiramente, vale lembrar que Charaudeau diz que o sentido do discurso no âmbito da informação passa por um processo de semiotização de transformação. Nesse processo, a Semas se encaixa quando, como assessoria de comunicação, tenta transformar o mundo a ser significado em mundo significado, ou seja, nomeia, qualifica e argumenta, através de releases, o que deve ser publicado pelos jornais Diário do Nordeste e O Povo. Assim, a Semas inscreve-se nesse processo ao descrever fatos, reportar ou contar acontecimentos e explicar as causas e os fatos desses mesmos acontecimentos.

Como detentora da informação sobre trabalhos realizados visando o público atendido pela Semas – pessoas em situação de rua – a Assessoria de Comunicação deste órgão faz circular entre os jornais uma informação que eles não possuem, se encarregando, então, de transmitir e os jornais de receber e interpretar, modificando o estado inicial da informação passada. Cabe lembrar, porém, que, no modelo de Charaudeau, o discurso da mídia pretende por definição transparência, neutralidade e factualidade. Sendo então a informação passada de um órgão público da Prefeitura de Fortaleza como a Semas para os jornais, esse discurso deveria preceder de, pelo menos transparência e factualidade para os jornalistas que a recebem.

Ainda relembando o modelo do francês, apesar de ser um órgão público e, por sê-lo, as características, principalmente, de transparência e factualidade devem acompanhar a informação, a interpretação da informação dada será fornecida pelos jornais. É o chamado processo de transação. Como já foi dito: nem mesmo os organismos de informação podem escapar desse processo.

Assim, a Assessoria de Comunicação da Semas, ao transmitir informação para os jornais sobre os trabalhos realizados pelo órgão para população de rua de Fortaleza, tenta construir um saber de conhecimento aos jornalistas, marcando esse saber através das palavras utilizadas em seu discurso. Tentando fazer com que as palavras transmitidas pela assessoria sejam publicadas da mesma forma nas páginas dos jornais, pois, a assessoria estaria dando aos jornais todos os argumentos para tornar a informação inteligível com fundamento na razão.

Outra forma da Assessoria de Comunicação da Semas se encaixar nesse modelo de Charaudeau é quando ela modula o efeito de verdade ao transmitir uma informação. Seja quando a informação é pedida ou não. E quando a informação é pedida pelos jornais, essas companhias atribuem ao informante – Assessoria de Comunicação da Semas – um saber, um

poder de competência de informar.

Já no caso da informação não ser pedida pelos jornais e mesmo assim a Assessoria de Comunicação da Semas transmiti-la, os jornais e jornalistas podem interpretar que a assessoria está transmitindo a informação ou por iniciativa própria (seja para divulgar um evento, para dar uma informação útil à população de Fortaleza através dos jornais ou para despistar os jornais, no intuito de não abordar certos temas referentes à população de rua); ou a informação também pode ser transmitida por obrigação. Principalmente, porque como órgão público que é, a Semas teria a obrigação de esclarecer aos jornais sobre o que é pedido como informação. E a assessoria tendo que informar por obrigação levaria os jornalistas a acreditarem que o informador teria o desejo de reter a informação a fim de preservar a imagem da secretaria.

Por último, retomando o modelo de Charaudeau, a Assessoria de Comunicação da Semas pode ser classificada como informador com notoriedade. É aquele informador pessoa ou ente público e que, por sua posição social, não pode esconder informações de utilidade pública. Assim, o que a Semas informa poderia ser digno de fé.

A seguir, ver-se-ão os conceitos e fundamentos das teorias do *Gatekeeping* e da Agenda para posterior análise do discurso dos jornais O Povo e Diário do Nordeste referentes à população de rua de Fortaleza. Vamos entender como esse discurso da mídia é modulado ao passar da Assessoria de Comunicação da Semas para os jornais e vice-versa. Além de entender como e por que certos assuntos permanecem na mídia através do agendamento de notícias.

## Capítulo II – AS TEORIAS DA AGENDA E DO *GATEKEEPING*

Este capítulo explicita duas teorias – da Agenda e do *Gatekeeping* – que ajudam a entender porque certos assuntos são noticiados pela mídia e outros não. A partir da Teoria da Agenda será visto que assuntos são agendados pela mídia para seu público leitor e através da Teoria do *Gatekeeping* se entenderá como esses tópicos passam pelo processo de produção da imprensa até ser publicado nas páginas dos jornais. Estas duas teorias são essenciais para se realizar a análise dos tópicos mais noticiados dentro do assunto população de rua no capítulo das análises.

### 2.1 Teoria da Agenda

Para iniciar este segundo capítulo, faz-se necessário uma abordagem da Teoria da Agenda à luz de McCombs (2009) Ela se faz importante no desenvolver deste trabalho por deixar mais claro o papel que os mass media – meios de comunicação de massa – ( a exemplo dos jornais impressos O Povo e Diário do Nordeste) têm de influenciar as chamadas agendas políticas, social e cultural. E, porque não, como a assessoria de comunicação pode influenciar nas notícias que saem nos jornais com o intuito de utilizar esses meios como canal para manter ou não certos assuntos na agenda.

No caso deste trabalho, a Semas tinha como um dos públicos atendidos a população de rua de Fortaleza. Por ser um público que por muitas vezes era noticiado em matérias envolvendo as palavras drogas e assaltos, a Assessoria de Comunicação da Secretaria buscava enfatizar os trabalhos positivos realizados com eles. Fato este que será tratado mais a frente no terceiro capítulo. Assim, a Assessoria de Comunicação da Semas atuava neste caso como *news promoter*, ou seja, segundo Melotch e Lester (1974, p. 39 apud PEREIRA; LACERDA & MATTOS, 2005, p. 157 - 158) como agentes interessados na promoção ou não de certas ocorrências, assumindo o papel de informar ou não à mídia sobre certos acontecimentos quando racionalizavam as atividades a serem divulgadas a respeito da população de rua para os jornais (MORETZSOHN, 2002, p. 69 apud PEREIRA; LACERDA & MATTOS, 2005, p. 158). O papel da assessoria na antecipação do trabalho dos jornalistas com a intenção de influenciar o que a mídia noticia é o conceito de agendamento na perspectiva de Nelson Traquina (2001) “entendendo a cobertura dos assuntos políticos através das relações entre a

agenda pública, a agenda jornalística e a agenda política governamental” (PEREIRA; LACERDA & MATTOS, 2005, p. 157).

O parágrafo acima é somente para ilustrar como a assessoria de comunicação pode tentar influenciar para que os assuntos de suas companhias sejam ou não noticiados nas páginas de jornais. Lembra-se, no entanto, que a Semas poderia influenciar os jornais a publicarem tópicos a respeito do atendimento da Prefeitura à população de rua e a noticiarem assuntos sobre o perfil dessas pessoas, que era traçado a partir de dados estatísticos do órgão municipal. Porém, a Assessoria de Comunicação da Semas não poderia influenciar sobre o que a mídia publicava sobre esse público.

Depois desta breve explicação, é necessário entender que o agendamento, segundo McCombs (2009), é uma teoria da ciência social que mapeia a contribuição da comunicação de massa para saber porque as notícias da mídia passam a fazer parte da agenda do público. Entende-se, conseqüentemente, que o agendamento “é uma teoria sobre a transparência da saliência das imagens da mídia sobre o mundo às imagens de nossas cabeças” (McCOMBS, 2009, p. 111). Portanto, o que for noticiado como importante na mídia, acaba se tornando importante para o público também.

Voltando ao início, segundo McCombs (2009, p. 8), é importante saber que diversos cientistas sociais elaboraram estudos sobre o poder que os meios de massa têm de influenciar as agendas de nossas vidas. Foi assim, a partir de “uma descrição e explanação da influência que a comunicação de massa tem na opinião pública sobre os temas do dia” que a Teoria da Agenda evoluiu (McCOMBS, 2009, p. 12).

Após décadas de pesquisa MacCombs (2009) concluiu que os jornalistas influenciam significativamente nas imagens do mundo de suas audiências. Porém, o autor explica que esta influência de agendamento é apenas um “subproduto inesperado da necessidade dos noticiários diários de focar a atenção em somente alguns tópicos” (McCOMBS, 2009, p. 42). Portanto, vê-se que esse agendamento é feito com foco em alguns assuntos. Com base nisso é que o autor afirma:

Independentemente do veículo, um foco restrito sobre poucos temas transmite uma mensagem poderosa a uma audiência sobre quais são os mais importantes tópicos do momento. O agendamento dirige nossa atenção às etapas formativas da opinião pública quando então os temas emergem e logo conquistam a atenção do público, uma situação que confronta os jornalistas com uma forte responsabilidade ética para selecionar cuidadosamente os temas em suas agendas (McCOMBS, 2009, p. 42).

Esses temas, ou tópicos, possuem uma “saliência”, ou seja, um certo grau de facilidade ou dificuldade em passar da agenda da mídia para a agenda pública ou para uma agenda de assuntos públicos (McCOMBS, 2009, p. 43). E, como há uma “evidência forte de que é a mídia e seus relatos do mundo que definem a agenda pública”, então a Teoria da Agenda buscou e busca analisar como essa influencia se dá, através da saliência ou audiência de certos assuntos na agenda pública (McCOMBS, 2009, p. 63 - 64). Portanto, o agendamento é o efeito resultante do conteúdo da produzido pela comunicação de massa.

Segundo McCombs (2009) há mais de 400 estudos empíricos sobre o agendamento, “muitos seguindo o exemplo do estudo original de Chapel Hill<sup>1</sup> e conduzidos durante campanhas políticas, outros monitorando a opinião pública em períodos eleitorais” (McCOMBS, 2009, p. 65).

Esses estudos puderam verificar se os efeitos do agendamento funcionam quando a transferência da agenda da mídia para a pública é bem-sucedida. Através da análise dos experimentos, pôde-se constatar que esses efeitos “ocorrem em qualquer lugar no qual exista um sistema político relativamente aberto e um sistema midiático razoavelmente aberto” (McCOMBS, 2009, p. 65). Como isso ocorre em Fortaleza/Ceará, a Teoria da Agenda pode ser aplicada.

Para que um tópico passe de uma agenda à outra há uma competição de temas que é definida como o mais importante aspecto do processo de agendamento pelo autor (McCOMBS, 2009, p. 67).

MacCombs mostra os estudos do psicólogo George Miller que incluíam o “mágico número de sete mais ou menos dois” (MILLER, G.A, 1956, p. 81 - 97 apud McCOMBS, 2009, p. 67). Isso significa que a agenda do público pode incluir não mais que cinco a sete temas, de acordo com pesquisas empíricas apresentadas por McCombs em seu livro. E indo mais a fundo nesses estudos empíricos, o autor mostra um limite ainda inferior ao de Miller. “Em todos os levantamentos, a agenda pública variou de dois a seis temas” (McCOMBS, 2009, p. 68).

---

<sup>1</sup> Estudo realizado na cidade norte-americana de Chapel Hill com o propósito de investigar a capacidade de agendamento dos *media* durante campanha presidencial de 1968 dos Estados Unidos e de confrontar o que os eleitores desta cidade afirmaram ser as questões chave da campanha através do conteúdo dos jornais. Assim, foram verificadas se as ideias que os eleitores julgavam como temas relevantes foram moldadas pela cobertura dos meios de comunicação de massa.

### 2.1.1 Limite do agendamento de tópicos

Esse limite de dois a sete temas parece ser pouco, porém, alguns fatores esclarecem o porquê dessa variação de tópicos. Segundo McCombs (2009, p.68), esse limite de transferência de tópicos da agenda do público pode ser explicado pelo limite de recursos do próprio público, podendo ser ocasionado tanto pela falta de tempo quanto pela capacidade psicológica. Já o limite das agendas da mídia é consequência de um limite na quantidade de espaço no jornal e uma limitada quantidade de tempo para produzir a notícia.

Quanto ao limite de recursos do público, ou leitor dos jornais, em assimilar uma quantidade da agenda da mídia, Popkin (1991, p. 36 apud McCOMBS, 2009, p. 69) atenta para o fato da educação aumentar o número de temas considerados politicamente importantes pelos cidadãos por aumentar o número de conexões que eles fazem de suas próprias vidas aos eventos publicados.

Entretanto, segundo observa McCombs, não há diferença, em geral, de conhecimento sobre os assuntos entre as pessoas mais e menos educadas. Ou seja, é raro alguém com conhecimento profundo e detalhado sobre os assuntos públicos. A diferença é que pessoas com nível superior de educação leem jornais e discutem as notícias com a família, com os amigos etc. O que, segundo Popkin, significa que pessoas educadas possuem um amplo leque de assuntos, mas com informação limitada sobre tais tópicos (McCOMBS, 2009, p. 70).

Ainda sobre as pesquisas realizadas e analisadas por McCombs (2009), o autor constatou que cidadãos com mais anos de educação formal copiaram com mais intensidade a agenda da mídia. Isso quer dizer que não é apenas a educação que influencia na audiência de assuntos na agenda do público. Há outros fatores determinantes nessa saliência dos tópicos: "idade, educação. Renda, sexo e raça" (McCOMBS, 2009, p. 70). Porém, a educação deve ser considerado o fator mais importante por ter dois efeitos: "aumentar a atenção dos indivíduos à mídia noticiosa e sensibilizá-los a um amplo leque de assuntos que aparecem nas notícias" (McCOMBS, 2009, p. 73). E, como já foi dito, os mais bem educados não se aprofundam nos assuntos. Deve ser por isso que o autor diz que pessoas bem educadas não mostram tendências superiores a dos cidadãos menos educados para argumentar contra ou para "erguer barreiras psicológicas ao acatamento da agenda da mídia" (McCOMBS, 2009, p. 73).

Assim, os diferentes indivíduos aderem a agenda da mídia à própria maneira. E os efeitos do agendamento da mídia se manifestam quando alcançam a todos, "criando diferentes níveis de saliência entre os indivíduos". (McCOMBS, 2009, p. 74).

Não é só aderência aos assuntos da mídia que devem ser abordados. Já se sabe que a agenda varia de dois a sete tópicos e essa variação é influenciada pelo nível de educação de quem recebe a enxurrada de assuntos da comunicação de massa. Sendo um nível maior de educação o responsável por aumentar o leque de tópicos a serem absorvidos da agenda da mídia, porém, não necessariamente, os mais bem educados têm aprofundamento nos assuntos e não demonstram um desnível visível de argumentação desses assuntos se comparados aos menos educados. Ou seja, os mais bem educados absorvem um número maior de assuntos, mas sabem superficialmente sobre tais tópicos.

### 2.1.2 A duração dos efeitos

Para começar, destaca-se a pergunta feita por McCombs (2009, p. 75): “quanto tempo é necessário para que um assunto veiculado pela mídia transforme-se em algo saliente na agenda pública?”. E é ele mesmo quem responde: “os efeitos do agendamento estão longe de ser instantâneos, mas são relativamente de curto prazo”. Isso McCombs afirma a partir de três investigações que analisaram o estímulo e a força de diferentes tipos de meios de comunicação de massa e diferentes assuntos. Assim, o autor também observou que notícias com alto envolvimento pessoal têm um período de tempo de saliência ainda mais curto (McCOMBS, 2009, p. 77).

Dentro desses período curto de tempo, a audiência de assuntos noticiados na mídia é absorvida não por uma pequena parcela, mas por uma quantidade significativa de pessoas. É um processo de aprendizagem, segundo McCombs (2009, p. 80), “contínuo e virtualmente invisível” de “aprendizagem casual dos mass media”. O autor explica que como se dá esse processo no público:

As pessoas aprendem dos mass media. Elas aprendem um montão de fatos, muitos dos quais elas incorporam em suas imagens e atitudes sobre uma variedade de objetos. Elas também aprendem sobre os mais importantes temas do momento, incorporando a agenda dos *mass media* em suas próprias agendas dos tópicos centrais do que a sociedade enfrenta. Os *mass media* são professores cuja principal estratégia de comunicação é a redundância. (...) (McCOMBS, 2009, p. 80) .

Nas pesquisas de McCombs (2009, p. 82) ficou evidente, então, a influência do agendamento da mídia sobre uma ampla variedade de assuntos e situações em “termos de geografia, períodos históricos, ambientes políticos”.

Ficou ainda evidente que o público está envolvido em um processo contínuo de aprendizagem sobre os assuntos públicos. Esse processo dos efeitos do agendamento são formatados pelas características das mensagens da mídia e pelas características dos cidadãos, sendo este último em menor grau (McCOMBS, 2009, p. 87).

É importante destacar que a influência destas mensagens, apesar de depender da atenção que as pessoas lhes prestam, têm a influência de onde o conteúdo está disposto, como, por exemplo, matérias " de primeira página no jornal têm duas vezes mais leitura do que as que aparecem em suas páginas internas. Matérias com ilustração gráfica atrativa e títulos maiores atraem mais leitores. Muitas outras características do jornal - e características análogas de televisão e de outros veículos de comunicação - influenciam o alcance do sucesso da comunicação massiva numa audiência (MCCOMBS, 2008, p.87-88).E se a comunicação de massa “é uma transação entre um único membro da audiência e uma mensagem da mídia”, esse efeito de agendamento pode variar de pessoa para pessoa. Então, como explicar por que o agendamento ocorre?

### **2.1.3 Porque o agendamento ocorre**

Basicamente, o agendamento ocorre por causa da necessidade de orientação do público. E McCombs (2009) explica que essa necessidade de orientação é a resposta psicológica para a transferência da agenda da mídia para a pública. Segundo o autor, a necessidade do indivíduo por orientação é definida pelos seguintes conceitos: relevância e incerteza. A primeira é a “condição definidora inicial da necessidade de orientação” e quando “a relevância para o indivíduo é baixa ou inexistente, a necessidade por orientação é baixa” (McCOMBS, 2009, p. 90 - 91). Além disso, o autor diz que a relevância de um tópico para toda a sociedade surge de muitas fontes. Ou seja, se os dois jornais - Diário do Nordeste e O Povo - publicarem matérias sobre a população de rua de Fortaleza, abordando, de certa maneira, os assuntos ‘assaltos’ e ‘moradores de rua’, o tópico poderá ganhar relevância e passar da agenda da mídia para a agenda do público. Para exemplificar, o autor mostra os resultados de algumas pesquisas quanto à razão para os tópicos se destacarem na agenda do público:

As razões para os assuntos terem mais destaque foram quase três vezes tão frequentes quanto as causas que levam um tema a ter menos destaque. (...) Um terço das respostas citou a ameaça à sociedade como uma razão para deslocar um tema para uma posição de mais destaque na agenda. Outra quarta parte das respostas citou as consequências sociais (...) por exemplo, desemprego leva à pobreza. A ameaça pode estar implícita (McCOMBS, 2009, p. 92).

Quanto à incerteza, esse seria outro conceito descrito por McCombs (2009) para despertar a necessidade por orientação e, conseqüentemente, a transferência da agenda da mídia para a agenda do público. Há fases em que tanto a relevância como a incerteza se tornam altas e aumentam ainda mais o nível de saliência ou audiência. Assim, “quanto maior for a necessidade de orientação que as pessoas têm no âmbito dos assuntos públicos, maior é a probabilidade delas atentarem para a agenda da mídia” (McCOMBS, 2009, p. 94).

É importante frisar, porém, que o conceito de necessidade de orientação não fazia parte da teoria do agendamento até poucos anos atrás, pois, nos estudos originais na cidade de Chapel Hill, a teoria se baseava exclusivamente em pessoas com alto grau de orientação, prescindindo, portanto, da necessidade da mesma (McCOMBS, 2009, p. 96 - 97).

Vê-se, então, que

Os efeitos do agendamento são mais do que o resultado de quão acessível ou disponível um tópico está presente na mente do público. Muito embora a medida empírica mais usualmente utilizada para prever estes efeitos seja a quantidade de cobertura noticiosa para um tema na agenda da mídia, a saliência de um tema no público não é uma questão simples de sua disponibilidade cognitiva. (...) A frequência da cobertura de um tema no noticiário é parte da explicação dos efeitos do agendamento, mas somente em conjunto com a relevância psicológica dos itens na agenda da mídia nos membros do público. A saliência pública é o resultado combinado da disponibilidade e a relevância pessoal (McCOMBS, 2009, p. 97 - 98).

A experiência pessoal, citada por McCOMBS (2009), é a outra fonte de informação dos assuntos públicos que não os *mass media*. Segundo o autor, a nossa experiência pessoal seria tema de nossas conversas informais no cotidiano que nos informam sobre muitos temas. Ou seja, alguns temas, considerados intrusivos, “se inserem em nossas vidas diárias e são experimentados diretamente. Outros assuntos não são intrusivos. Nós os encontramos somente nas notícias, não diretamente em nossas vidas diárias” (McCOMBS, 2009, p. 99). Sobre isso o autor define que

os temas intrusivos são definidos como tópicos que intervêm na vida diária das pessoas, a experiência pessoal em muitas instâncias orientará suficientemente os indivíduos na situação em que estão inseridos. O resultado é uma necessidade baixa para qualquer orientação adicional, uma

circunstância que prevê baixas correlações entre a agenda da mídia e a agenda do público. (...) Por outro lado, a experiência pessoal não é fonte suficiente de orientação para temas não intrusivos. Para estes, uma suposição teórica é que a agenda da mídia é usualmente a fonte primária de orientação, a fonte para qual as pessoas se voltam para reduzir sua incerteza (McCOMBS, 2009, p. 102 - 103).

Entretanto, apesar da experiência não ser o suficiente para saciar a necessidade de orientação dos indivíduos, a combinação entre a mídia e essa experiência, no caso desta influenciadora a necessidade de orientação, produzem um efeito ainda maior de agendamento (McCOMBS, 2009, p. 105 - 106).

Lembrando, porém, que a educação sempre é um fator ligado a essa necessidade de orientação também, pois, segundo McCombs (2009), as pessoas com alto grau de orientação são mais propensas a procurarem os jornais para saber mais detalhes sobre certo tópico.

Alguns críticos citados por McCombs falaram a respeito dessa necessidade de orientação que pode ser o engate para a busca de informações mais detalhadas do público nos jornais. Kosicki, (apud McCOMBS, 2009, p. 109), por exemplo, diz que a necessidade de orientação fornece uma explicação psicológica detalhada de por que os efeitos do agendamento ocorrem. Assim, diz McCombs (2009, p. 111), “o grau de ênfase colocado nos tópicos das notícias influencia a prioridade dada a eles pelo público” (McCOMBS, 2009, p. 111).

Salienta-se ainda que a atenção dos jornalistas pode ser disputada por um único ou vários objetos e/ou audiências e esses tipos de objetos “que podem definir uma agenda na mídia e no público são ilimitados” (McCOMBS, 2009, p. 113). Mais importante do que esses objetos pode ser o processo de “seleção dos objetos para conquistar a atenção como a seleção dos atributos para descrever aqueles objetos” (McCOMBS, 2009, p. 113). E é aí que o papel da assessoria de comunicação se torna importante, à medida que constrói textos com atrativos na linguagem e no conteúdo para conseguir a atenção dos jornalistas e conseqüentemente uma matéria no jornal. Isso porque, mesmo que inconscientemente, sabe-se “que a mídia não só nos diz sobre o que pensar, mas que ela também nos diz como pensar sobre os objetos (McCOMBS, 2009, p. 115). Portanto, a função de quem administra a imagem de um órgão “em todo o mundo é assegurar cobertura noticiosa e formular uma campanha publicitária que irá aumentar a saliência” do objeto de seu interesse entre os leitores (McCOMBS, 2009, p. 116). Lembrando que essa campanha publicitária também pode ser vista como os releases,

eventos e programas da Semas divulgados pela própria assessoria para a mídia e para o público.

## 2.2 Teoria do *Gatekeeping*

A base para a abordagem deste tópico é a Teoria do *Gatekeeping*, conforme exposta por Shoemaker & Vos (2011). A partir dele, tentará ser explanado como e porque apenas uma parte das notícias chega às pessoas. E é assim que os autores explicam esse processo, como de “transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 11). A partir daí, esse processo também determinará “qual será o conteúdo e a natureza” das mensagens (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 11).

Entende-se *gatekeeping* quando se compreende o que um *gatekeeper* faz. Ele determina “aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa, sua forma particular de ver o mundo” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 14). E o efeito mais óbvio do *gatekeeping* na audiência é cognitivo. Ou seja, modela a compreensão da audiência sobre o modo de funcionamento do mundo (RONEY, 1983 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 14). É como se uma informação passasse por portões ou etapas de aprovação até ser publicada, tornando-se parte da realidade social das pessoas. E as decisões acerca do que vai ser publicado, segundo Alexander (1981, apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 14 - 15), “também envolvem uma dimensão de avaliação e têm potencial de influenciar atitudes e opiniões”. Isso pode ser comprovado, de certa forma, quando pesquisas sobre como a agenda do público se estabelece diante da agenda da mídia mostram que, como afirmam McCombs & Shaw (1976 apud, SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 15), “os assuntos que atravessam os portões são considerados os mais importantes pela audiência e afetam a opinião pública acerca do item em questão”.

Falando de influência da mídia na opinião pública, Shoemaker & Vos (2011) dizem que ela chega ao seu ápice quando as versões de realidade de um veículo de comunicação para outro estão de acordo umas com as outras. É o que Noelle-Neumann (1980 apud SHOEMAKER & VOS, 2011) chama de versão consoante da realidade, como sendo o resultado da uniformidade de um fato apresentado pela mídia de maneira parecida. A

consequência disso é uma quantidade limitada de informações para formar opiniões, porém, dizem Shoemaker & Vos (2011, p. 15), “as representações de mundo produzidas pela mídia não são sempre consoantes; a vasta quantidade de decisões tomadas pelos *gatekeepers* não resulta *necessariamente* em imagens uniformes da realidade social”. Não resultam necessariamente, mas quando um mesmo evento é noticiado por diferentes jornais, esses veículos de comunicação influenciam uns aos outros e as informações tendem a serem publicadas de maneira uniforme, porque os jornais tendem a “replicar” o que foi feito anteriormente (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 16).

Com essa uniformidade das publicações, apenas uma parte dos acontecimentos é selecionada para publicação, porém, quando vários “veículos de comunicação” competem no “mercado de ideias” pela melhor notícia a ser veiculada se torna mais difícil esconder a verdade dos fatos (CARTER; FRANKLIN & WRHIGHT, 2005 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 12). Segundo Shoemaker & Vos (2011, p. 13), as semelhanças nas notícias podem acontecer à medida que os jornalistas começam por uma informação sobre o mesmo sistema social - mesma cidade, estado, bairro etc - diferenciando-se, apenas, quando se tratam de produções de cunho opinativo - editoriais, artigos, pontos de vista.

Na visão dos autores, em resumo, “a Teoria do *Gatekeeping* descreve o processo pelo qual os eventos são cobertos pelos veículos de comunicação em massa, explica-o considerando conceitos em cinco níveis de análise e mostra como é difícil prever qualquer coisa que envolva pessoas” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 14).

### **2.2.1 Os modelos de *gatekeeping***

Para entender como se dá o processo do *gatekeeping*, propõe-se entender alguns modelos de *gatekeeping*, como o de Lewin (1947a, p.144 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p.25). O modelo de Lewin mostra como os alimentos percorrem dois canais até chegarem à mesa das famílias. Shoemaker & Vos explica melhor como esse movimento pelos canais ocorre:

Os canais estão divididos em seções e na frente de cada uma há um portão que regula o movimento pelo canal. As forças em ambos os lados do portão podem restringir ou facilitar o movimento dos itens pelos canais (Lewin, 1947a, p.144). (...) Em cada uma das seções, o alimento pode ser rejeitado ou aceito (...). (...) A entrada para um canal

e para cada uma das seções constitui um portão, e o movimento dentro do canal é controlado por um ou mais *gatekeepers* ou por um *conjunto de regras* imparciais (LEWIN, 1995, p. 186, apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 25 - 26).

Quando esse processo é visto em notícias que são veiculadas na mídia é bom deixar claro que o *gatekeeping* “envolve não apenas a seleção ou rejeição de itens, mas também o processo de modificá-los de forma a torná-los mais atraentes para o consumidor final” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 26). Porém, o que vai determinar se um dado item atravessará os portões ou não são essas determinadas forças que podem vir dos *gatekeepers* (repórteres, editores, donos de jornais, etc) ou de um determinado conjunto de regras dos jornais. Finalizado a explicação do modelo e Lewin, dizem os autores:

Embora os termos canal, seção e portão impliquem estruturas físicas, está claro que não se trata em absoluto de objetos, mas de que esses representam um processo que descreve a razão pela qual e o modo como alguns itens completam seu caminho, passo a passo, da descoberta ao uso. As seções correspondem ao que ocorre no canal, como o processo de revisão editorial. Os portões dizem respeito a momentos de decisão ou ação. Os *gatekeepers* determinam quais unidades passarão para determinado canal e quais passarão de uma seção à outra, exercitando suas próprias preferências e/ou agindo como representantes que cumprem uma série de políticas preestabelecidas. Eles também decidem a respeito das mudanças que devem ou não ser feitas nos itens (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 28).

Um dos modelos mais famosos de *gatekeeping* é o de David Manning White e Mr. Gates. Durante um certo período de tempo, White pediu para o editor de agências de um jornal, que ele identificou como Mr. Gates, guardar todos os textos da Associated Press, United Press e News Service, além de fornecer explicações do porquê os itens rejeitados pelo editor não tenham sido usados. A conclusão de White foi que a seleção, ou não, de assuntos feita por Mr. Gates foi “altamente subjetiva” (WHITE, 1950, p. 386 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 28). Mais tarde, em 1966, Paul Snider realizou novamente o mesmo estudo com o mesmo Mr. Gates e apresentou os mesmos resultados vistos por White. Segundo Shoemaker & Vos (2011, p. 29), “a seleção de histórias ainda se baseava naquilo que ele gosta e que acreditava que seus leitores queriam ler”. De acordo com Snider (1967, p. 426 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 29), Mr. Gates via a notícia como “o relato diário sobre eventos e personalidade, que aparece em diversas formas, e que deve ser apresentado da maneira mais diversificada possível para que haja uma dieta balanceada”.

Outros estudos do *gatekeeping* revelaram mais resultados interessantes. Como, por exemplo, o modelo de Gieber (1956 apud SHOEMAKER & VOS, 2011). Nele, o autor relatou que a subjetividade pessoal era menos importante no processo de *gatekeeping* que considerações estruturais, como, por exemplo, “o número de itens jornalísticos disponíveis, seu tamanho e as pressões do tempo e produção mecânica” (GIEBER, 1964, p. 165 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 30). Ou seja, a instituição e suas rotinas têm um peso maior do que a subjetividade do jornalista.

Já Westley & MacLean (1976 apud SHOEMAKER & VOS, 2011) misturaram os modelos organizacional e interpessoal para a noção de *gatekeeping*. Para entender o modelo de Westley e MacLean, primeiro vê-se que o modelo interpessoal de Newcomb (1975 apud SHOEMAKER & VOS, 2011) mostra que o ato comunicativo “envolve a transmissão de informação sobre objeto; o modelo mais simples envolvia uma pessoa A que envia informação sobre um objeto X para uma pessoa B” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 30). Com esse modelo de Newcomb em mente, imagina-se uma expansão do mesmo para incluir C, significando um canal da comunicação de massa, no qual a organização é o gatekeeper. Assim, no modelo completo havia X indicando uma mensagem e f designando o feedback (WESTLEY & MACLEAN, 1957, p. 35 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 30). E segundo a explicação de Shoemaker & Vos (2011, p. 30), no modelo de Westley & MacLean “a informação pode fluir entre A e B através de C ou pode simplesmente pular o canal da mídia de massa. O modelo também mostra que algumas informações são rejeitadas” ( e outras apenas modificadas pelos *gatekeepers*. Portanto, para Westley (1953 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 30) a avaliação de notícias era a explicação para as decisões do *gatekeeping*. Para entender melhor este modelo, observa-se a figura abaixo:

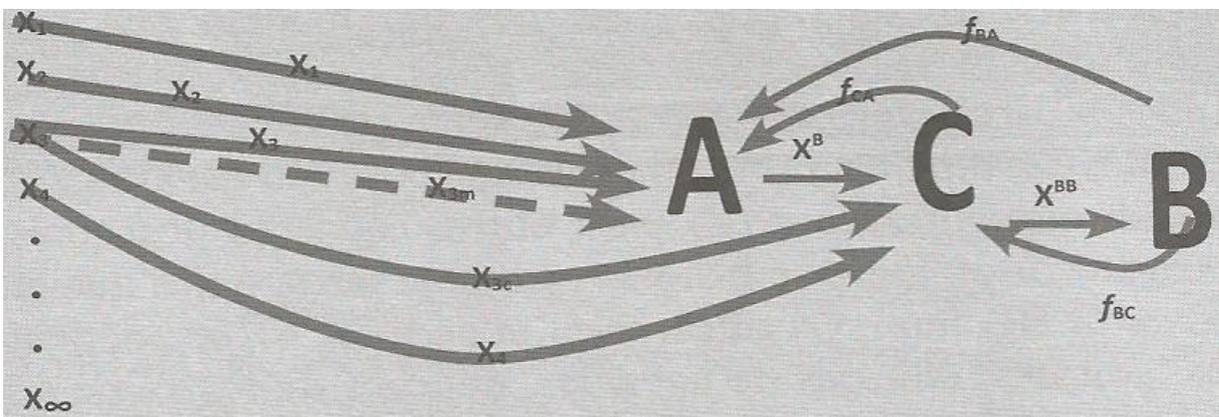


Figura 1: Ilustração do modelo de Westley e MacLean retirada do trabalho de Shoemaker & Vos (2011, p. 31).

Sobre os modelos acima, os autores dissertam que

Enquanto o estudo de White focava as decisões de uma pessoa, o estudo de Gieber e o modelo de Westley e Maclean tratam a organização de mídia como algo monolítico, com trabalhadores individuais atuando coletivamente como um gatekeeper, presume-se, obedecendo a um conjunto de regras. Por exemplo, o estudo de Gieber (1956) com dezesseis editores de agências enfatizou que não eram as atitudes ou os atributos dos indivíduos que importavam, mas as restrições impostas pelas organizações ao indivíduo. (...) Por outro lado, White entendia o gatekeeping como um processo desempenhado por pessoas, não organizações. Para ele, as decisões eram influenciadas pelos valores e características do indivíduo e por restrições impostas pelas organizações, tais como o prazo final (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 31).

Quanto aos indivíduos envolvidos no processo do *gatekeeping*, Bass (1969, p. 72 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 33) considera como mais importantes os coletores e os processadores de notícias. Para ele, o indivíduo dentro da organização é o que interessa, ou seja, “o indivíduo representa a organização à medida que faz aquilo que é necessário para o fluxo das mensagens de notícias” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 33). Para Bass, os coletores de notícias seriam, no jornal impresso, os redatores, chefes de redação e repórteres. Já os processadores corresponderiam àqueles que modificam e integram “o material em um produto acabado que pode ser transmitido para a audiência. Entre os processadores de notícias estão editores, revisores e tradutores” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 33). Portanto, diferentemente da pesquisa de White com somente um gatekeeper, o estudo de Bass parte de múltiplos *gatekeepers* enquadrados entre dois tipos: coletores e processadores de notícias.

Quanto ao coletor de notícias, Halloran, Elliot e Murdock afirmam que está entre os tipos deste o primeiro gatekeeper: o repórter de rua. Ou seja, o gatekeeping não começa na redação com o processador de notícias, mas com o coletor, correspondente ao repórter (1970, p. 131 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 33).

E é na relação do repórter com a fonte que Chibnall (1977, p. 7 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 34) classifica como a parte mais importante do *gatekeeping*. Pois, “no momento em que a mensagem chega ao editor, as decisões de *gatekeeping* mais importantes já foram tomadas”. Quando, por exemplo, o repórter faz uma matéria a respeito da população de rua e não fala com essas pessoas, ele está definindo que a fala dos moradores de rua nem irá passar pelos *gatekeepers*.

Todavia, há materiais que, apesar de serem provindos de fontes, já vêm modificados.

São as notícias das assessorias de comunicação (ou relações públicas), que, segundo Gandy (1982 apud SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 34) devem ser atraentes e de fácil uso pela mídia. Como descreve Shoemaker & Vos (2011, p. 34),

Em tais casos, boa parte do recolhimento e do processamento ocorre antes que o item chegue à atenção do jornalista/gatekeeper. Isso aumenta substancialmente a probabilidade do item ser selecionado e passar por um portão da mídia, e assim gatekeepers passam a ser não só coletores, fontes e processadores, mas também profissionais de relações públicas e demais representantes de grupos de interesse que querem modelar o conteúdo da mídia de massa.

No capítulo das análises poderá ser visto, já que os textos desta pesquisa foram retirados do *clipping* da Assessoria de Comunicação da Semas, como este setor do órgão tentava pautar em suas respostas para os assuntos da mídia envolvendo questões negativas sobre a população de rua, por exemplo, os programas da Semas.

Portanto, vê-se que a notícia passa por diversos portões, os *gatekeepers*, que “podem facilitar ou restringir a difusão de informação conforme decidem quais mensagens permitirão atravessar os portões e quais impedirão, transformando-os em importantes atores no processo de difusão” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 36). Porém, nem todos os *gatekeepers* têm a mesma força. Alguns possuem um maior controle: são aqueles que decidem como a notícia será publicada (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 36).

Após a explanação destas teorias, será feita análise das matérias dos jornais Diário do Nordeste e O Povo no próximo capítulo, a partir dos conceitos, fundamentos e teorias até então apresentados.

### Capítulo III – ANÁLISE DOS JORNAIS DIÁRIO DO NORDESTE E O POVO

Este capítulo será dedicado à análise das matérias coletadas pela Assessoria de Comunicação da Semas em 2012, através de *clipping*, para catalogar o que era publicado nos jornais (Diário do Nordeste e O Povo) sobre a população de rua de Fortaleza, um dos públicos atendidos pela secretaria.

#### 3.1 Aspectos para a análise

Antes de realizar o estudo das matérias publicadas em 2012 pelos jornais Diário do Nordeste e O Povo a respeito da população de rua de Fortaleza, apresenta-se primeiro como essas notícias se deram nas páginas do jornal. Compilando as informações, viu-se que as matérias sobre este público foram publicadas, no jornal Diário do Nordeste, nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril, julho, agosto, setembro e outubro. Dentro desse período, foram 21 matérias distribuídas entre as editorias de *Cidade*, *Caderno 3*, *Gente*, *Opinião* e *Negócios*.

Na editoria de *Cidade* foram publicados 14 (quatorze) dos 21 (vinte e um) textos sobre população de rua, enquanto que na de *Negócios* foram 3 (três) notas, no *Caderno 3* foram 2 (dois) textos e nas editorias *Gente* e *Opinião* apenas uma nota em cada, no ano de 2012. Assim, pode-se observar, no gráfico abaixo, que o caderno *Cidade* publicou mais sobre a população de rua em comparação às outras editorias:

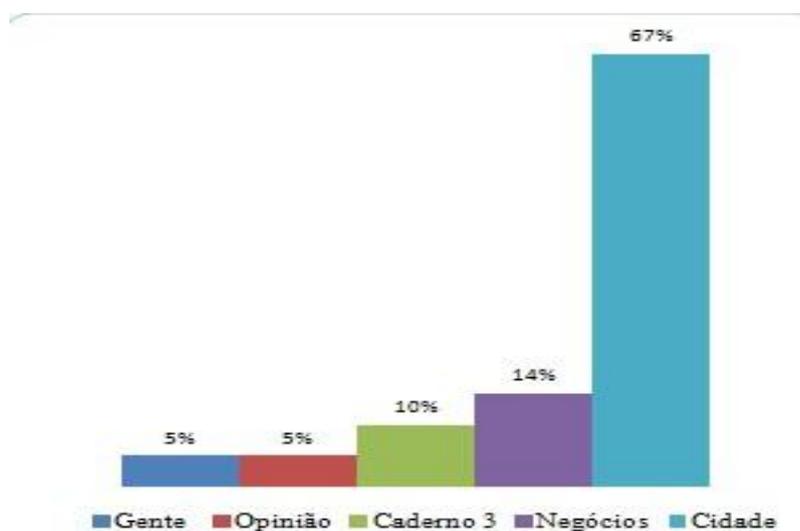


Gráfico 1: Comparativo entre as editorias do jornal Diário do Nordeste.

Dos 14 (quatorze) textos (67%) na editoria de *Cidade*, 9 (nove) eram de *caráter informativo* e 5 (cinco) saíram na coluna *Comunicado* do jornalista Roberto Maciel. Lembrando que a editoria de *Cidade* foi a única a publicar *textos informativos* à respeito da população de rua. Assim, percebe-se uma maior publicação de textos de *caráter informativo* sobre a população de rua de Fortaleza na editoria *Cidade*. Em comparação com outras notícias, este tipo de texto concentrou 43% das publicações do jornal sobre o objeto deste trabalho.

Ainda a respeito da editoria *Cidade*, apenas 3 (três) das 14 (quatorze) notícias foram destaque na capa do jornal. Além disso, estes destaques eram de matérias de caráter *informativo*.

Já em *Negócios*, as 3 (três) matérias veiculadas saíram na coluna *Vaivém* do jornalista José Maria Melo. Ou seja, esta coluna concentrou 14% das matérias que saíram no jornal sobre os moradores de rua.

Na editoria de *Opinião*, na sessão *Leitores e Cartas*, que mostra a visão de um leitor do Diário do Nordeste no jornal a respeito de um assunto específico, concentrou 5% dos textos sobre o objeto deste trabalho, ou seja, apenas um texto foi publicado nesta editoria em 2012.

E, por fim, as editorias *Gente* e *Caderno 3* publicaram, juntas, 3 (três) matérias em duas colunas diferentes da mesma jornalista: Regina Marshall. A jornalista escreve na coluna intitulada *Regina Marshall*, que publicou 10% das matérias sobre pessoas em situação de rua. E também escreve a coluna *Gente*, que contabilizou 5% das notícias referentes ao objeto do trabalho.

Já o jornal O Povo publicou 10 matérias sobre população de rua nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e julho. Das matérias publicadas, 9 (nove) saíram na editoria *Cotidiano* e apenas uma na editoria de *Opinião*. Portanto, a editoria que cobre a cidade de Fortaleza - *Cotidiano* - concentrou 90% das matérias publicadas no jornal O Povo sobre pessoas em situação de rua, como se observa no gráfico:

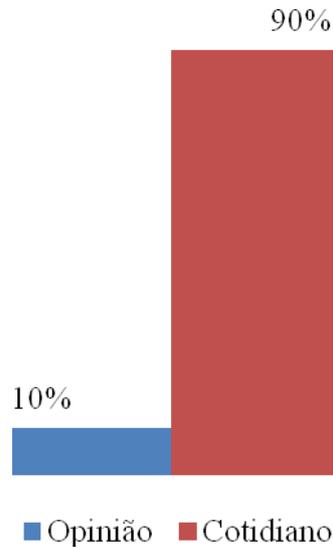


Gráfico 2: Comparativo entre as editorias do jornal O Povo.

Na editoria *Cotidiano*, contabilizou-se 4 (quatro) *textos informativos* que abordavam sobre os moradores de rua; além de 2 (duas) publicações na coluna *O Povo nos Bairros*, uma feita pelo jornalista Geimison Maia e outra pela jornalista Rosa Sá; 3 (três) na coluna *Vertical* do jornalista Eliomar de Lima. Assim como no Diário do Nordeste, os *textos informativos* do jornal O Povo discutiram mais sobre população de rua (40%) que as colunas e as outras editorias do mesmo jornal.

Na editoria de *Opinião* publicou-se apenas uma matéria no formato *Editorial* sobre a situação dos moradores de rua da Cidade.

Dentre as 10 matérias publicadas no jornal O Povo, apenas uma obteve destaque na capa. Sendo assim, observa-se que os dois jornais publicaram, juntos, 31 matérias sobre os moradores de rua. Todavia, nem todos os textos tiveram a Semas como fonte para esclarecer algum fato ou circunstância a respeito dos trabalhos realizados pela secretaria para este público atendido pelo órgão. Dos 10 textos do jornal O Povo, 5 (cinco) usaram a secretaria como fonte. Já no Diário do Nordeste, dos 21, 11 (onze) tiveram a Semas como fonte.

Com esses aspectos claros na mente, passa-se, então, para a análise do discurso da informação dos jornais, por meio do qual o analista estabelecerá as regularidades no funcionamento dos discursos, como observou Orlandi (2005).

### 3.2 Diário do Nordeste – textos informativos

O jornal Diário do Nordeste tem tiragem diária e em sua missão institucional apresenta-se como “provedor da informação com independência, imparcialidade e respeito pelos princípios éticos, contribuindo para a formação da cidadania, com sustentabilidade, e sendo um instrumento de defesa dos valores democráticos”. No expediente do jornal, declara-se “comprometido com negócio, cordialidade, respeito e confiança”. Além da “credibilidade, entusiasmo, ética, independência, inovação, responsabilidade socioambiental, qualidade e valorização das pessoas”.

Depois desta breve apresentação, para melhor visualizar o discurso da informação, será utilizado o que se falou até aqui sobre este tipo de enunciado à luz de Charaudeau (2006), Orlandi (2005) e Brandão (2012). Além disso, para facilitar a sistematização do corpus deste trabalho, apresenta-se a tabela 1 abaixo, enumerando os textos informativos a serem analisados. Nela constam os títulos das matérias e as datas por ordem cronológica. Assim, quando falarmos da matéria nº 01, por exemplo, a referência será para o texto de título Viadutos viram casas e restaurantes do dia 10 de janeiro de 2012:

<b>Textos informativos</b>		
<b>Número</b>	<b>Editoria/Título</b>	<b>Data</b>
01	Cidade/Viadutos viram casas e restaurantes	10/01/2012
02	Cidade/Orla da Beira-mar vira dormitório	19/01/2012
03	Cidade/Periferia domina mercado do Crack	28/01/2012
04	Cidade/Insegurança afasta fiéis de Igreja	13/04/2012
05	Cidade/Mais de 1/3 dos moradores de rua vêm do interior	11/07/2012
06	Cidade/Família é removida de viaduto da Antônio Sales	04/08/2012
07	Cidade/Protesto cobra direitos de moradores de rua	20/08/2012
08	Cidade/80% das pessoas em situação de rua da capital são do interior	26/09/2012
09	Cidade/Morador de rua morto a pedradas	06/10/2012

*Tabela 1: Textos informativos do Diário do Nordeste publicados em 2012 sobre população de rua.*

Para iniciar a análise, vê-se que nas matérias 01, 02 e 06 foi discutido o fato de pessoas estarem morando nas ruas da capital. Através dos *discursos diretos* e *indiretos*, o

jornal marcou e localizou o próprio discurso, formando-o através da fala de entrevistados. Exemplo disso é quando o repórter escreve com as próprias palavras o que o entrevistado quis dizer (*discurso indireto*) e depois complementa este tipo de discurso com o *direto* – aquele marcado pelo uso de aspas. Por exemplo, o texto número (nº) 01 diz:

*Para o motorista Antônio de Souza, é preciso que a prefeitura retire as pessoas desse local devido ao perigo que elas levam para o restante da população.*

Ele indica de maneira indireta o que o motorista pensa a respeito das pessoas estarem morando nas ruas. Para complementar o discurso, o repórter utiliza o que seria a fala de um entrevistado como foi dita. Ele faz isso indicando a fala através de *índices que manifestam a fala não marcada*, ou seja, o uso de aspas. Vê-se:

*“Alguns elementos que moram ali praticam assalto e, por isso, deixam todos que passam com muito medo”, reclama.*

As três matérias apresentadas acima tratam acerca do mesmo tema - as condições das pessoas que vivem nas ruas da Capital - a *mecânica de construção do sentido* pode ser percebida quando, no *processo de semiotização de transformação*, as matérias nomeiam e qualificam a população de rua das seguintes maneiras:

*população menos favorecida, famílias, moradores, essas pessoas, casal, homem e mulher, pessoas em situação de rua, pedintes, excluídos da sociedade.*

Ainda no *processo de semiotização de transformação*, o jornal tenta transformar o mundo a ser significado em mundo significado ao narrar (descrever ações), argumentar (fornecer os motivos dessas ações) e modalizar (avaliar seres, propriedades, ações e motivos). Assim, as matérias oferecem detalhes de como é a condição de vida e moradia da população de rua e do que os cidadãos pensam sobre eles.

Nos dois primeiros parágrafos, o lead e o sublead da matéria nº 01 – partes do texto que resumem as informações principais para o leitor – pode-se visualizar como o repórter narrou, argumentou e modalizou o discurso. Observa-se que para dar sentido à *ocupação da população menos favorecida a locais inadequados*, a repórter começa falando que Fortaleza cresce constantemente e junto com a cidade, a população de rua acaba ocupando seus espaços também. No segundo parágrafo, a repórter narra como esses locais são ocupados:

*Enquanto os três moradores dormiam em colchões, pedestres disputavam espaço com uma cozinha improvisada, prateleiras e*

*caçambas de lixo.*

Já na matéria nº 02, o lead e o sublead mostram como a presença de moradores de rua dormindo na orla da Beira-mar trazem constrangimento aos turistas e esse argumento serve para cobrar uma solução por parte da Prefeitura, conforme, pode-se observar:

O cenário constrange tanto quem vem de fora quanto os fortalezenses que, por mais que estejam acostumados a ver o mesmo filme, não se conformam com o problema.

*Figura 2: Trecho da matéria nº 02.*

Na matéria nº 01, como parte da argumentação, a repórter utilizou a voz de entrevistados para dar sentido ao discurso e tentar explicar o motivo das pessoas morarem na rua:

“Infelizmente, essas pessoas não têm uma casa para morar. Com isso, elas encontram aqui um local que seja seguro para viver”, explica o comerciante Álvaro Mendes, que mora próximo ao local.

O vendedor ambulante Alberto Lima, que trabalha próximo ao local, acredita que os dois vivem embaixo desse viaduto por ser um local onde eles conseguem alguns trocados. “O viaduto também acaba sendo um abrigo”, ressalta.

*Figura 3: Primeiro trecho da matéria nº 01.*

E, antes de utilizar a fala da assessoria de comunicação da Semas para comentar a população de rua, a matéria ainda utiliza mais uma fala de entrevistado para dar sentido à matéria, argumentando que a Prefeitura deveria retirar os moradores de rua por causa do perigo que eles oferecem para os cidadãos - relacionando-os, assim, a ações, como, por exemplo, a assaltos.

Já na matéria nº 02, a fala dos entrevistados foi utilizada para narrar a situação em que os cidadãos passavam por causa da falta de higiene da população de rua. Os entrevistados falaram que pessoas acabam pegando micose quando entram em contato com a areia da praia porque o ambiente é sujo pelos moradores de rua. Através dos entrevistados, ainda, a matéria tenta trazer soluções para resolver a situação de quem mora nas ruas e do constrangimento dos turistas, que não foram entrevistados na matéria. Além disso foram utilizados *discursos diretos* evidenciados pelo uso de aspas e que demonstram a *heterogeneidade* deste discurso.

Observa-se:



Figura 4: Quadro com o discurso direto dos fortalezenses retirado da matéria nº 01.

Percebe-se, portanto, que as matérias de nº 01, 02 são construídas através de um informador plural, em que as informações dos entrevistados convergem quando os cidadãos falam de pessoas que moram nas ruas de maneira uniforme, com discursos que caminham para ideias como, por exemplo, tirar as pessoas das ruas porque elas atrapalham os pedestres e turistas de alguma maneira, além de dizer que elas são abandonadas pelo poder público. E as informações divergem quando a Semas diz que os moradores de rua são atendidos e assistidos pelo órgão, têm um espaço para passar a noite e voltam para as ruas por conta da dependência química. Assim, quando o jornal traz a fala de cidadãos comuns e da Semas, existem dois graus de engajamento do jornal como informador: aquele que o informador explicita ser engajamento sob a forma de convicção e quanto ao uso da como fonte Semas, o jornal utiliza um informador com notoriedade, ou seja, o jornal explicita seu engajamento em que a informação não tem contestação.

Nesses casos, a informação pedida pelo jornal para construir o discurso tanto para os fortalezenses, quanto para os órgãos municipais dá ao informante um saber, ou seja, o jornal norteia o discurso através do discurso desses diversos informadores, moldando o efeito de verdade para o leitor.

Quanto à matéria do nº 06, diferentemente das duas citadas acima, foi quase que exclusiva com fala de ex-moradores de rua. Desta vez, pessoas que sabem a realidade de quem mora nas ruas foram utilizadas para a *mecânica de construção do sentido*. No processo

de *semiotização de transformação*, narraram, argumentaram e modalizaram o porquê de algumas pessoas passarem a viver nas ruas. No caso da família de Francisca das Chagas e César Henrique, personagens desta matéria, eles estavam embaixo do viaduto da avenida Antônio Sales porque perderam a casa que ganharam da Prefeitura para traficantes. Assim como a aposentada Antônia Martins, que também vivia nas ruas por causa de problemas ligados a drogas:

Por conta da dependência química da filha, viciada em crack, a aposentada Antônia Martins Tomás deixou a sua casa no Parque Santa Rosa para morar em um barraco improvisado, embaixo do viaduto do Antônio Bezerra. "Fiquei com pena dos meus netos", afirma.

Figura 5: Trecho retirado da matéria nº 06.

E no segundo processo da *mecânica de construção do sentido*, no *processo de transação*, buscam-se hipóteses para que se expliquem os motivos das matérias. Nas matérias nº 01 e 02, as hipóteses do porquê as pessoas moravam nas ruas vieram de cidadãos que não eram moradores de rua. Já na nº 06, o processo de transação veio dos próprios moradores de rua que explicaram os motivos deles terem abandonado seus lares.

Quanto à natureza do saber, os *saberes de conhecimento* dessas matérias caracterizam-se por serem *evenemenciais* e *explicativos*. Evenemenciais quando utilizam a declaração dos atores implicados, que são os moradores de rua, no caso da matéria nº 06. E explicativos quando, nas matérias de janeiro, foi descrito o porquê dos turistas e cidadãos se incomodarem com a presença de pessoas dormindo nas ruas. Os motivos foram a falta de higiene, a insegurança e a vergonha que é para a cidade ter pessoas dormindo nas ruas. Também o texto da matéria de agosto preocupa-se em explicar o motivo que leva as pessoas a abandonarem suas casas e viverem nas ruas: o envolvimento de algum membro com o tráfico de drogas.

Apesar dos textos do Diário do Nordeste estudados até aqui serem de caráter informativo, e não opinativo, os repórteres construíram *saberes de crença*, a medida que comentaram, avaliaram e apreciaram o mundo. Mesmo não se caracterizando como a opinião do repórter, mas devido a descrição que ele fez da situação, o *saber de crença* se manifestou por apresentar situações recorrentes, revelando um discurso uniforme. Como no caso das matérias nº 01 e 02 que mostraram que as pessoas se incomodam com os moradores de rua

por trazerem sujeira, insegurança e ocuparem espaços que deveriam ser de pedestres e turistas. Ou quando na matéria nº 06 mostra-se a realidade de duas famílias que foram parar nas ruas por causa das drogas.

Essa diferença de discurso mostra que nas matérias nº 01 e 02 o discurso formado por cidadãos que se incomodam com moradores de rua dão um sentido à notícia, enquanto na matéria nº 06 dão outro, por ser feita através da voz das próprias pessoas em situação de rua. Destacando-se o que Orlandi (2005) diz: as palavras mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam. Exemplo disso, nas matérias nº 01 e 02, é que a palavra morador de rua é mostrada com distância por sair da fala de pessoas em um nível social diferente de quem vive nas ruas e na matéria nº 06 os entrevistados são os próprios moradores de rua, então, não se faz essa distinção de classe entre os entrevistados.

Nas três matérias também observa-se uma heterogeneidade do discurso, pois elas foram construídas pela declaração de diferentes pessoas, além da visão do repórter. Na matéria nº 01 foram entrevistados: *comerciante, vendedor ambulante, motorista, assessoria de imprensa da Semas, Secretaria Executiva regional do Centro, Secretaria Executiva Regional II e o Distrito de Meio-Ambiente e Serviços Urbanos da Regional IV*. Já na de nº 02 viram-se as falas da *assessoria da Semas, do coordenador do Serviço Especializado de Abordagem de rua da Semas, de uma treinadora de voleibol e de dois administradores de empresas*. Como a matéria nº 06 foi com a população de rua, então, os entrevistados foram: uma *ex-moradora de rua*, a *assessoria do programa Habitafor*<sup>2</sup> da Prefeitura, uma *aposentada moradora de rua* e a *assessoria da Semas*.

Quanto ao plano enunciativo do discurso (BRANDÃO, 2012, p.29) o locutor ou repórter mostra-se de maneira direta com a intenção de influenciar o outro, quando ele descreve o que viu nas ruas da Capital e quando ele utiliza a variedade de discursos dos entrevistados para construir um só. Assim, na matéria nº 01, vê-se o repórter nesse plano enunciativo quando ele utiliza a própria fala e assim observam-se nas de nº 02 e 06. Vê-se um exemplo na matéria nº 01:

---

<sup>2</sup> Programa de habitação da Prefeitura de Fortaleza para pessoas de baixa renda.

Fortaleza vive em crescimento constante. À medida que isso acontece, a população menos favorecida acaba ocupando locais inadequados. Os viadutos da Capital são um exemplo disso. Eles são transformados em residências, estacionamentos e até em restaurantes.

Figura 6: Segundo trecho retirado da matéria nº 01 do jornal Diário do Nordeste.

E o plano enunciativo da história também se faz presente pelo uso de fatos narrados e verbos empregados no passado. Exemplos nas matérias nº 01, 02 e 06 que marcaram esse plano histórico, indicando o passado através das seguintes expressões e verbos: *na manhã de ontem; a reportagem esteve no local e flagrou; há seis anos; começou; cheguei; já falou; comentou*. A diferença é que as matérias de nº 01 e 02 utilizam o *plano enunciativo da história* para tornar evidente que não é de hoje que se tem pessoas dormindo nas ruas. E na matéria de nº 06 este recurso é utilizado para mostrar como eram as condições de vida de pessoas em situação de rua e como está agora que elas saíram.

Na matéria nº 06 os informadores plurais contam a história de famílias que moravam ou moram nas ruas. Há também o informador com notoriedade, caracterizado pelos órgãos da Prefeitura. Esses informadores convergem na informação quando relatam que casas são oferecidas para pessoas em situação de rua, mas elas perdem muitas vezes por conta do envolvimento de algum parente com o tráfico de drogas. Assim, a informação pedida para os entrevistados modula o efeito de verdade, norteando o leitor a entender que a Prefeitura acompanha as pessoas que moram nas ruas, fornece benefícios de moradia, acolhimento e tratamento, mas que elas voltam para as ruas por causa da drogadição.

As matérias 03 e 04 do Diário do Nordeste ligavam moradores de rua ao uso de drogas e à violência. Os moradores de rua, na matéria nº 03, foram caracterizados especificamente como crianças e adolescentes usuárias de drogas. Já na segunda matéria, o jornal os caracteriza como um grupo de 50 viciados em drogas, ladrões e moradores de rua, favorecendo, assim, para que na *mecânica de construção do sentido* relacione-se o morador de rua a usuário de drogas.

Quanto ao modo como essas matérias narram, argumentam e modalizam o discurso a respeito da população de rua destacam-se alguns aspectos. A matéria nº 03 questiona a drogadição como a causa para crianças e adolescentes viverem em situação de rua e, para

confirmar tal afirmação, o repórter traz a fala de uma adolescente que usa drogas e passou a viver nas ruas, apresentando uma pesquisa anual sobre a vivência de *Crianças e Adolescentes em Situação de Moradia de rua*. Como a pesquisa foi mostrada afirmando que 4% dos moradores de rua usam crack, então a *mecânica de construção do sentido* validou ainda mais essa causa das drogas por ser uma fonte técnica, que, por meio de números, construiu uma leitura específica sobre os moradores de rua. Assim, a *natureza do saber* desta matéria, além de *evenemencial e explicativa*, quando dá voz a uma adolescente viciada em crack e explica os motivos para ela ter saído de casa, também se caracteriza pelo uso de dados técnicos e pela opinião de um especialista (um médico, também antropólogo e professor universitário), ou seja, por ser *existencial*.

Ainda na notícia nº 03, a heterogeneidade do discurso mostra-se quando utiliza-se a voz de diversas fontes para dizer que das crianças e adolescentes vivendo nas ruas, 41% usam drogas; como esse problema deve ser combatido e qual a realidade das periferias de Fortaleza. As fontes foram *antigas manchetes do próprio jornal* falando sobre o uso de drogas, sendo, assim, uma retomada do próprio discurso; também foi ouvida uma *assistente social*; um *coordenador da Equipe Interinstitucional de Abordagem de rua de Fortaleza*; a *equipe de reportagem do Diário do Nordeste*; uma *adolescente usuária de crack*; um *médico, antropólogo e professor universitário*; e a *assessoria da Secretaria Municipal de Saúde (SMS)*.

As manchetes do jornal foram utilizadas para dizer que outras matérias a respeito de drogas vêm se repetindo, ou seja, não é novidade. Já a assistente social e o coordenador da equipe de abordagem de rua mostraram o que eles veem nas periferias e que medidas a Prefeitura, órgão ao qual eles são ligados, tomam para acolher essas crianças e adolescentes. O especialista (médico, também antropólogo e professor universitário) também ajudou no discurso de como mudar essa realidade das periferias, através de uma abordagem social mais ampla, em que a prevenção ao uso de drogas seja o foco e realize-se um processo de reconstituição dos laços da família em vez de tratar apenas o usuário de drogas. Já a adolescente ajudou a formar o discurso de que: quem mora nas ruas, usa drogas e quer sair desse caminho, sendo a SMS a fonte que mostrou que exista existência de atendimentos para essas pessoas. E a equipe de reportagem do jornal, atravessada pelo discurso de todas as fontes, também esteve presente na matéria para constatar que realmente registrou aquilo que todas as fontes falavam.

Para a construção do próprio discurso, o repórter utilizou-se de *discurso direto* e

*indireto*, localizando na fala dos entrevistados, através de *índices delimitadores*, o discurso do jornal. Um exemplo do discurso direto, marcado, na matéria, pela separação deste discurso em um espaço reservado na página do jornal – dentro de um quadro:

**OPINIÃO DO ESPECIALISTA**

---

## A pedra ou a vida



**ANTÔNIO MOURÃO**  
Médico, antropólogo e professor universitário

---

O transtorno causado pelo crack é ainda mais desastroso do que o relacionado às outras drogas. Ele é mais voraz. Destrói o indivíduo de forma mais rápida, tanto em termos físico, como social e psicológico. A dependência se instala em pouco tempo de uso.

A abordagem terapêutica é extremamente complexa. Primeiro, porque nem sempre existe uma demanda explícita. Ele vai procurar tratamento levado pela família ou por circunstâncias impostas pela Polícia ou pela Justiça.

A primeira intervenção será no sentido de entender aquele caso. E, cada situação é um caso. Pois, a abordagem correta não pode esquecer as diversas dimensões que compõem a vida humana. Não é apenas uma luta entre o usar ou não usar a droga, mas buscar reestruturar essa vida.

Diante disso, cabe insistir na importância da prevenção. Trata-se de uma droga muito maléfica. Uma verdadeira praga. Porém, essa prevenção não deve ser construída pelo medo ou desespero, mas pela abertura de outras oportunidades aos jovens.

Figura 7: Quadro com a opinião de um especialista retirado da matéria nº 03 do jornal Diário do Nordeste.

Outros *índices delimitadores da localização do próprio discurso* na matéria nº 03, com o uso do *discurso indireto*, são as *mudanças de tempos verbais* e o uso do conectivo *que* para a repórter confirmar a informação dada por ela através da fala da fonte. Por exemplo:

Manchetes recentes do *Diário do Nordeste* **comprovam** a afirmação do coordenador da Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua de Fortaleza, Manoel Torquato, **de que** os bairros da periferia de Fortaleza **viraram** fábricas do tráfico e campos de consumo de usuários do crack.

Figura 8: Primeiro trecho retirado da matéria nº 03 do jornal *Diário do Nordeste*.

Observa-se que a repórter confirma com a fala do entrevistado o que as manchetes do *Diário do Nordeste* afirmavam. Para delimitar o próprio discurso ela utiliza o verbo grifado *comprovam* e para afirmar que as manchetes do jornal realmente atestam o que o entrevistado disse, ela usa o conectivo *de que*, indicando a fala do entrevistado que traz um verbo no passado (*viraram*). E nesse exemplo vê-se também o *plano enunciativo do discurso e da história*, com a repórter na intenção de influenciar os leitores dizendo que as manchetes do *Diário do Nordeste* comprovam que os bairros da periferia viraram fábricas de drogas e o uso do tempo verbal empregado no passado. Isso mostra que os adolescentes e crianças que moram nas ruas são da periferia e convivem com o problema das drogas.

Também há a presença de *índices delimitadores* quando utiliza-se a expressão *segundo*, indicando o que alguém disse:

Segundo pesquisa, o crack assumiu o lugar do solvente que, há cinco anos, era a substância mais consumida por 45% das crianças e jovens

Figura 9: Segundo trecho retirado da matéria nº 03 do jornal *Diário do Nordeste*.

Na matéria nº 03 tanto existem *informadores plurais* como *informadores com notoriedade*. Esses informadores ajudam a transmitir o efeito de verdade através da informação, de que o crack precisa ser combatido e de que muitas crianças e adolescentes que

vivem nas ruas passam a usar o crack, o que impede a saída deles desta situação. Portanto, quando se fala de *grau de engajamento*, o jornal tanto explicita seu engajamento quanto usa a fala de um especialista, em que não há contestação possível e também mostra números de consumo de drogas, além de também haver o engajamento sob o modo da convicção, que fica explícito quando ele entrevista, por exemplo, a adolescente que usa crack e mora nas ruas.

Quanto à matéria nº 04 a insegurança é atribuída a um grupo de 50 viciados, ladrões e moradores de rua. A matéria é composta por depoimentos do padre da sacristia, por fiéis que frequentam a igreja e pela Polícia Militar (PM). Nenhum personagem pertencente ao grupo foi entrevistado. Além disso, o repórter também participa de maneira direta na construção do sentido da notícia, quando ele descreve o que viu na porta da igreja. Quanto aos *índices delimitados da localização do próprio discurso*, a matéria nº 04 utilizou *discursos diretos e indiretos* marcados por aspas e expressões como, por exemplo, *frisa, lamenta, afirmando que, indigna-se*. A utilização desses índices ajuda a construir o discurso de que, para o padre, os moradores de rua, viciados e ladrões não fazem nada, mas, para os fiéis fazem, chegando a incomodar. Observa-se o enunciado do repórter de maneira direta e o uso dos índices:

O pároco tenta diminuir a tensão entre os fiéis afirmando que “eles não fazem nada demais”. No entanto, a reportagem do *Diário do Nordeste* observou que o grupo não respeita nada. Na última terça-feira, eles invadiram o confessionário para cobrar comida e dinheiro, obrigando a pessoa que estava com o padre a sair do local. Como pode uma coisa dessas? Estou com as pernas bambas”, indigna-se a comerciante Maria Aparecida Santos Almeida.

Figura 10: Primeiro trecho retirado da matéria nº 04 do jornal *Diário do Nordeste*.

Portanto, no exemplo acima, o repórter utilizou falas não só dos entrevistados, mas descreveu a cena que ele se deparou na porta da igreja. O discurso do padre e das pessoas entrevistadas (*heterogeneidade do discurso*) ajudaram a confirmar (ou não) a descrição do repórter. Enquanto o padre diz que o grupo não faz nada demais aos fiéis, o jornal afirma que o grupo não respeita nada e invade o confessionário para cobrar comida e dinheiro. E nesse

grupo, lembrando, estão *viciados em drogas, ladrões e moradores de rua*.



Figura 11: Segundo trecho retirado da matéria nº 04 do jornal Diário do Nordeste.

A *natureza do saber* caracteriza-se como *explicativa* a medida que o repórter ouve apenas os fiéis que se sentem inseguros, através de explicações do padre e de quem frequenta a igreja. A solução dada é a presença mais constante da Polícia Militar no local. Ou seja, no *processo de transação*, a explicação para a falta de segurança e para o grupo perturbar os fiéis é porque há ausência da polícia.

No *plano enunciativo da história*, os tempos verbais no passado são para atestar que essa insegurança na igreja não vem de hoje. E para confirmar, utilizam-se diversas fontes compostas por fiéis e pelo padre, fontes plurais, que convergem nas informações, pois o padre diz que o perigo não é tão grande assim e os fiéis discordam. Já o informador com notoriedade, a PM não converge nem diverge, apenas dá a informação dos postos da polícia que existem nos arredores e como é feita a segurança. O *efeito de verdade* é o de insegurança. Neste caso, o jornal *explicita seu engajamento sob o modo de convicção*, afirmando através dos entrevistados que existe insegurança.

Mais duas matérias informativas (nº 05 e 08) dão mais destaque à população de rua. Elas foram construídas a partir de dados da própria Secretaria Municipal de Assistência Social - Semas. Na nº 05 a palavra *usuários*, desta vez, foi usada como referência ao morador de rua que utiliza os serviços da Semas. Note como a qualificação de usuário, neste caso, difere de usuário de drogas, mudando, assim, a *mecânica de construção do sentido* e, conseqüentemente, o *sentido* da palavra *usuários*:

Durante o primeiro semestre desse ano, 13.056 usuários foram atendidos na Capital, uma média de 71 por dia

Figura 12: Primeiro trecho retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.

Portanto, a matéria nº 05 nomeou e qualificou a população de rua como: *usuários dos serviços da Semas, famílias sertanejas, moradores de rua, reféns das drogas*. Essas qualificações foram dadas através do discurso heterogêneo vindo da fala de *assistentes sociais*, da pesquisa fornecida pelas *Semas* – por isso a presença maior de números indicando as condições sociais das pessoas em situação de rua – vindo também de um *cuidador de idosos ex-morador de rua* e de um *padre assessor da Pastoral do Povo da Rua*. Foi através desses quatro tipos de fonte que convivem ou conviveram com pessoas em situação de rua que a repórter construiu um discurso do perfil dos moradores de rua: pessoas vindas do interior, cuja maioria usa drogas, são homens e são atendidos pela Semas. O uso de *índices delimitadores da localização do discurso* do jornal marcados e não marcados foram usados também para traçar esse perfil e explicar porque as pessoas do interior vêm para a capital. Por exemplo:

“Sabemos que a seca é fator importante de fuga para a cidade, mas ela não é a única. A Capital se torna atrativo e fica difícil a gente dar conta da demanda inteira de um Estado. Gestores têm que assumir sua parcela e garantir políticas eficazes em todos os municípios”, diz.

Figura 13: Segundo trecho retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.

Portanto as fontes plurais e em sua maioria com notoriedade, convergiram e ajudaram a formar um *efeito de verdade* a respeito das características das pessoas em situação de rua. Assim, o jornal, quando utiliza tais fontes com notoriedade, explicita seu engajamento, pois a presença de números aumenta a credibilidade das informações passadas, sem o perigo de contestação por parte do leitor.

Analisando o *processo de semiotização de transformação*, a matéria nº 05 teve por objetivo narrar, argumentar e modalizar o discurso referente a como eram os serviços para a população de rua, tendo como base o estudo fornecido pela Semas e a fala de assistentes

sociais do órgão que lhe davam com esse tipo de público.

No *processo de transação*, ou seja, com o intuito de dar uma explicação do porque a população de rua aparece, o repórter começa a matéria falando que a Capital é vista como um local de oportunidades e que, por isso, as famílias sertanejas vêm para Fortaleza e acabam se tornando moradores de rua.

Considerando o aspecto técnico por apresentar uma pesquisa, a matéria nº 05 deu destaque aos números obtidos com o estudo. Portanto a *natureza do saber é a existencial*, comprovando por meio de estatística o perfil das pessoas em situação de rua:



Figura 14: Quadro com dados estatísticos da Semas sobre a população de rua retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.

Quando se analisa a matéria nº 08 vê-se que, na *mecânica de construção do sentido*, os moradores de rua são nomeados e qualificados como pessoas vindas do interior e de outros estados e estão em situação de rua. Para narrar como vivem, a matéria utiliza a fala dos próprios moradores de rua. Já para argumentar e modalizar, a fala de moradores do bairro –

onde as pessoas em situação de rua moram – foi utilizada. A vizinhança relata, diferentemente de outras matérias, que a população de rua não oferece nenhum perigo, mas que deveria ser levada para um abrigo:

<p>“Eles deveriam ser retirados do canteiro central para um abrigo porque é até perigoso para eles”, diz o frentista Jerry Sousa.</p>	<p>“Eles não incomodam ninguém e deveriam ter a sua moradia. Faz tempo que eles estão nessa situação”, destaca.</p>
---	---

Figura 15: Primeiro trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.

Quanto ao *processo de transação*, as explicações para o fato das pessoas morarem nas ruas é dada pela Semas. Mostra-se que benefícios e programas a população de rua tem direito e acesso, além de informar como conseguí-los.

A *natureza do saber* caracteriza-se, neste caso, por ser *existencial*, uma vez que se localiza o lugar onde as pessoas vivem e outra vez que localiza-se uma matéria do dia 11 de agosto de 2011 feita com essas mesmas pessoas, além de apresentar dados estatísticos já apresentados na matéria nº 05. Também se classifica por ser *evenemencial* quando reconstitui as condições de moradia dos moradores de rua entrevistados. E, por último, é *explicativa* quando fontes diferentes explicitam seus pontos de vistas e opiniões e, o jornal, por meio da Semas, explica, por exemplo, que a senhora Margarida Leni mora nas ruas por ter problemas mentais:

Segundo informações da assessoria de imprensa da Semas, ela tem indícios de problemas mentais.

Figura 16: Segundo trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.

Viu-se até aqui, exemplos de como a matéria nº 08 também utilizou-se da heterogeneidade do discurso com falas de moradores de rua, da assessoria da Semas, da assessoria da Habitafor, cidadãos moradores dos bairros onde tem pessoas em situação de rua e o discurso da própria repórter quando ela narra os acontecimentos. Um exemplo da repórter narrando o que foi visto por ela, tomada como testemunha:

Na Praça dos Leões,  
um grupo de mais  
de dez pessoas  
aproveita a  
sombra das  
árvores frondosas  
como abrigo

Figura 17: Terceiro trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.

Portanto, esses *informadores plurais e com notoriedade* (Semas e Habitafor), ajudaram a construir um *efeito de verdade* sobre as condições de moradia dos moradores de rua e divergem quando os entrevistados dizem que as pessoas em situação de rua precisam ser tiradas de lá e quando a há a fala da Semas e da Habitafor dizendo que não se pode retirar as pessoas se elas não quiserem. Neste caso, o *grau de engajamento* do jornal está sob o modo da distância quando ele contesta a fala dos moradores e da Semas: um dizendo que não tem para onde ir e outro dizendo que dona Margarida não aceitou sair da situação de rua.

Nos *planos enunciativos do discurso e da história* vê-se que a repórter cita o exemplo de outras matérias que já foram publicadas no referido jornal para dizer que o caso de Margarida Leni já fora noticiado pelo jornal. Foi uma forma de responder a afirmação da Semas de que a senhora está nas ruas apenas porque ela tem indícios de problemas mentais. Para isso, observa-se o parágrafo em que a repórter utiliza o *plano enunciativo do discurso e da história* para confrontar a fala da Semas:

Em agosto de 2011, o Diário do Nordeste registrou o caso de Margarida, que, na época, ainda morava sozinha nas ruas e acreditava se proteger da violência da noite escrevendo frases em ossos de galinha e bisteca de porco que sobravam das refeições.

Figura 18: Quarto trecho retirado da matéria nº 08 do jornal Diário do Nordeste.

As duas últimas matérias relacionadas a moradores de rua do jornal Diário do Nordeste foram as de nº 07 e 09.

A nº 07 foi a respeito de moradores de rua realizando uma manifestação em prol dos seus direitos e por mais dignidade. Desta vez a população de rua foi nomeada e qualificada como aqueles que protestavam em alusão ao seu Dia Nacional de Luta.

A *natureza do saber é existencial* quando se dá a localização da caminhada, identificando o trajeto pelo qual os moradores de rua irão passar, a exemplo do trecho abaixo em que também se destaca o *plano enunciativo da história*:

O protesto, que contou com apoio da Pastoral do Povo de Rua, mantida pela Arquidiocese de Fortaleza, foi articulado pelo Movimento Nacional da População de Rua, Fórum no Ceará. A caminhada partiu da Praça do BNB, percorreu a Rua Assunção, as avenidas Domingos Olímpio e Antônio Sales, culminando com chegada à Praça da Imprensa.

Figura 19: Primeiro trecho retirado da matéria nº 07 do jornal Diário do Nordeste.

Também há características *evenemenciais* no texto quando se utiliza as declarações dos atores implicados no protesto, como também *explicativa* ao explicar a finalidade do protesto ocorrido. Para construir a *mecânica de sentido do discurso*, a matéria traz a voz de um morador de rua de 19 anos, mostrando que quem não tem endereço fixo acaba desempregado:

Francisco Israel Maceno Reis, 19 anos, está em situação de rua e não sabe o que esperar de sua própria vida. “Estou, desde 2006, morando nas ruas. Costumo dormir na Praça do Ferreira e sobrevivo da caridade das pessoas. Antes disso, residi em Quixadá, mas vivia em atrito constante com familiares. Daí, prefiro esse tipo de vida que tenho hoje”, disse Israel. “Ninguém quer empregar quem sequer tem endereço fixo, ainda mais, não tenho estudo e nem qualificação de trabalho, fica complicado”, queixou-se Israel.

Figura 20: Segundo trecho retirado da matéria nº 07 do jornal Diário do Nordeste.

Portanto, através dessa natureza *evenemencial* e *explicativa*, o repórter elenca quais direitos são reivindicados pelos moradores de rua. Por exemplo, a luta contra a violência e o constrangimento vividos pelas pessoas em situação de rua, além da luta por assistência à saúde, social e políticas públicas.

Ao longo da matéria vai-se construindo um *saber de crença*, a medida que declarações

dos moradores de rua e pessoas da pastoral que apoiavam o protesto eram mostradas nas páginas do jornal, formando, assim, um discurso e um *saber de crença* a respeito dos direitos da população de rua. Lembrando que eles foram formados através de *índices delimitadores da localização do discurso* com o uso de aspas, verbos e expressões, como, por exemplo: *disse, afirmou que, para a e acrescentou*.

Na matéria nº 07 os *informadores* foram *plurais* e ajudaram a modular o *efeito de verdade* com um discurso que foi pedido e caracterizou-se como uniforme à respeito dos direitos das pessoas em situação de rua e das condições de violência e discriminação que eles passam nas ruas. Assim, o jornal explicitou seu *engajamento sob o modo de convicção nas fontes* e mostrou o protesto delas na matéria.

Já a última matéria do ano de 2012 (nº 09) repercutiu a morte de um morador de rua, identificando-o pelo nome e relacionando-o ao uso de drogas. Além disso, construiu-se um *saber de crença* quando a repórter constata que *ter a rua como moradia é a realidade de milhares de pessoas na Capital*, indicando que o número de pessoas em situação de rua é alto.

Por meio da *natureza do saber existencial*, a repórter coloca dados estatísticos da Semas a fim de confirmar a afirmação de que milhares de pessoas moram nas ruas da Cidade.

O discurso que a matéria traz é o de que a população de rua é rejeitada pela sociedade e pela segurança pública, o que é feito por meio da declaração da coordenadora da Proteção Social Especial da Semas, Andréia Cortez. Assim, o *índice de delimitação do próprio discurso* aparece por meio da declaração entre aspas da coordenadora:

“Eles são rejei-  
tados tanto pela sociedade,  
quanto pela segurança pública,  
que não aceita que utilizem os  
espaços públicos”, esclarece.

Figura 21: Primeiro trecho retirado da matéria nº 09 do jornal Diário do Nordeste.

Através das declarações também da Pastoral do Povo da Rua, questiona-se o abandono da segurança pública por não investigar casos de assassinato ligados a moradores de rua, contrapondo, assim, a fala da polícia dizendo que a população de rua se mata entre si. Ou seja, percebe-se que os *informadores* são *plurais* e divergem na informação. Também são *informadores com notoriedade*, mas, mesmo assim, trazem aspectos diferentes. Isso pode ser observado na declaração da coordenadora da Pastoral que apresenta-se na forma tanto de *discurso direto* como *indireto*, com a utilização de índices como, por exemplo, as *aspas* e o

verbo *questiona*:

Fernanda Gonçalves, secretária da Pastoral do Povo da Rua, da Arquidiocese de Fortaleza, questiona o suposto motivo do crime. “É muito fácil dizer que a população de rua se mata entre si ou que eram um usuários de drogas. Mas será que foi isso mesmo que aconteceu? É preciso ter clareza para não levar para o lado mais negativo da história”.

Figura 22: Segundo trecho retirado da matéria nº 09 do jornal *Diário do Nordeste*.

O discurso da polícia é trazido no começo do texto, enquanto que o da coordenadora, no fim, moldando, assim, a *mecânica de construção do sentido* através do *processo de semiotização de transformação*. Ou então modulando o efeito de verdade quando a informação é pedida pelo jornal para os profissionais da Semas, da Pastoral e da Polícia Militar (PM), pois o jornal norteia o discurso através da fala deles e como começa com a da polícia e depois contrapõe com as outras duas falas, contesta o discurso da PM e modula para o da Semas e da Pastoral. E é aí que se constata o *plano enunciativo do discurso* do jornal, através da *heterogeneidade do discurso* que contrapõe o discurso da polícia e da secretária da Pastoral do Povo da Rua, com a intenção de influenciar o leitor de que é muito fácil dizer que a população de rua se mata entre si. Portanto, o jornal está explicitando seu *engajamento sob o modo de convicção* até que outra declaração prove o contrário.

Já no *plano enunciativo da história*, os verbos no passado foram utilizados para atestar que a morte do morador de rua realmente aconteceu. Observa-se:

Mais um morador de rua foi assassinado em Fortaleza. Na manhã de ontem, por volta das 7h30, um homem identificado como Assis foi morto a pedradas por um companheiro de rua na Rua Silva Paulet, Meireles.

Figura 23: Terceiro trecho retirado da matéria nº 09 do jornal *Diário do Nordeste*.

Ao longo da matéria o *discurso heterogêneo* ou *polifônico* moldou um discurso só. Seria o de que não há dados concretos sobre os moradores de rua pois eles se mudam constantemente, isso tanto por parte da polícia quando da assistência social da Prefeitura. Ainda foi construído o discurso de que a violência contra a população de rua é recorrente

porque eles utilizam o espaço público como a própria casa, sendo rejeitados pela sociedade e pela segurança pública que não registra os casos.

### 3.2.1 Conclusão sobre a análise dos textos informativos do jornal Diário do Nordeste

Analisados todos os textos de caráter informativo, percebe-se uma mudança no discurso do jornal ao longo do ano. Até a matéria de nº 04 os textos referiam-se aos moradores de rua como usuários de drogas, assaltantes, pessoas que tiravam a beleza dos pontos turísticos da capital, sendo, todas essas adjetivações contruídas através da fala de entrevistados que não eram pessoas em situação de rua e não conheciam a realidade dessas pessoas. Quando a Semas divulga um perfil da população de rua através de dados estatísticos, a matéria de nº 05 publica essa pesquisa e nos textos em diante essas pessoas passaram a ser vistas como cidadãos com direitos que precisavam de políticas públicas específicas. Apenas o discurso de que a população de rua precisava ser removida para um abrigo por um órgão público como, por exemplo, pela Semas, foi o que permaneceu. A diferença era que antes da matéria nº 05 as pessoas tinham que sair das ruas para tornar a Cidade mais limpa e depois o discurso era o de que elas precisavam ser removidas para terem melhores condições de vida.

### 3.2.2 Diário do Nordeste – textos opinativos

Foram 12 (doze) textos publicados e distribuídos entre quatro colunas e uma sessão do jornal, abordando os assuntos relacionados aos moradores de rua em 2012. Assim como no tópico anterior, para melhor visualização do corpus deste trabalho, enumeram-se, na *tabela 2* abaixo, as notas publicadas nas colunas, passando a identificá-las por números em vez de títulos e datas:

Número	Editoria/Coluna	Texto	Data
10	Cidade/Coluna Comunicado	Mais uma cracolândia	25/01/2012
11	Cidade/Coluna Comunicado	Ainda que tardia	31/01/2012
12	Negócios/Coluna Vaivém	Triste	31/01/2012
13	Negócios/Coluna Vaivém	Triste	02/02/2012
14	Cidade/Coluna Comunicado	5.895	09/02/2012
15	Cidade/Coluna Comunicado	1.766	09/02/2012

16	Cidade/Coluna Comunicado	Nada se cria, tudo se copia	22/02/2012
17	Caderno 3/Coluna Regina Marshall	Pitoresco	27/02/2012
18	Opinião/Leitores e Cartas	Morador de rua	04/03/2012
19	Gente/Coluna Regina Marshall	Banheiro na praça	08/04/2012
20	Caderno 3/Coluna Regina Marshall	Demanda elevada	14/07/2012
21	Negócios/Coluna Vaivém	Lindo	26/07/2012

Tabela 2: Textos opinativos do Diário do Nordeste publicados em 2012 sobre população de rua.

A primeira a ser analisada será a coluna *Comunicado* do jornalista Roberto Maciel, que fez quatro notas sobre moradores de rua durante o ano de 2012. A nota do colunista (nº11) mostra uma foto e comenta que é a imagem de um prédio da área nobre de Fortaleza sendo utilizado como ponto de drogas por *desocupados* e *viciados* em crack. Ele ainda diz que quem passa por lá vê, menos a saúde, a assistência social, a segurança do Estado e a Prefeitura. Vê-se que com a identificação dos órgãos atuantes por aqueles a quem ele denomina de desocupados e viciados, percebe-se que o público do qual o colunista fala são os moradores de rua que usam drogas. Portanto, na *mecânica de construção do sentido*, Roberto Maciel descreve os fatos e argumenta que os órgãos responsáveis não enxergam o que acontece no prédio e cobra uma solução por parte deles. Sendo a natureza do saber *existencial*, quando o colunista localiza o prédio no bairro Aldeota; *eventual* por identificar os atores implicados (*desocupados, viciados e órgãos executivos*); e *explicativa*, quando deixa a entender que quer uma posição por parte do Governo e da Prefeitura.

Assim, o *efeito de verdade* é transmitido por iniciativa do próprio jornalista, um *informador com notoriedade*, cobrando do órgão municipal de maneira implícita que se acabe com esta situação do prédio abandonado. Assim o colunista explicita seu *engajamento sob o modo da distância*, pois até que se prove o contrário a Prefeitura não vê nada. E para provar ser verdade, o jornalista utiliza-se da *autenticidade*, por divulgar uma foto do prédio com as pessoas consumindo crack, e também da *explicação* para dizer porque aquela situação ocorre, que seria, implicitamente, a falta de ação do órgão municipal.

Ainda no mês de janeiro, na nota nº11, o colunista volta a tratar do mesmo tópico tratado na nota nº 10. Já no título, ele deixa claro sua posição como enunciador intitulado o tópico de *Ainda que tardia*. Com isso, Roberto Maciel quer dizer que a Semas respondeu à nota nº 10 dizendo que visitou o local ainda que tardiamente. Na *mecânica de construção do*

*saber*, no *processo de transação*, fica explícito que o título da nota *Ainda que tardia* é uma referência a visita da Semas ao local. Ou seja, ele qualifica, no *processo de semiotização*, a visita como tardia. Já quando o jornalista repete o mesmo ponto de vista da nota nº 10 ele constrói um *saber de crença* de que o poder público não vê o que se passa nesta parte da cidade. Vê-se:

*Ali há um ponto de consumo de crack. Quem passa vê. Menos o poder público.*

Apesar da nota nº 11 não falar explicitamente que se tratam de moradores de rua consumindo drogas no prédio abandonado, a referência deste discurso à nota de nº 10 traz de volta a mesma ideologia antes publicada. Assim, o sentido do discurso da nota nº 11 pode ser atribuído a partir do que já foi dito na nota nº 10. Isso acontece quando a referência é feita nas duas primeiras linhas da nota nº 11 e quando o mesmo discurso da nota nº 10 é repetido, dizendo que quem passa pela rua vê os usuários de droga, menos a Prefeitura:

■ Sobre a nota “Mais uma cracolândia”, publicada quarta-feira, a Secretaria Municipal de Assistência Social se manifesta. E garante que mandou o Serviço Especializado de Abordagem de Rua verificar a situação das pessoas que frequentam uma obra abandonada na esquina das avenidas Barão de Studart e Júlio Ventura, na Aldeota. Ali há um ponto de consumo de crack. Quem passa, vê. Menos o poder público.

Figura 24: Trecho retirado da nota nº 11 do jornal *Diário do Nordeste*.

Nestes casos, a heterogeneidade do discurso se dá quando na nota de nº 11 o colunista cita a resposta da Semas:

*a Secretaria Municipal de Assistência Social se manifesta. E garante que mandou o Serviço Especializado de Abordagem de Rua verificar a situação das pessoas que frequentam uma obra abandonada (...).*

Note-se, também, a presença de *índices manifestando a alteridade marcada* quando ele diz que a Semas *se manifesta* e *garante que* foi ao local. E quanto à *alteridade não marcada*, o uso de aspas é apenas para fazer referência à nota anterior.

Em colunas é mais claro o *plano enunciativo do discurso* devido ao caráter opinativo deste estilo jornalístico, portanto, quando o jornalista mostra a intenção de influenciar o leitor a crer que o poder público não vê a situação que se passa no prédio abandonado no bairro Aldeota. E o *plano enunciativo da história* é marcado pelos verbos no passado no seguinte trecho:

*Sobre a nota “Mais uma cracolândia”, publicada quarta-feira (...).*

Também no outro trecho abaixo:

*E garante que mandou o Serviço Especializado de Abordagem de Rua verificar a situação das pessoas (...).*

Portanto, os informadores, nesta nota, são *plurais* e, mesmo o informador Semas tendo *notoriedade* de ente público, o colunista contesta a afirmação da secretaria de que foi ao local visitar as pessoas no prédio abandonado quando repete a afirmação de que quem passa por lá vê, menos a Prefeitura. Então o jornalista explicita seu *engajamento sob o modo da distância*. E a prova utilizada é a da *autenticidade* da foto publicada pelo colunista e da *verossimilhança* dos fatos narrados, afirmando que essas pessoas não são enxergadas pelos órgãos públicos responsáveis.

A coluna Comunicado divulgou na nota nº 14 os números de atendimentos da Semas. Ou seja, *natureza do saber existencial* essa que se caracteriza pela divulgação de dados do órgão sobre o atendimento para pessoas em situação de rua e dados sobre o número de pessoas que deixaram as ruas:



Figura 25: Trecho retirado da nota nº 14 do jornal Diário do Nordeste.

Percebe-se que o jornalista constrói um *saber de crença* quando utiliza o verbo *teriam*, referindo-se ao número de pessoas que deixaram as ruas. A utilização desse verbo dá significação à frase, produzindo um efeito de dúvida em quem lê. Ou seja, seria também o *plano enunciativo do discurso* quando ao usar este verbo (*teriam*) poderia gerar uma desconfiança no leitor quanto aos números da Semas. E o *plano enunciativo da história* destaca-se pela utilização dos verbos: *foram realizados* e *foram recebidas*.

Outro ponto a ser questionado é que a *heterogeneidade* do sujeito nesta nota se dá quando o jornalista Roberto Maciel divulga dados da Semas e utiliza índices que determinam a localização do próprio discurso, como, por exemplo, na expressão *segundo a assessoria do órgão*.

Assim, o *informador* é plural e modula o *efeito da verdade* ao utilizar as informações da Semas com os números de atendimento, atribuindo um saber ao órgão e dando a entender que os moradores de rua são acompanhados pela secretaria. Quanto ao *grau de engajamento* do colunista, ele o *explicita sob o modo de convicção* de que as informações fornecidas pela secretaria estão corretas. Desta forma, as provas se dão pela *autenticidade* dos dados repassados.

A última nota da coluna Comunicado a ser analisada, referente à população de rua, é a nº 16. Roberto Maciel critica a proposta de um vereador sugerindo que empresas prestadoras de serviços ao município contratassem pessoas em situação de rua. Para criticar tal atitude, o colunista inicia a nota com a seguinte frase: *O Carnaval acabou, mas as fantasias permanecem*. O uso da ironia aplica qualidade à proposta do vereador como uma fantasia. Além disso, o título da nota (*Nada se cria, tudo se copia*) faz referência ao projeto do vereador quando Roberto Maciel diz:

*O projeto é clone de outro que desde 2011 tramita na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.*

Na mecânica de construção do sentido desta nota, o colunista argumenta que *não se questiona a necessidade de políticas públicas de inclusão social da população de rua*. Assim, ele, em um *processo de transação*, dá significação a esse argumento de inclusão social, afirmando que:

*(...) seria mais adequado ao poder público primeiro visualizar a qualificação de trabalhadores com demandas específicas e,*

*posteriormente, buscar inserí-los no mercado de trabalho.*

Assim, o *saber de crença* de que primeiro deve haver qualificação e depois inserção da população de rua no mercado de trabalho é formado a partir do momento em que o colunista comenta e avalia a proposta do vereador.

Pode parecer estranho, mas apesar desta nota apenas criticar o projeto do vereador e pedir a qualificação dos moradores de rua, ou seja, ser em suma uma nota apenas com a opinião do colunista, há sim heterogeneidade do discurso, pois o discurso do vereador foi transformado e atravessado pelo discurso do colunista, quando este é contra a proposta do vereador.

Portanto o *informador* torna-se *plural*, pois há informação vinda do projeto do vereador, mas o *efeito de verdade* produzido vem apenas da opinião do jornalista. Então o informador, colunista, publica a nota *sob o modo da convicção que tem na fonte*, o projeto do vereador, e *sob o modo da distância*. Para provar os fatos, o jornalista utiliza-se da *autenticidade* do projeto e da *explicação* para esclarecer o que é o projeto e o porquê que ele não daria certo.

Quanto ao discurso indireto, quando o autor diz o que o vereador quer determinar através do projeto, o colunista utiliza *índices de localização do próprio discurso*, conforme destaca-se a seguir:

**Irmão Leo -  
quer determinar que  
empresas que prestam  
serviços ao Município de  
Fortaleza contratem  
pessoas em situação de  
rua.**

Figura 26: Trecho retirado da nota nº 16 do jornal Diário do Nordeste.

Outra coluna que noticiou notas sobre a população de rua foi a *Vaivém* do jornalista José Maria Melo. O colunista lançou três notas sobre o tema em 2012. Duas delas, nº 12 e 13, receberam o mesmo títulos: *Triste*. A terceira, nº 21, retomou o mesmo assunto das duas notas anteriores.

A nota nº 12 fazia uma crítica à Prefeitura de Fortaleza, chamando-a de Fortaleza Bela, porque havia uma família de catadores morando há meses debaixo do viaduto da Avenida Antônio Sales. Na *mecânica de construção do sentido*, ele nomeia os moradores de rua de *catadores* e faz o uso da ironia para dar propriedade ao trabalho do órgão quanto aos

moradores de rua embaixo do viaduto. A natureza do saber caracteriza-se por ser *existencial*, quando o jornalista localiza as pessoas em situação de rua *debaixo do viaduto da Antônio Sales, nas proximidades da Avenida Engenheiro Santana Junior e Iguatemi*. Também se classifica como *evenemencial*, quando ele identifica, ou nomeia, os moradores de rua como uma *família de catadores*.

Quando se fala em *heterogeneidade do discurso*, percebe-se que ele utiliza o discurso da Prefeitura de chamar sua gestão de Fortaleza Bela para ironizar o acontecimento de pessoas dormindo embaixo do viaduto. E é justamente quando ele utiliza o discurso do órgão municipal que o índice que manifesta a alteridade não marcada é usado: aspas, conforme destacamos a seguir:



Figura 27: Nota nº 16 retirada da coluna do jornalista José Maria Melo do jornal Diário do Nordeste.

Nesta nota o plano enunciativo do discurso marca-se em seu início quando o colunista diz: *Um grande exemplo do que é a "Fortaleza Bela"*.

E o *plano enunciativo da história* não é marcado por verbos no passado, porém, por expressões que determinam este tempo como, por exemplo: *morando há meses*.

Já o *efeito de verdade* modulado pelo discurso da informação do colunista, que interpreta a situação por iniciativa própria, é de que a família embaixo do viaduto representa a gestão da Prefeitura. E como o *informador* tem *notoriedade*, esse *efeito de verdade* ganha

mais força quando o informador *explicita seu engajamento* parecendo que não há contestação possível. E a prova *autenticando* a Fortaleza Bela entre aspas é a família morando nas ruas.

Na nota nº 13 José Maria Melo retoma o mesmo assunto da família debaixo do viaduto da Antônio Sales, para dizer que um leitor de sua coluna informou que há outra família morando nas ruas, porém, em outro lugar da cidade. O título das duas colunas, no *processo de semiotização de transformação*, já qualifica o fato das pessoas morarem embaixo do viaduto como triste. Além disso, no *processo de transação*, para dar significação à nota, o colunista retoma a família que morava embaixo do viaduto para mostrar que não é só esta que mora nas ruas, mas há também uma família na praça da Estação, no Centro da cidade, segundo um leitor dele afirma. Por localizar as duas famílias novamente, a natureza do saber é *existencial* e, por fornecer argumentos para tornar inteligível o fato, através do próprio título da nota (*Triste*) junto com as informações do jornalista e do leitor, a *natureza do saber* também se torna *explicativa*.

Perceba-se que as informações utilizadas vieram do leitor e do próprio jornalista, caracterizando-se, então, a heterogeneidade do discurso. Heterogeneidade essa que acaba trazendo para a nota o discurso indireto marcado pelos seguintes índices: Paulo Marcos do Jacarecanga, *diz que*. A parte em itálico deixa claro a utilização do discurso do leitor na nota do colunista.

No *plano enunciativo do discurso* José Maria Melo retoma o caso das pessoas que moravam embaixo do viaduto na nota nº 12 para dar mais peso ao fato de também existirem pessoas dormindo em cima de uma parada de ônibus do Centro. No *plano enunciativo da história*, o colunista não utiliza verbos no passado, mas ao retomar a nota anterior, marca um fato já ocorrido. Dando provas de *autenticidade* que a própria coluna tem e de *verossimilhança*.

Como são duas notas em dias diferentes, o colunista atribui um *saber de crença* da triste realidade de pessoas morando embaixo dos viadutos e ironizando a Prefeitura da Cidade, através do nome Fortaleza Bela.

Aqui o *efeito de verdade* é o de que a situação de pessoas morando nas ruas continua acontecendo e existe em outros pontos da cidade. Esse efeito vem de um *informador com notoriedade*, através da coluna e de um *informador plural*, um leitor da *Vaivém*. Assim, tanto o leitor quanto o colunista informam por iniciativa própria: um informando *sob o modo da convicção que tem na fonte*, é o caso de José Maria Melo, e outro *explicitando seu*

*engajamento* em que não parece haver contestação.

Fazendo referência ao mesmo assunto abordado nas duas notas anteriores, a nota nº 21, intitulada: *Lindo*, volta a falar da família embaixo do viaduto da avenida Antônio Sales. Nela, o colunista, por meio da *mecânica de construção do sentido no processo de semiotização de transformação*, argumenta que já obteve resposta da Prefeitura quanto ao caso dessa família, mas que, mesmo assim, ela continua a morar nas ruas. Além disso, ele ironiza o fato da Prefeitura não ter onde colocar a família através do título da nota (*Lindo*). Portanto, a *natureza do saber é evenemencial* quando José Maria identifica os atores implicados: família e prefeitura; e replica o discurso da Prefeitura de modo indireto quando diz que o órgão não tem aonde colocar a família. A *natureza do saber* aparece como *explicativa* quando ele explica que a família continua morando na rua mesmo depois da Prefeitura saber da existência desse fato e através da ironia do título. E também se classifica como *existencial*, quando, mais uma vez, o colunista localiza a família implicada.

Percebe-se, também, a *heterogeneidade do discurso* quando ele apresenta o próprio discurso contrapondo-se ao da Semas, também mostrado em mesma nota. Assim, o *plano enunciativo do discurso* é de divergir do discurso da Semas quando questiona a resposta da secretaria que, segundo o jornalista, disse não ter onde colocar a família. E no *plano enunciativo da história*, o jornalista afirma já ter denunciado o caso em sua coluna.

Portanto, as provas que ele apresenta para dizer que tudo continua do mesmo jeito e a Prefeitura não dá uma solução são através da *autenticidade*, quando ele afirma que já publicou o caso na coluna e através da *verossimilhança*, quando ele retoma o fato ocorrido.

Ao analisar o *efeito de verdade*, percebe-se que o informador interpreta a informação e passa o efeito de que o órgão municipal continua sem agir. E, como um *informador de notoriedade*, ele *explicita seu engajamento sob o modo da convicção*, pois a nota está interligada a anterior em que a participação de um leitor aparece e a esta em que há a voz da Semas.

As próximas colunas são as da jornalista Regina Marshall. Uma delas é publicada no caderno *Gente* e a outra no *Caderno 3*. No ano de 2012, essas colunas publicaram, juntas, três notas sobre a população de rua de Fortaleza.

A jornalista publicou na coluna intitulada com seu nome - Regina Marshall - a nota nº 17 chamada *Pitoresco*. No título já se apresenta a *mecânica de construção do sentido* em forma de ironia, qualificando o que vem a seguir como pitoresco. Ela ainda narra, *processo de*

*semiotização*, como eles vivem e argumenta porque eles não saem das ruas, através da fala dos próprios moradores. A argumentação também passa pela explicação da Prefeitura para o casal morar em cima de uma parada de ônibus, por fim, modaliza, avaliando a atitude do casal, que não sai das ruas, e do órgão municipal que não traz uma solução eficaz para retirá-los. E no *processo de transação*, a colunista atribui ao fato do casal morar nas ruas a uma possível não ação da Prefeitura.

No texto, a colunista utiliza o *discurso indireto* de um casal que mora em cima de uma parada de ônibus da Praça da Estação, no Centro, marcado pela expressão: *segundo eles*.

Não é somente a fala dos moradores que é utilizada, a colunista utiliza informações da Prefeitura e sua própria opinião a respeito do caso. Registrando-se, assim, uma *heterogeneidade do discurso*. E também a presença de informadores plurais e com notoriedade, moldando assim o efeito de verdade de que a Prefeitura de Fortaleza não assistiu aos moradores de rua. Assim, *explicitando seu engajamento sob o modo da convicção*, Regina Marshall utiliza o *discurso indireto* da população de rua para afirmar que eles não receberam benefícios do órgão municipal.

No *plano enunciativo do discurso*, Regina Marshall se apodera das falas dos moradores que se dizem protegidos de qualquer agressão se dormirem em cima da parada de ônibus. Em seguida vem discurso da prefeitura, informando que o casal recebeu benefícios e prazo para se retirar do local. Para então indagar que, na verdade, o casal não recebeu nenhum benefício e solicita uma solução para que o caso não vire moda. Já o *plano enunciativo do discurso* é marcado por expressões e verbos como, por exemplo: *há meses; já os cadastrou; deu um prazo, que já expirou*. Marcando, portanto, fatos ocorridos no passado para reforçar que a situação é antiga.

A natureza do saber caracteriza-se como *existencial*, quando ela localiza o casal no Centro, *evenemencial*, quando ela reconstitui as condições de moradia do casal e as ações da Prefeitura dizendo que ofereceu benefícios aos moradores. E também *explicativa*, quando ela explica que o casal não sai das ruas porque não recebeu nenhum benefício.

Outra nota publicada por Regina Marshall foi a de nº 19. Nela, o *discurso indireto*, marcado pela expressão *há quem diga*, é usado para dizer que alguém disse que existe uma família tomando banho constantemente na fonte de uma praça. Ou seja, a *heterogeneidade do discurso* está presente, mas sem identificar de quem vem, apenas sabe-se que é um leitor da coluna.

No *plano enunciativo do discurso*, vê-se a intenção da colunista de influenciar os leitores pelo uso de adjetivos e expressões. E no *plano enunciativo da história*, percebe-se o uso de verbos no passado para atestar que o banho de uma família em plena praça já vinha ocorrendo e nada era feito, conforme percebe-se no trecho destacado:

<p>Em plena tarde de sábado, Centro movimentado, pai e filho tomavam banho, tranquilamente, na fonte da Praça Murilo Borges, a conhecida pracinha do BNB.</p>	<p>Há quem garanta: a cena se repete, constantemente, sob as vistas de guardas municipais e policiais militares, que pouco se importam com a nova e vergonhosa serventia do monumento.</p>
---	--

Figura 28: Trecho retirado da nota nº 19 do jornal Diário do Nordeste.

A *mecânica de construção do sentido* nomeou e qualificou os moradores de rua como uma *família feliz* de três pessoas, pai, filho e mãe, que tomam banho tranquilamente na rua. Como argumento para o fato ocorrer, a colunista fala que policiais militares e guardas municipais pouco se importavam com a cena. A partir deste comentário, ela atribui um objetivo ao seu argumento, que é cobrar uma ação por parte dos órgãos públicos, que mesmo vendo parecem não se importar.

Portanto, de *natureza do saber existencial*, quando os localiza no Centro; *evenemencial*, quando reconstitui o banho de pai e filho e a cena da mãe estendendo roupas na grama; e *explicativa* quando ela explica que a cena ocorre porque policiais e guardas deixam acontecer. Assim, nas três colunas, o *saber de crença* construído é o de que a Prefeitura ou não age, ou finge que não vê os moradores de rua.

Neste caso, as provas para atestar tais acontecimentos narrados pela colunista são através da *verossimilhança*, quando da reconstituição do que ocorre na fonte e por *explicação*, como já foi explanado.

Vê-se, portanto, que há um *informador plural*, pois a jornalista deixa implícito que um leitor a informou sobre a família tomando banho na praça e como ela é uma *informadora com notoriedade*, o *efeito de verdade* do discurso da informação é moldado pela interpretação de Regina Marshall de que os poderes públicos fingem que não vêm essa cena. Assim, a informadora *explicita seu engajamento sob o modo da convicção que ela tem na fonte* que forneceu este cenário da família na praça.

A última nota dada pela jornalista foi a de nº 20. Nela a *heterogeneidade do discurso* se faz presente quando mistura os discursos de matérias do Diário do Nordeste, que já havia

divulgado os números de atendimento da Semas e sobre a origem da população de rua, em sua maioria, vindos do interior, mais o discurso da secretaria e o da própria jornalista, quando ela diz que a demanda de pessoas em situação de rua é muito grande para ser absorvida apenas pela Prefeitura de Fortaleza.

Os *índices delimitadores da localização do próprio discurso* utilizados são os dois pontos que indicam o que o Diário do Nordeste publicou e que a jornalista cita novamente. Vê-se:

Deu no "Diário do Nordeste":  
durante o primeiro semestre  
desse ano, 13.056 moradores de  
rua foram atendidos na Capital,

Figura 29: Trecho retirado da nota nº 20 do jornal Diário do Nordeste.

Nesta nota, o *plano enunciativo do discurso* se faz presente em quase todo o texto, com a opinião da colunista sobre o que deveria ser feito para diminuir o êxodo rural de pessoas do interior que acabam se transformando em moradores de rua na Capital. Para isso, a solução que Regina Marshall dá é a divisão da responsabilidade das políticas públicas voltadas para a população de rua com os gestores do interior. Em vez disso, ela diz que chegam apenas notícias de gestores e suas compras desaprovadas, enquanto os moradores de rua se espalham pelos bairros. Todavia, mesmo essa opinião da colunista é atravessada por um discurso já dito na matéria nº 05 por um dos entrevistados – uma assistente social da Semas. Vê-se no trecho da matéria nº 05 abaixo como a jornalista Regin Marshall foi atravessada por um discurso da notícia anterior:

"Sabemos que a seca é fator importante de fuga para a cidade, mas ela não é a única. A Capital se torna atrativo e fica difícil a gente dar conta da demanda inteira de um Estado. Gestores têm que assumir sua parcela e garantir políticas eficazes em todos os municípios", diz.

Figura 30: Terceiro trecho retirado da matéria nº 05 do jornal Diário do Nordeste.

Quanto à *mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização de transformação*, a colunista nomeia, qualifica, argumenta e modaliza a população de rua como:

*retirantes; moradores de rua atendidos na Capital* (ou seja, não são apenas moradores, mas recebem atendimento da Prefeitura); e ainda diz que eles vêm do *interior devastado pela seca* (atribuindo qualidade aos sujeitos). Nessas poucas palavras ela já diz o motivo pelo qual as pessoas deixam o interior, ou seja, a seca. Por conseguinte, Regina Marshall dá significação, *processo de transação*, ao discurso, quando cobra uma responsabilidade dos gestores também do interior.

A *natureza do saber é existencial* quando a jornalista comenta o período em que o jornal deu matéria (nº 05) sobre os números da Semas a respeito dos moradores de rua em Fortaleza, que foi no primeiro semestre de 2012. *Evenemencial* por reconstituir o cenário de seca no qual o Ceará passava na época e o cenário de corrupção. E também *explicativa*, quando diz que as pessoas vêm para a capital em busca de uma vida melhor e que a alta demanda de moradores de rua não é absorvida pela Prefeitura.

Portanto, são dois *informadores com notoriedade*, a colunista e os dados estatísticos da Semas, que passam o *efeito de verdade* de que a maioria dos moradores de rua vêm do interior. E o a colunista *explicita seu grau de engajamento sob o modo da informação sem contestação*, pois baseia-se em números.

Comparando com as notas anteriores publicadas pela colunista, o *saber de crença* de que a Prefeitura não faz nada se modifica, pois, desta vez, com o conhecimento da pesquisa da Semas, a jornalista declara que o órgão municipal não consegue absorver o grande número de pessoas em situação de rua.

As provas para dar credibilidade a esta nota são por meio de *autenticidade*, através dos números divulgados pelo Diário do Nordeste a respeito dos atendimentos à população de rua pela Semas. Já por *verossimilhança*, a jornalista relata, com dados baseados em pesquisa, porque as pessoas que vêm do interior para a Capital viram moradoras de rua, caracterizando-se, então, a prova também por *explicação*.

A última nota do Diário do Nordeste em análise faz parte da sessão *Leitores e Cartas*, ou seja, é a opinião de um leitor publicada no jornal. Portanto, há a *heterogeneidade do discurso* do leitor atravessado pelo discurso do jornal e também do discurso dos moradores do bairro Jardim América e do próprio morador de rua mencionado no texto. Esta nota nº 18 fala de um morador de rua que faz as vezes de gari neste bairro e é ajudado pela vizinhança.

Os *índices delimitadores da localização do próprio discurso* destacam-se pelo uso de aspas na expressão usada para designar o morador de rua como *gari voluntário* e também

quando o leitor se refere a todos do bairro dizendo: *é o que nós podemos chamar*. Ainda há índices que marcam o discurso do morador de rua, como, por exemplo:

Nos seus solilóquios,  
ele se queixa de uma mulher  
que, supostamente, o tenha  
traído, no passado.

Figura 31: Primeiro trecho retirado da nota nº 18 do jornal *Diário do Nordeste*.

No *plano enunciativo do discurso* a intenção da nota nº 18 é a de pedir ajuda da Prefeitura para o senhor Zezão. Já quando fala-se *da mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização*, a nota identifica e qualifica o morador de rua como *Zezão que vive falando sozinho e gari voluntário*. Para narrar, argumentar e modalizar, o leitor descreve as ações do morador de rua, dizendo o que ele faz no bairro, que é limpar as bocas de lobo da vizinhança e argumenta que a vizinhança o ajuda com roupas e um pouco de dinheiro para depois, por meio da nota, pedir ajuda da Prefeitura para Zezão. Ao pedir esta ajuda, atribui-se um sentido ao ato de enunciar, *processo de transação*.

Ao analisar esta nota nº 18, vê-se que a *natureza de saber existencial* se dá quando o leitor localiza o bairro em que o morador de rua vive, fornecendo no fim do texto o endereço completo para que a Prefeitura possa ajudá-lo. Já a *evenemencial* é vista quando a nota reconstitui o dia a dia do morador de rua, narrando suas atividades:

“gari voluntário”. O seu  
instrumento é uma vassoura  
daquelas de meio de feira, já  
bem surrada, mas se não fosse  
ele as bocas de lobos seriam  
todas entupidas e a sujeira  
tomava conta dos pés de  
calçadas.

Figura 32: Segundo trecho retirado da nota nº 18 do jornal *Diário do Nordeste*.

No fim da opinião do leitor, percebe-se a *natureza de saber explicativa* quando ele explana o motivo de ter enviado a nota, que é pedir ajuda do órgão municipal para o morador de rua. Ou seja, percebe-se um discurso consonante ao dos colonistas, quando estes afirmaram: quem passa vê menos a Prefeitura. Como se ambos chamassem a atenção do órgão municipal para ajudar a população de rua.

Portanto, quando avaliada a *natureza do saber*, observa-se um *saber de crença* transmitindo a informação de que este morador de rua é ajudado pelas pessoas do bairro e não

pela Prefeitura de Fortaleza.

As provas utilizadas para tal nota são de caráter *autêntico*, pois a nota é escrita pelo próprio leitor a par da situação de Zezão, de caráter *verossímil*, pois dá a entender que há tempos o morador de rua vive neste bairro e é ajudado pela vizinhança, além do leitor ser a própria testemunha dos fatos. Por último, também de caráter *explicativo*, porque fica explícita a intenção de se conseguir ajuda do órgão municipal para o gari voluntário.

Portanto, o *informador* é *plural* quando o leitor traz a voz de todos do bairro que ajudam o morador de rua, ajudando assim, a moldar o *efeito de verdade* para que outros saibam da necessidade de ajuda para Zezão. Além disso, o leitor *explicita seu engajamento sem contestação* possível porque ele presencia a situação do gari voluntário.

### **3.2.3 Conclusões sobre a análise dos textos opinativos do jornal Diário do Nordeste**

Nestes textos opinativos percebeu-se um discurso uniforme entre os colunistas pondo em dúvida as políticas públicas da Semas para retirar as pessoas das ruas. Fato que comprova isto é que até os números da Semas foram postos em dúvida nas notas n° 14 e 15. Apenas a colunista Regina Marshall mudou seu discurso após a publicação de matéria n° 05. Para ela, se antes a Prefeitura de Fortaleza nada fazia, depois da publicação da matéria n° 05, o órgão não aguentava a demanda de moradores de rua vinda do interior porque as prefeituras do interior não faziam sua parte.

Mais à frente as matérias do jornal O Povo também serão analisadas para somente depois aplicarem-se as teorias do *Gatekeeping* e da Agenda aos textos estudados até aqui.

### **3.3 O Povo – textos informativos**

O jornal O Povo também possui uma tiragem diária e é distribuído na cidade de Fortaleza. Como fundamentos, a empresa diz que tem a missão no “reconhecimento do papel superior da imprensa e está posta a serviço da verdade, na defesa da livre manifestação das ideias, do princípio da divergência e do espírito crítico, como condição da preservação das prerrogativas democráticas da cidadania”. Para definir os principais pontos em sua linha editorial, o jornal elenca: “liberdade, imparcialidade e lealdade, democracia, justiça, ética, política e ideologia, cultura e educação e, por fim, modernidade”.

Para melhor visualização da análise, assim como antes, também se apresenta a *tabela 3* abaixo. A metodologia será a mesma da vista anteriormente. Enumeram-se os textos informativos na tabela, indicando os títulos e as datas em que foram publicados. Depois disso, o estudo será feito com a citação do número indicado na tabela, sem citar título ou data. Como, por exemplo, veja que a matéria nº 22 refere-se ao título: *Ocupação] Grupo mora nos arredores do Dragão do Mar*, publicado no dia 28 de janeiro de 2012.

<b>Textos informativos</b>		
<b>Número</b>	<b>Editoria/Título</b>	<b>Data</b>
22	Cotidiano/Ocupação] Grupo mora nos arredores do Dragão do Mar	28/01/2012
23	Cotidiano/Dragão do mar] Cuidado ao estacionar seu carro nas ruas próximas	21/03/2012
24	Cotidiano/Centro] Frequentadores reclamam da má conservação da Praça do Ferreira	26/04/2012
25	Cotidiano/Aldeota] Mulher sofre sequestro-relâmpago	25/07/2012

*Tabela 3: Textos informativos do O Povo publicados em 2012 sobre população de rua.*

Esta etapa da análise inicia-se pela matéria de nº 22. Nela, a repórter entrevista pessoas em situação de rua que moram nas proximidades do Centro de Cultura e Arte do Dragão do Mar, ambulantes que se incomodam com a presença dessas pessoas, a Secretaria Executiva Regional do Centro – responsável por cuidar da área – e uma das assistentes sociais da Semas. Portanto, a notícia é construída através da heterogeneidade do discurso desses personagens, incluindo o olhar da repórter quando descreve o que viu no Dragão do Mar:

**O quê**  
**ENTENDA A NOTÍCIA**  
 Pelas praças do Centro, não é difícil encontrar bancos transformados em cama. Na praça Almirante Saldanha, vizinha ao Centro Dragão do Mar, há fogueira e camas improvisadas por um grupo de moradores.

*Figura 33: Primeiro trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.*

É unindo todas as falas que ela faz o *lead* e com suas próprias palavras descreve o

personagem que representa a matéria e, ainda, mostra pelo caminhopercorso da vida do senhor Francisco Lopes, um resumo do que acontece até chegar à condição de morar nas ruas:

**F**rancisco Lopes de Lima aprendeu a ler com a Bíblia. Natural de Uruburetama, no meio século de vida, seu Francisco já foi vendedor de churrasquinho, pipoqueiro, marido, filho. Há seis anos, é o “pai” de homens e mulheres que vivem na praça Almirante Saldanha, vizinha ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, no Centro.

Figura 34: Segundo trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.

E para construir o discurso atravessado pelo discurso dos personagens, a repórter utiliza o *discurso direto e indireto*. Para expressar a opinião do senhor Francisco sobre porque ele está nas ruas, a repórter utiliza a fala na forma de discurso direto, utilizando como *índice delimitador do discurso* as aspas, como se destaca a seguir:

“Pensei muitas vezes em voltar pra casa. Mas lá vou ficar com a mente ociosa. Preciso ter algo pra fazer. Queria um trabalho e que todos aqui fossem para um abrigo”, declara o homem,

Figura 35: Terceiro trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.

E completa utilizando o discurso indireto, descrevendo como Francisco consegue sobreviver trabalhando com coleta de material para reciclagem. Para tanto, a repórter utiliza índices para marcar que a fala é do entrevistado e não a dela, como, por exemplo, quando ela deixa bem claro que é o senhor Francisco que não acha certo:

*E graças ao conquistado pelo suor – porque pedir ele não acha certo – há comida diariamente para os muitos dele.*

Mesclando esses índices que marcam a fala do sujeito de forma direta e indicam a forma indireta do discurso, mostra-se que o grupo de moradores de rua não aceita pessoas bêbadas e drogados e ainda ajudam quem precisa. Esses índices também se misturam para

contar a história de outro morador de rua que saiu de casa por causa do vício em drogas e agora trabalha com reciclagem nas ruas. São utilizados também para mostrar a insatisfação de ambulantes que se incomodam com as pessoas nas ruas por elas trazerem sujeira; e para explicar que ações de manutenção a Secretaria do Centro fará no local, bem como qual serviço da Semas é realizado naquela área.

Para influenciar os leitores, ela dá significação à matéria – *processo de transação* – e no *plano enunciativo do discurso* a repórter destaca no abre da matéria – parte do texto que vem abaixo do título e antes do *lead* – os anseios dos moradores de rua. Vê-se:

**Um dos** moradores está ali há seis anos. São catadores de material de reciclagem que querem sair da invisibilidade e ter mais respeito

Figura 36: Quarto trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.

E no *plano enunciativo da história*, os verbos utilizados no passado caracterizam que os moradores no Centro Dragão do Mar moram ali há muito tempo, sendo um há seis anos, e também indicam que eles trabalham para conseguir sobreviver. Além disso, os verbos e expressões no passado mostram, através da fala de um vendedor ambulante, o trabalho que era feito antes pelo órgão municipal de tirar as pessoas dali e que não é realizado mais, trecho destacado a seguir:

Ambulantes que trabalham na praça não são simpáticos às pessoas que vivem por ali. “Nas outras administrações do Dragão do Mar, vinha o segurança e botava tudo pra correr. Agora está assim, entregue às baratas.

Figura 37: Quinto trecho retirado da matéria nº 22 do jornal O Povo.

Vendo a *mecânica de construção do sentido*, a matéria nomeou e qualificou as pessoas em situação de rua como: *grupo, catadores de material de reciclagem, esse pessoal, jovem, moradores da área, usuários de álcool e drogas, população de rua*. Para narrar, argumentar e modalizar o discurso da informação, o texto começa com o senhor Francisco, que é chamado de pai do grupo que mora nas ruas, falando como é o dia a dia dele. Depois se vê o depoimento de outro morador de rua e de um ambulante que se incomoda com as pessoas na

rua. Somente depois é que entram as falas dos órgãos indicados por manter da estrutura física do Dragão do Mar e dar assistência aos moradores de rua. Um deles, a Secretaria responsável pela regional do Centro, diz que vai fazer um trabalho de paisagismo e manutenção no local onde as pessoas em situação de rua moram. E por último a fala da Semas é utilizada para dizer que essas pessoas são atendidas diariamente pela Prefeitura, mas que é difícil fazê-las saírem de lá por causa do vício em álcool e drogas.

Tem-se a *natureza do saber existencial* por localizar onde os moradores de rua vivem (*praça Almirante Saldanha vizinha ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, no Centro*), *evenemencial*, quando reconstitui o dia a dia dos moradores, dizendo que trabalham com reciclagem e se reúnem para comer. Além da descrição do ambulante dizendo que o local está entregue às baratas e que os moradores de rua trazem sujeira para a praça. E também tem *saber de crença explicativo*, quando a assistente social da Semas explica porque é difícil tirar essas pessoas das rua (uso de álcool e drogas) e quando os moradores explicam porque saíram de casa. Assim, a repórter molda o *efeito de verdade* quando ela pede a informação dos entrevistados e utiliza cada um desses elementos e principalmente quando ela dá destaque no abre da matéria para o que os moradores de rua querem ou precisam: *sair da invisibilidade e ter mais respeito*.

Pela análise aqui, então, há *informadores plurais*: três moradores de rua, um ambulante que trabalha nos arredores da praça, a Secretaria Executiva Regional do Centro e a Semas. Estes dois últimos sendo *informadores com notoriedade*. Portanto, a repórter, como transmissora do discurso do jornal, *explicita seu engajamento sob o modo da convicção que tem na fonte* e também *sob o modo da distância*, quando publica a fala do morador de rua dizendo que não quer pessoas envolvidas com álcool e drogas no grupo dele em confronto com a fala do ambulante e da assistente social da Semas dizendo que as pessoas em situação de rua utilizam drogas e bebem.

Quanto ao fator de quais são as provas, a repórter utilizou a *verossimilhança*, quando narra o que ocorre na Praça, dizendo que há um grupo de moradores trabalhando com reciclagem. E também utilizou *explicação*, quando explica porque eles moram nas ruas, porque o ambulante se incomoda e porque eles não saem de lá.

Já na matéria nº 23 a *heterogeneidade do discurso* se dá quando se unem as vozes de frequentadores do Centro Dragão do Mar para reclamar da insegurança no local (*turistas de Mossoró* que tiveram o carro roubado, *um flanelinha* que confirma haver roubo de carros no

local, *uma auxiliar administrativa* que passa pelas ruas para pegar ônibus e a fala do próprio repórter atestando o que viu no local). Assim têm-se *informadores plurais* que convergem para a informação de insegurança do local e de que os moradores de rua parecem ser os responsáveis. Há também os *informadores com notoriedade*, representados pela Semas e pela Polícia Civil. O primeiro dizendo, novamente, que não pode retirar as pessoas do local e o segundo afirmando que precisa de mais efetivo para proteger os turistas.

Para construir estes enunciados, o repórter utiliza o *discurso direto e indireto*, através dos *índices de localização do próprio discurso*. Para localizar a fala do turista o jornal utiliza o verbo *reclama*, para atestar o descaso da Polícia Civil para com o local para, em seguida, utilizar as aspas, manifestando a *alteridade não marcada*:

Uma das vítimas, o jornalista José de Paiva Rebouças, reclama do “descaso” da Polícia para com os turistas.

Figura 38: Primeiro trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.

Depois, para narrar os fatos ocorridos com o turista após o assalto o repórter utiliza a expressão *segundo ele* ou *segundo o jornalista*, atribuindo a responsabilidade do discurso enunciado ao entrevistado, quando ele reclama da ineficiência da polícia:

Depois de seguidas tentativas de ligação para o 190, a Polícia solicitou que eles procurassem uma das delegacias plantonistas. Mas, segundo o jornalista, todas ficavam muito distantes. “É um absurdo que, num fim de semana, seja tão difícil um turista conseguir atendimento”, disse Rebouças, ao afirmar que o grupo desistiu de registrar o B.O. e partiu para Mossoró na madrugada de domingo.

Figura 39: Segundo trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.

Para atribuir os assaltos aos moradores de rua – *processo de transação* – o repórter utiliza a fala de um flanelinha também através dos discursos diretos e indiretos:

Um flanelinha que pede para não ser identificado por “medo de represálias” afirmou ao **O POVO** que todos os dias se depara com estilhaços de vidro de veículos espalhados pelas ruas, resultado de delitos cometidos na noite anterior. “De dia eles dormem. De noite são eles que mandam”, acusou.

Figura 40: Terceiro trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.

E para atestar a insegurança do local, o jornalista utiliza aspas com o depoimento de uma jovem que passa pelo Dragão do Mar para pegar ônibus. As outras falas – da polícia, dizendo que o trabalho deles está prejudicado pelo pequeno efetivo – também são construídas com esses dois tipos de discurso. Assim como o da Semas, que não pode remover os moradores de rua do local a não ser que ocorra risco de morte ou por meio de ordem judicial.

O *plano enunciativo do discurso* fica claro quando o repórter resume a matéria em um recurso utilizado pelo jornal chamado entenda a notícia, mas que é diferente do *lead*:

**Onde**  
**ENTENDA A NOTÍCIA**  
 Os arrombamentos e furtos a veículos costumam ocorrer em ruas paralelas ao Dragão do Mar. Pessoas que costumam passar pelo local atribuem os crimes aos moradores de rua que ocupam a Praça Verde e inibem a presença de turistas.

Figura 41: Quarto trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.

O *plano enunciativo da história* destaca-se quando a versão do turista assaltado é contada no passado, evidenciando que o fato já aconteceu, e quando o flanelinha diz que delitos foram cometidos na noite anterior.

Na *mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização*, os moradores de rua são nomeados e qualificados como os prováveis assaltantes que usam drogas e são jovens. Assim, o repórter narra e argumenta os fatos na voz de vítimas e pessoas que dizem ter visto ou sabido de algum delito para atestar que são os moradores de rua que cometem os assaltos e

furtos. E para argumentar porque não entrevistou nenhum morador de rua, o repórter cita que foi intimidado por eles.

Então, a *natureza do saber* que se vê é tanto *existencial*, pois ele localiza onde os assaltos ocorreram, *evenemencial*, quando reconstitui como foi o assalto aos turistas (*verossimilhança*), a saga deles para registrar um boletim de ocorrência que não foi feito e a descrição do próprio jornalista de que viu pessoas dormindo nos bancos e ainda foi intimidado por eles. Além disso, é também *explicativa*, quando traz a explicação dos turistas, dos que por ali passam, da Semas e o da Polícia Civil. Causando assim um *efeito de verdade* de ineficiência por parte dos órgãos públicos.

Quanto ao engajamento do informador, percebe-se que o jornalista *explicita seu engajamento* quando descreve o que ele mesmo viu nas ruas:

**O POVO** esteve no Dragão do Mar, na manhã de ontem, e constatou que o local está tomado por moradores de rua. Em pleno meio-dia, vários bancos da Praça Verde serviam de cama para os desabrigados, que dormiam sobre colchões velhos. Alguns, visivelmente sob o efeito de drogas, tentavam intimidar a equipe de reportagem.

Figura 42: Quinto trecho retirado da matéria nº 23 do jornal O Povo.

E há também o *informador que explicita seu engajamento sob o modo de convicção que tem nas fontes* entrevistadas e *sob o modo da distância*, quando deixa a dúvida na fala da Polícia Civil de quem é a responsabilidade por agir quanto a moradores de rua intimidando turistas. Neste caso, a pergunta sobre pessoas em situação de rua inibindo turistas foi feita à um policial civil e ele respondeu que é uma responsabilidade da Prefeitura cuidar disso, porém, não se fez essa mesma pergunta à Semas, deixando, assim, a dúvida do porque não perguntaram também ao órgão municipal.

Já na matéria de nº 24, a reportagem fala da má conservação da Praça do Ferreira e a este estado do local é atrelado à presença de moradores de rua. A *heterogeneidade do discurso* é marcada pela fala de *um flanelinha* que trabalha na praça, de *um cozinheiro*, *um aposentado*, *a secretária da Regional do Centro de Fortaleza* e da *Semas*. Ou seja, o *informador é plural* e

estes dois últimos têm *notoriedade* por pertencer a um órgão público. Através desses diversos informadores, passa-se a imagem de que a praça está abandonada e de que o número de moradores de rua por lá aumentou muito, além de transmitir o discurso de que a secretaria do centro não prioriza o conserto da fonte da praça e que a Semas oferece assistência aos moradores de rua que lá vivem.

Esses discursos são transmitidos através de *discursos diretos* e *indiretos*, além da prova de *autenticidade* utilizada pela repórter que é a presença dela no local constatando o abandono da Praça do Ferreira no Centro. Primeiro, para atestar o *lead* dizendo que a praça está abandonada e é utilizada por moradores de rua, a jornalista utiliza a fala de um flanelinha através do discurso direto, localizando o discurso escrito pela repórter no *lead*, através dessas aspas do entrevistado. Vê-se:

“A fonte está há oito anos  
sem funcionar e é usada como  
banheiro público”, conta o fla-  
nelinha Francisco Reinaldo.

*Figura 43: Primeiro trecho retirado da matéria nº 24 do jornal O Povo.*

Ela também utiliza índices marcados por expressões como: *segundo ele, para ele, também reclama, revela que, de acordo com* e *conforme a*. E é através desses índices que a repórter, no *plano enunciativo do discurso*, tenta influenciar os leitores para o enunciado de que a praça está abandonada, precisando de reparos e que o fato de haver moradores de rua lá e da fonte estar quebrada indica realmente este abandono.

Já no *plano enunciativo da história*, para provar que realmente não é há pouco tempo que a praça vem sendo deixada de lado, ela utiliza expressões como:

(...) a Praça do Ferreira há tempos vem perdendo a glória dos velhos  
tempos.

*Segundo frequentadores a fonte está inativa há anos.*

Molda-se então o *efeito de verdade* pelo discurso da informação de que o abandono da praça pelos órgãos municipais acarreta o aumento de moradores de rua na região e afasta ainda mais as pessoas do local porque eles acabam incomodando quem passa por lá, ao pedir dinheiro, por exemplo:

O cozinheiro Lucivaldo de Oliveira também reclama da presença de moradores de rua na praça. "Eles tomam quase todos os bancos.

Figura 44: Segundo trecho retirado da matéria nº 24 do jornal O Povo.

E na *mecânica de construção do sentido*, no processo de *semiotização de transformação*, nomeia-se e qualifica-se as pessoas em situação de rua como moradores de rua que afastam as pessoas da praça por incomodarem. Assim, a repórter utiliza a fala dos entrevistados para narrar, argumentar e modalizar, construindo o efeito de verdade já dito. Os fatos foram narrados da seguinte maneira: primeiro o flanelinha confirma o abandono do local, podendo ser atestado pela fonte da praça quebrada e pela presença de moradores de rua. Além disso, ele cita a desativação do Cine São Luiz – um cinema no Centro – como outro fator para o abandono. Depois um cozinheiro reclama da presença de moradores de rua e diz que eles ocupam todos os bancos e um aposentado diz que a tal fonte quebrada serve para banho dos moradores de rua e para despejo de dejetos humanos.

Então a matéria apresenta a fala da secretária da Regional do Centro dizendo que o conserto da fonte não é prioridade no momento para a gestão e que todos os espaços públicos do Centro receberão manutenção. E, por último, a Semas diz que os moradores de rua são atendidos pelo órgão e diz que eles são orientados a se dirigirem para o Centro de Referência Especializado para População em situação de Rua ou espaço de Acolhimento Noturno<sup>3</sup>. Percebe-se que, no processo de transação, busca-se dar significado à matéria com as hipóteses de que a presença de moradores de rua, a desativação da fonte e do Cine São Luiz foram os principais fatores que levaram ao abandono da praça, além da falta de manutenção deste local por parte da Prefeitura.

Portanto, a *natureza de saber é existencial, evenemencial e explicativa*, respectivamente porque identifica o espaço (Praça do Ferreira), reconstitui-se cada fato dito acima e explicam-se os motivos da praça estar abandonada, ou seja, as provas são dadas por *verossimilhança*, além da *autenticidade* já dita e da *explicação*.

Quanto ao *grau de engajamento do informador*, têm-se o *informador explicitando seu*

<sup>3</sup> Esses dois espaços eram de responsabilidade da Semas e eram especializados para fazer trabalhos voltados especificamente para as pessoas em situação de rua e para abrigá-los à noite.

*engajamento sem contestação possível* quando o repórter confirma o que os entrevistados disseram a partir de sua visita ao local e também tem o *informador engajado sob o modo de convicção que tem na fonte e da distância*, quando ele escolhe a fala da secretária do Centro dizendo que irá realizar a manutenção do local. Ou seja, o fato é verdadeiro até que se prove o contrário.

A última matéria informativa a ser vista neste trabalho é a de nº 25. O assunto da matéria envolve um sequestro-relâmpago que é atribuído a possíveis moradores de rua que ficam no bairro Aldeota.

*Informadores plurais* foram utilizados para montar a matéria. A heterogeneidade do discurso destaca-se pelas presenças da voz da sequestrada, dona Liani e da filha dela, Liana, além da declaração de um comandante da Polícia Militar, da Semas e da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), caracterizando, essas últimas três fontes, como *informadores com notoriedade*.

Assim, por meio da fala da sequestrada, de sua filha e de depoimentos na internet, indiretos e diretos, contou-se como foi o sequestro relâmpago e qual a reação das pessoas sobre este caso, utilizando índices que, além das aspas, eram: *detalha a filha, segundo ela, ela diz, relata a filha, segundo os envolvidos, segundo a assessoria de comunicação do órgão, segundo a Semas e afirma*. Um exemplo da utilização desse *discurso direto* com o *indireto* é a parte da declaração da sequestrada publicada na matéria:

“Entraram, colocaram a mão na boca pra ela não gritar, machucaram a boca, botaram as mãos nos olhos dela, esfaçalharam os olhos e mandaram seguir com o carro”, detalha a filha Liana. Segundo ela, o homem e a mulher que se tornaram passageiros indesejáveis de dona Liani são moradores de rua e vivem naquela esquina.

Figura 45:Primeiro trecho retirado da matéria nº 25 do jornal O Povo.

No *plano enunciativo do discurso*, vê-se que o depoimento da sequestrada e a declaração da repórter, dizendo que muitas pessoas na internet declararam ter sido vítimas do mesmo casal que sequestrou dona Liani, induz a um *efeito de verdade* de que o mesmo casal

já vinha agindo naquela área e, como a sequestrada disse que eles eram moradores de rua, então, fica a hipótese de que eles realmente o sejam. Já no *plano enunciativo da história*, muitos verbos no passado foram utilizados para narrar a sequência do sequestro de dona Liani. Veja:

**D**ona Liani dormiu demais, no domingo último. Perdeu o culto na igreja, mas não o jantar com os amigos, no fim da noite. A saída da lanchonete na avenida Dom Luís, porém, reservou uma triste surpresa para a senhora, de 45 anos, que pede para não ter o sobrenome divulgado. Quando foi entrar no carro, estacionado na rua Frei Mansueto, duas outras pessoas entraram com ela. Começava um sequestro-relâmpago.

Figura 46: Segundo trecho retirado da matéria nº 25 do jornal O Povo.

Quando se percebe a *mecânica de construção do sentido* no processo de *semiotização da transformação*, vê-se como as pessoas em situação de rua são nomeadas e qualificadas nesse contexto de assalto e sequestro: *sequestradores, o homem e a mulher, passageiros indesejáveis de dona Liani, criminosos, estavam sob efeito de drogas* (drogados), *casal e bandidos*. Já quando na matéria coordenada – notícia de menor tamanho e que tem relação com a matéria principal – a fala da Semas é a priorizada, então, eles são nomeados como: *moradores, grupo, flanelinhas (são entre oito e dez pessoas que atuam guardando os carros), usuários de droga e população usuária de drogas*. Ainda no mesmo processo, a repórter narrou, argumentou e modalizou a matéria principal sob o modo de convicção que tinha na fonte.

No *processo de transação* fica clara a formação da hipótese de que o casal sequestrador seja morador de rua quando a repórter publica a essa declaração da vítima e quando a Semas é procurada pela repórter para dar informações sobre os moradores de rua que vivem naquela região.

A natureza do saber apresenta-se como *existencial* quando se localiza onde o assalto ocorreu e principalmente *evenemencial*, quando se reconstitui os detalhes da ação dos

sequestradores. Além também de ser *explicativa* quando se diz que o grupo de moradores é acompanhado pela Semas e pela Secretaria Municipal de Saúde.

Quanto às provas, a matéria de nº 25 utiliza-se principalmente da *verossimilhança* com a sondagem de testemunhas, inclusive do que foi publicado na internet por supostas vítimas do mesmo casal.

### 3.3.1 Conclusões sobre a análise dos textos informativos do jornal O Povo

Nestes textos informativos do jornal O Povo, apenas a matéria (nº 22) utilizou como fonte as pessoas em situação de rua. Aliás, essa foi a matéria mais referenciada e comentada pelos colunistas do jornal no ano de 2012, sendo usada como fonte com notoriedade em várias colunas mostradas acima. Além disso, nestes textos, falou-se muito de turistas e pontos turísticos, como justificativas para que pessoas em situação de rua fossem retiradas dos espaços públicos por incomodar esses visitantes.

Após a análise dos textos informativos do jornal O Povo, passa-se para as notas e notícias de caráter opinativo.

### 3.3.2 O Povo – textos opinativos

Para finalizar a análise, serão estudados os aspectos dos textos de opinião do jornal O Povo que foram abordados sobre a população de rua de Fortaleza no ano de 2012. Assim, como nas análises acima, começa-se apresentando uma tabela enumerando essas notas, como se vê a seguir:

Número	Editoria/Coluna	Texto	Data
26	Cotidiano/Vertical	A Praça	20/01/2012
27	Opinião/Editorial	Problemas dos moradores de rua não pode ser ignorado	30/01/2012
28	Cotidiano/Vertical	Dragão Residence	04/02/2012
29	Cotidiano/O Povo nos Bairros	Abandono do Dragão do Mar	09/02/2012
30	Cotidiano/Vertical	Dragão sem fogo	10/03/2012

31	Cotidiano/O Povo nos Bairros	Praia de Iracema	02/07/201
----	------------------------------	------------------	-----------

Tabela 4: Textos opinativos do O Povo publicados em 2012 sobre população de rua.

A primeira coluna a ser estudada será a *Vertical* do jornalista Eliomar de Lima e que faz parte da editoria *Cotidiano*. Em seu texto nº 26, o colunista abordou o tema de uma família morando na Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza. O texto da nota é bem pequeno e não se identificam outros sujeitos do discurso a não ser o próprio jornalista fazendo as vezes de enunciador. Isso se dá porque não se percebe índices que indiquem a fala de outros interlocutores, sendo, portanto um texto marcado por ser em um *plano enunciativo do discurso* em que o jornalista alerta para a existência dessa família na praça há 15 dias. E é justamente esse tempo (15 dias) que marca o *plano enunciativo da história* no texto, pois, apesar dos fatos estarem narrados no presente, esse tempo em dias caracteriza que há tempos a família vem morando neste local e tomando banho por lá.

Na *mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização de transformação*, o jornalista nomeia e qualifica os moradores de rua como família composta por pai, mãe e cinco filhos, estes, também chamados de meninos. O texto narra que a família está morando há 15 dias e para argumentar e modalizar este discurso, ele usa a frase:

*É comum ver os meninos serem banhados por lá.*

Ou seja, se é comum vê-los no local, então, realmente faz dias que a família está na praça. Já no processo de *transação*, atribui-se um tom de denúncia ao texto, com *natureza de saber existencial*, por localizar a família na praça e *evenemencial*, por narrar mesmo que em poucas palavras a situação dos moradores. Assim, o jornalista passa o *efeito de verdade* de que a informação foi transmitida por iniciativa própria.

E o informador, sendo de *notoriedade*, *explicita seu engajamento sob o modo de convicção*, provando por meio da *verossimilhança* que a família de fato utiliza a praça como moradia. Não se identifica se são as mesmas pessoas da matéria nº 24, porém, eles também moram no local.

Outra nota lançada pelo jornalista foi a de nº 28 que cobrou uma solução da Prefeitura quanto a moradores de rua instalados na calçada do Centro Dragão do Mar. Apesar de pequena, a nota apresenta a *heterogeneidade do discurso* quando faz referência à matéria nº 22, já analisada neste trabalho, sendo o *informador* tanto *plural* por remeter a outra notícia,

quanto com *notoriedade*, no caso do colunista.

E os *índices que determinam a localização do próprio discurso* se fazem presentes quando o jornalista cita matéria do O Povo, como se observa abaixo:

*Passada uma semana da matéria no O POVO, sobre a presença de moradores de rua instalados na calçada do entorno do Centro Dragão do Mar, continua tudo na mesma.*

No *plano enunciativo da história*, utiliza-se a expressão passada uma semana para designar que nada foi feito apesar do jornal ter denunciado o caso de moradores vivendo nas ruas do Dragão do Mar. Assim, o *plano enunciativo do discurso* é o de tentar influenciar o leitor para que nada foi feito, ou seja, o discurso da informação desta nota causa o *efeito de verdade* de que nenhuma autoridade tomou providências e que o jornal, por iniciativa própria, denuncia novamente.

Então, na *mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização*, narra-se, argumenta-se e modaliza-se que os moradores de rua continuam pelo local e que tudo continua na mesma. Ele nomeia e qualifica o objeto deste trabalho apenas como moradores de rua instalados na calçada do entorno do Centro Dragão do mar, para depois atribuir o objetivo de denúncia e cobrança de que alguém se manifeste – isso se dá através do *processo de transação*. E assim ele diz:

*Taí a foto acima. Qual autoridade, estadual ou municipal, se pronunciará a respeito?*

Nesta pequena nota de quatro linhas, a *natureza do saber é existencial* por fazer referência a uma matéria do mesmo jornal, ou seja, localiza o assunto dentro do próprio jornal e também indica onde os moradores de rua se encontram. Também se apresenta como *evenemencial* e *explicativa*, pois descreve a situação de instalação na calçada a qual os moradores estão e explica que isso continua acontecendo porque nenhuma autoridade se manifesta. Assim o grau de *engajamento do informador* é *sob o modo de convicção* na matéria do próprio jornal e também *sem contestação* possível, pois foi contestado o mesmo fato duas vezes, uma em matéria do jornal e outra pelo colunista.

Para provar que a o fato continua a ocorrer, o jornalista recorre à prova *autentica* de uma foto e a *verossimilhança* dos acontecimentos, onde o mesmo caso continua a ocorrer. Além da prova *explicativa* que é porque os órgãos públicos não se manifestaram.

Novamente, em outra nota (nº 30), o colunista trata o fato de haver moradores de rua no Centro Dragão do Mar como um problema crônico, assim, qualificando-os no *processo de semiotização*. E para narrar, argumentar e modalizar, primeiro o colunista diz que o local está abandonado e cobra reparos na área, em que, um deles, é a resolução do tal problema crônico e é classificado como invasão do espaço.

Há o *discurso heterogêneo* da Secretaria de Cultura do Governo do Estado na nota atravessado pelo discurso do colunista, cobrando por uma atitude que, segundo ele, não passa de planos. E este discurso *heterogêneo*, misturando dois *informadores plurais* e com *notoriedade*, apresenta *índice de localização do discurso* do jornalista quando ele diz: *a secretaria da Cultura anunciou*. Portanto, o colunista utiliza a própria fala da secretaria para construir o próprio discurso de que o órgão anunciou mudanças no local, mas tudo não sai do papel.

Assim, no *plano enunciativo do discurso*, a intenção é que se acabe com os problemas do Dragão do Mar, sendo um deles a *invasão* da população de rua e outro a revitalização do lugar, causando o *efeito de verdade* de que o local está abandonado pelo Governo e de que uma das provas disso é a *invasão* das pessoas em situação de rua. Já no *plano enunciativo da história*, registram-se verbos no passado para se comparar como o lugar era preservado pelo órgão público e hoje não é mais, como se percebe no trecho abaixo:

o Centro Cultural Dragão do Mar que, em passado não tão distante, foi a “menina dos olhos” das autoridades estaduais, passará a ser visto como verdadeira piaba do mar.

*Figura 47: Trecho retirado da nota nº 30 do jornal O Povo.*

A *natureza de saber* desta nota é *existencial*, por localizar os moradores de rua no Dragão do Mar, *evenemencial*, por narrar os fatos justificadores do abandono do local, entre eles está a presença e pessoas morando nas ruas, além de ser *explicativa*, por explicar o motivo dela estar abandonada: ineficiência das autoridades. Portanto, as provas utilizadas são a da *autenticidade, verossimilhança e explicação*.

O *grau de engajamento do informador* é aquele em que não há contestação possível, apesar dele citar a fonte do governo, o colunista contesta a informação desta fonte e diz que o projeto deles não sai do papel e dá cada um dos motivos para o local estar abandonado.

A próxima coluna a ser analisada será a intitulada *O Povo nos Bairros*, que no ano de 2012, nas notas referentes aos moradores de rua, teve dois autores: os jornalistas Geimison

Maia e Rosa Sá. A coluna destaca-se por receber sugestões de leitores reclamando dos problemas de seus bairros, que são transmitidos pelo colunista aos seus leitores com a reclamação enviada mais, geralmente, uma resposta de algum órgão público. Ou seja, nas duas notas há *heterogeneidade do discurso* e *informadores plurais* e também com *notoriedade*. O primeiro texto a ser publicado foi o nº 29 e abordou também o tema do abandono do Dragão do Mar.

Nele, os *índices de localização do discurso* do jornal se fazem presentes através do *discurso indireto* quando o jornalista coloca a fala do leitor sobre o que viu no Dragão do Mar e também quando, na resposta à problemática, também se utiliza o discurso indireto, mas desta vez é o do órgão público.

No *plano enunciativo do discurso*, a intenção do colunista é o de mostrar que o jornal vai atrás de soluções para os problemas anunciados pelo leitor e, neste caso, referindo-se aos moradores de rua, seria a retirada deles do local por estarem em um ponto turístico e também porque o leitor já presenciou (denotando o *plano enunciativo da história*) atos sexuais e assaltos nesta área. Ou seja, atribui-se esses atos aos moradores de rua no *processo de transação*.

Quanto ao *processo de semiotização da transformação*, os moradores de rua são atrelados a pessoas incômodas tanto por estarem em um ponto turístico quanto por estarem ligados a atos sexuais e assaltos praticados na área. Assim, argumenta-se através da resposta do órgão público contatado – Guarda Municipal – que o lugar precisa de mais segurança e modaliza-se para a explicação de que deve ser dada mais atenção ao local justamente por ser este ponto turístico.

Portanto a *natureza do saber é existencial* por se localizar o ponto turístico onde os moradores de rua dormem; também *evenemencial*, por narrar o que o leitor presencia no Dragão do Mar; e *explicativa*, por buscar uma explicação para o que está acontecendo junto à Guarda Municipal. Construindo, assim, um *saber de crença* e um *efeito de verdade* de que a segurança do local deve ser privilegiada por ser ponto turístico.

Assim, o *grau de engajamento do informador* está sob o modo da *convicção que ele tem nas fontes*, a partir do momento que os discursos de ambas são publicados, sem que haja um contraponto. E as provas de que realmente há moradores lá são por *verossimilhança* e *explicações* trazidas pelo leitor, como se observa no trecho abaixo:

**4. Paulo André Farias cobra atuação da Guarda Municipal na área do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que, para ele, está abandonado no que diz respeito a segurança. Reclama da presença de moradores de rua em acampamento montado na praça que é ponto turístico. “Já vi inclusive atos sexuais e pessoas sendo assaltadas na área”, diz.**

*Figura 48: Trecho retirado da nota nº 29 do jornal O Povo.*

A segunda nota de nº 31 foi publicada pela jornalista Rosa Sá e fala a respeito do abandono da Praia de Iracema. Na *mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização*, narra-se, argumenta-se e modaliza-se a situação do local:

**um local que virou um verdadeiro depósito de lixo, ou ponto de reciclagem, onde os catadores ali passam a noite, e amanhecem dormindo em meio a carros e lixo espalhado onde antes era um prédio residencial”, dizem.**

*Figura 49: Primeiro trecho retirado da nota nº 31 do jornal O Povo.*

Isso significa, no *plano enunciativo do discurso*, que o local está abandonado apesar de ser um ponto turístico e a prova disso é a presença de moradores de rua. Além disso, no *plano enunciativo da história*, vê-se que no trecho acima o local virou um verdadeiro depósito de lixo, ou seja, é fato recorrente. Para, no *processo de semiotização*, argumentar e modalizar, a colunista utiliza a resposta dada pela Semas para o que ocorre na praia:

**RESPOSTA: A Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), informa que já realiza, duas vezes por semana, abordagens à população em situação de rua que se encontra na avenida Monsenhor Tabosa e suas imediações, considerado ponto fixo de abordagens no cronograma do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua. A Semas só não realiza remoção de pessoas em situação de rua.**

*Figura 50: Segundo trecho retirado da nota nº 31 do jornal O Povo.*

O discurso direto, marcado pela presença das aspas, e o indireto, marcado por algumas expressões (*reclamam; dizem que quem passa observa; destacam que; e informa que*), contribui na construção da manifestação discursiva. A partir dele, forma-se *saber de crença* e um *efeito de verdade* de que o local está abandonado, além de ser classificado como triste pela colunista por causa da situação dos moradores de rua.

Assim, o discurso vai sendo construído de maneira *direta*, marcado pela presença das *aspas* e *indireta* marcado pelas seguintes expressões e verbos: *reclamam; dizem que quem passa observa; destacam que; e informa que*. Através desses discursos, vai-se formando um *saber de crença* e um *efeito de verdade* de que o local está abandonado, além de ser classificado como triste pela colunista por causa da situação dos moradores de rua.

Portanto, analisando-se a nota nº 31, percebe-se que a *natureza de saber* é tanto *existencial*, por localizar onde os problemas ocorrem, *evenemencial*, por narrar que ocorre na praia de Iracema e *explicativo*, através da resposta da Semas explicando que acompanha os moradores de rua, mas que não faz o trabalho de removê-los de lá. E as provas utilizadas são de caráter *verossímil* (reconstituição dos fatos), *explicativo* e *autentico*, quando a Semas, por ser informador notório, comprova a existência desses moradores e que eles são acompanhados pelo órgão.

O *engajamento* da informadora se dá, então, *sob o modo da convicção que ela tem nas fontes* e em que *não há contestação possível*, pois são situações que já ocorriam.

Por último, o jornal o povo publicou o texto nº 27 afirmando que os problemas dos moradores de rua não poderiam ser ignorados, em um texto no Editorial do jornal – ou seja, na parte que expressa a opinião da empresa sobre este assunto.

Logo em suas primeiras linhas a matéria mostra que o discurso é *heterogêneo* e é formado por *informadores plurais* e com *notoriedade*, pois, o editorial faz referência à matéria publicada no mesmo jornal sobre moradores de rua no Dragão do Mar, além da opinião do jornalista responsável pelo editorial e dos dados da Organização das Nações Unidas (ONU). O texto do próprio jornal a que se faz referência é o de nº 22, já analisado neste trabalho.

Para referir-se a todas essas fontes com o *discurso direto e indireto*, o jornalista utiliza *índices da localização do próprio discurso (de acordo com as Organizações das Nações Unidas; conforme matéria publicada pelo O Povo – matéria nº 22 – ; a prefeitura afirma por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social; a informação repassada pelo órgão)*.

No *plano enunciativo do discurso*, percebe-se que a intenção do editorial é chamar atenção para o questionamento sobre se os métodos apresentados pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Semas, são mesmo eficazes, pois, segundo o que se constatam por dados e pela matéria do próprio jornal, a população de rua só aumenta. Assim, ele utiliza o *plano enunciativo da história* para atestar que vem havendo sim um crescimento de moradores de

rua não só na Cidade, mas no mundo, por meio dos seguintes verbos e expressões no passado ou que o indiquem: *a matéria (...) publicada na edição de sábado do O Povo; o ato de pessoas residirem nas ruas (...) não é fenômeno recente; há muito perderam os vínculos familiares em virtude da droga e do álcool; ali o problema foi gerado pela falta de ação concreta do poder público.*

Assim, na *mecânica de construção do sentido*, no *processo de semiotização*, as pessoas em situação de rua são nomeadas e qualificadas como: *moradores de rua; aquelas pessoas; pessoas residirem nas ruas, sem a mínima condição de sobrevivência; desempregadas ou que há muito perderam os vínculos familiares em virtude da droga e do álcool; verdadeiras legiões de famintos fugindo das dificuldades enfrentadas em suas cidades de origem; pessoas menos favorecidas; os moradores, muitos por serem dependentes de drogas; toda essa quantidade de gente vivendo em um quadro tão degradante.* No mesmo processo, narra-se, argumenta-se e modaliza-se o discurso, causando um *saber de crença* e um *efeito de verdade* de que a matéria publicada no jornal deveria ser motivo de repulsa para o leitor que se depara com as condições de pessoas morando nas ruas. Além disso, se não forem tomadas providências diferentes das que a Semas vem tomando, a população de rua vai aumentar em Fortaleza, assim como acontece no mundo e em grandes cidades como, por exemplo, em São Paulo. E também forma-se a imagem de que os moradores de rua são pessoas que vêm para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida e fugindo da seca do interior, tornando-se pessoas desempregadas, envolvidas com vícios e sem condições mínimas de sobrevivência.

Para tanto, depois de toda a argumentação e modalização, no *processo de transação* atribui-se uma hipótese para esse aumento de pessoas nas ruas, que é transmitido através do seguinte questionamento, quanto as ações da Semas, para diminuir o número de moradores de rua:

**Será que os procedimentos adotados estariam realmente se dando de forma correta?**

Figura 51: Primeiro trecho retirado do texto Editorial n° 27 do jornal O Povo.

Portanto, a *natureza do saber* se apresenta como *existencial*, quando localiza-se o

discurso na matéria nº 22 e quando utilizam-se dados da própria matéria e da ONU. Além de ser *evenemencial*, por reconstituir tudo o que foi discutido no jornal na matéria de nº 22 e o que acontece nas grandes cidades e no mundo com relação à população de rua. Por último, é *explicativa* também, por nortear o leitor, através dos argumentos *existenciais*, porque as políticas públicas da Semas não têm dado certo para tirar as pessoas das ruas. Explicação essa que fica clara no último parágrafo do texto, como se observa a seguir:

**o problema foi gera-  
do pela falta de ação concreta do  
poder público.**

*Figura 52: Segundo trecho retirado do texto Editorial nº 27 do jornal O Povo.*

Então, vê-se que o informador, *engajado sob a forma de convicção que tem em suas fontes* e também *sob o modo da distância* quando questiona as políticas públicas da Semas, utiliza-se de provas autênticas, através de dados (números), *verossímeis* – com a narração do que acontece no mundo, nas grandes cidades e em Fortaleza – e também *explicativas*.

### **3.3.3 Conclusões sobre as análises dos textos opinativos do jornal O Povo**

Nesses textos opinativos do jornal O Povo os moradores de rua eram em sua maioria adjetivados como invasores ocupando espaços públicos – estes retratados como se pertencessem apenas a cidadãos e turistas. Quanto à pesquisa da Semas com dados estatísticos, o jornal a utilizou para criticar o próprio órgão e por em dúvida a atuação da secretaria para diminuir a quantidade de pessoas nas ruas.

Com o fim da análise das matérias relacionadas à população de rua no ano de 2012 nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, passa-se então para algumas reflexões a respeito da aplicação das teorias da Agenda e do *Gatekeeping* nos referidos textos estudados neste trabalho.

### **3.4 As teorias aplicadas aos jornais**

Primeiramente, cabe a lembrança de alguns aspectos da Teoria da Agenda para depois aplicá-las às matérias dos jornais. Foi dito que o agendamento resulta do conteúdo produzido pela comunicação de massa, composto, neste trabalho, pelos jornais Diário do Nordeste e O

Povo. Sabe-se também que o limite dos assuntos da agenda da mídia é uma consequência de um limite na quantidade de espaço no jornal e uma quantidade de tempo limitada dos jornalistas para produzir a notícia. Fora isso, cada indivíduo adere à agenda da mídia à sua própria maneira, sendo os efeitos do agendamento manifestados quando alcançam a todos. Assim, esses limites acabam por influenciar na permanência de dois a cinco tópicos na mente dos leitores, que utilizam o jornal como fonte primária para a busca por orientação.

Portanto, cabe aqui nesta análise estudar quais são esses tópicos referentes à população de rua de Fortaleza que foram agendados por ambos os jornais, visto que, quando os dois veículos de comunicação de massa noticiam os mesmos tópicos, a saliência da agenda do público em relação à agenda da mídia aumenta. E também analisar quais textos foram destaque de capa e, ainda, quais notícias utilizaram a Semas como fonte, sendo sua assessoria de comunicação responsável por tentar agendar a agenda do órgão na agenda da mídia para chegar à agenda do público.

De janeiro a abril, os assuntos mais tratados pelos jornais foram a ocupação dos moradores de áreas públicas da cidade (viaduto da Antônio Sales, Praça da Estação, Beira-mar, Dragão do Mar e Praça do Ferreira), o incômodo para os fortalezenses e turistas que eles trazem além da sujeira, insegurança e o uso de drogas. Com menos frequência houve a divulgação dos números de atendimento da Semas. Destes assuntos, a ocupação ao Dragão do mar e o crack dominando a periferia foram os assuntos publicados na capa. O primeiro no O Povo e o segundo tópico no Diário do Nordeste.

Podemos afirmar, com base nesses dados, que o tema das populações de rua somente é agendado pela mídia a partir do incômodo provocado, principalmente quando esses sujeitos ocupam áreas públicas e visíveis da cidade. Nos meses de maio e junho, ambos os jornais não publicaram matérias referentes à população de rua. E no mês de julho, o tópico mais publicado no Diário do Nordeste foi a pesquisa da Semas que demonstrou que um terço dos moradores de rua da Capital serem do interior. Além do assunto da família morando embaixo do viaduto da Antônio Sales ter voltado à tona. Já O Povo, nos dois últimos textos sobre população de rua, envolveu o tópico sequestro/insegurança mais moradores de rua, além do abandono da Praia de Iracema, enfatizando o fato de ser um local turístico.

E de agosto a outubro, os últimos textos que envolveram a população de rua de Fortaleza em 2012 foram publicados no Diário do Nordeste. Os tópicos envolveram a solução do problema de uma família que morava embaixo do viaduto da Antônio Sales; tópicos

envolvendo as dificuldades dos moradores de rua e a busca por seus direitos; além da repetição do assunto de que a maioria dos moradores de rua de Fortaleza vêm do interior. Sendo este último tópico destaque de capa no Diário do Nordeste por duas vezes: uma no mês de julho e outra no mês de setembro.

Outro ponto é que como os textos foram retirados do *clipping* da Semas, então, observou-se o discurso desta secretaria construído através das publicações dos jornais. Assim, percebeu-se dentre as respostas dadas pela Assessoria de Comunicação do órgão, uma frequência das mesmas justificativas quanto ao trabalho da Semas em relação a retirada de pessoas das ruas. Observou-se que as respostas da Semas foram praticamente as mesmas, dizendo que faz o acompanhamento dos moradores de rua através de serviços específicos de dia e acolhimento à noite, além de dizer que não faz remoção dessas pessoas das ruas e que a maioria vem do interior e não sai das ruas pelo envolvimento com drogas.

Como se viu na Teoria do *Gatekeeping*, apenas uma parte da informação é publicada nos jornais e o conteúdo e a natureza das mensagens que é passado para o leitor (o discurso) é determinado por essa escolha. Por isso que em algumas matérias analisadas acima por vezes não apresentaram as falas dos próprios moradores de rua ou da Semas e o que foi publicado dos entrevistados é apenas uma parte da realidade que é editada desde a hora que a repórter faz a entrevista e escreve a matéria até ser publicada pelo editor.

Outra questão do *gatekeeping* é que, como já foi dito, a maioria das organizações da mídia transmitem notícias que se assemelham. Basta ver o quanto dessas notícias acima se repetem ou são consoantes com a verdade transmitida por ambos os veículos como, por exemplo: morador embaixo do viaduto, no Dragão d mar, na Praça do Ferreira, na Praça da Estação, na Beira-mar ou Praia de Iracema (bairros que pertencem à mesma faixa de calçada em Fortaleza só sendo separados pela distância). Vê-se, com a repetição dos mesmos lugares ou bairros – pois todos esses lugares concentram-se nas proximidades dos bairros Centro, Aldeota e Meireles – a confirmação do que foi dito no capítulo II sobre esta teoria:

Essas semelhanças podem acontecer à medida que os jornalistas começam por uma informação sobre o mesmo sistema social - mesma cidade, estado, bairro etc - diferenciando-se, apenas, quando se tratam de produções de cunho opinativo - editoriais, artigos, pontos de vista (SHOEMAKER & VOS, 2011, p. 13).

Portanto, os jornais realizaram o processo de agendamento noticiando os mesmos sistemas sociais, passando pelos *gatekeepers* aquelas informações dos entrevistados

consoantes com os discursos transmitidos em ambas as mídias.

Houve também uma uniformidade no discurso da Semas, o que pode ter ocorrido, ou porque os jornais foram uniformes em publicar o mesmo discurso da secretaria, ou porque os materiais enviados pela assessoria de comunicação do órgão conseguiram atravessar os portões por corresponderem aos anseios de quem produz a matéria e ser publicado de maneira uniforme nos jornais, por mérito da assessoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossas análises, lança-se mão de reflexões a respeito do que foi estudado neste trabalho. Primeiramente, percebeu-se uma regularidade quanto aos textos informativos dos jornais e aos textos opinativos também. Notícias estas que influenciariam no processo político de 2012 e também na visão do fortalezense sobre que cenário a cidade teria em relação à presença da população de rua na capital do Ceará.

Nestes textos, pôde-se ver em sua maioria uma heterogeneidade do discurso, utilizando-se fontes diversas para compor matérias e notas, por meio de discursos diretos e indiretos. Dentre estas fontes, os mais presentes foram cidadãos fortalezenses, moradores de rua, as próprias matérias e a visão dos repórteres do jornal e também a Semas – esta era representada por assistentes sociais do órgão ou por sua assessoria de comunicação.

Nos textos informativos do Diário do Nordeste, observa-se na análise que até a matéria de nº 04 os moradores de rua eram vistos como pessoas que traziam sujeira e insegurança para as ruas da Cidade e que incomodavam turistas ou quem quer que passeasse na Capital. Depois da divulgação da pesquisa da Semas presente na matéria nº 05, o discurso foi mudando, pois muito do que os jornais publicavam vinha com a fala dos moradores de rua e os problemas dessas pessoas passaram a ser debatidos sem tratá-los como marginalizados, mas como cidadãos que também tinham direitos e deveres. O único discurso que permaneceu nos textos informativos do jornal Diário do Nordeste foi o de que a população de rua precisava ser retirada, porém, se antes essa remoção era para tornar os lugares da Cidade mais limpos e melhores de se frequentar por turistas principalmente, depois da pesquisa da Semas, a retirada era para dar melhores condições de vida aos moradores de rua.

Já nos textos informativos do jornal O Povo, apenas uma matéria (nº 22) utilizou como fonte as pessoas em situação de rua, sendo usada como fonte de notoriedade em por vários colunistas do jornal. Além disso, nestes textos, falou-se muito em retirar as pessoas das ruas para que os turistas não fossem incomodados.

Nos textos opinativos do Diário do Nordeste os moradores de rua eram vistos como desocupados e viciados e os números de atendimento fornecido pela Semas eram postos em dúvidas. Depois da divulgação da pesquisa da Secretaria publicada na matéria nº 05 o discurso da maioria dos colunistas permaneceu uniforme. Apenas o da jornalista Regina Marshall obteve mudanças, pois ela passou a colocar a responsabilidade do aumento de

moradores de rua em Fortaleza nas prefeituras do interior.

E nos textos opinativos do jornal O Povo os moradores de rua eram em sua maioria adjetivados como invasores, sendo a pesquisa da Semas utilizada para criticar o próprio órgão e por em dúvida a atuação da secretaria para diminuir a quantidade de pessoas nas ruas.

O uso de expressões e adjetivos para designar quem era essa população de rua, mesmo sendo através do discurso indireto e direto e também por meio da opinião no caso do colunista ou quando o repórter presenciava algum fato, traz a reflexão de que os jornais julgavam a população de rua por meio de achismos e só depois de uma pesquisa com números passou-se a entrevistá-los. A partir deste momento, os próprios moradores de rua diziam quem eles eram e não era mais como antes, em que pessoas que não os conheciam os descreviam como desocupados, por exemplo.

Ambos os jornais utilizaram bastante índices delimitadores da localização do próprio discurso, utilizando expressões (disse, segundo ele ou ela, para ele, afirma e etc) que denotavam a pluralidade de informadores, sendo muitos deles com notoriedade. A diferença em textos informativos e opinativos é que nestes os colunistas se utilizavam muito da ironia, mas ambas as matérias eram construídas num plano enunciativo do discurso, sempre com a intenção de denunciar para o que estava acontecendo em alguns cantos de Fortaleza. Ou seja, os lugares abordados pelos jornais foram praticamente os mesmos (Centro da Cidade, bairros Aldeota e Meireles), demonstrando uma uniformidade na cobertura das mídias e no discurso produzido. Além disso, destacou-se nas análises o Dragão do Mar como o local mais pautado pelas matérias e notas do jornal O Povo.

O plano enunciativo da história também foi bastante utilizado pelos jornais para designar que alguma situação envolvendo os moradores de rua já vinha ocorrendo há muito tempo e a Semas não retirava as pessoas das ruas. Um discurso recorrente era o de que mesmo o jornal já tendo denunciado casos de pessoas vivendo nas ruas a Prefeitura fingia não vê-los e não os retirava de lá.

Portanto, estes textos tinham uma mecânica de construção do sentido em comum em matérias que os moradores de rua não eram entrevistados e nas que eles eram. Quando a população de rua tinha voz, eles eram nomeados e qualificados por seus nomes: Francisco, Maria das Chagas, etc. E quando eles não eram entrevistados, eles eram nomeados como desocupados, viciados, sujos, assaltantes, dentre outros. Reflete-se, então, para esta construção do discurso sem procurar saber da realidade de quem se fala: a população de rua.

A narração, argumentação e modalização dos discursos da informação passavam pelos discursos diretos e indiretos e foi modificado ao longo do ano, como já foi dito. E no processo de transação, dando significação ao ato de informar, os jornais agiam como denunciadores de um fato e cobravam uma solução por parte da Prefeitura quando publicavam mais de uma vez: a família embaixo do viaduto continua morando lá; a família da Praça da Estação está há meses no local; o jornal já denunciou o caso e nada foi feito.

Assim, natureza de saber era muitas vezes existencial, pois se tinha que localizar para o leitor onde os moradores de rua viviam, o local da sujeira, do assalto, do sequestro. Em sua maioria evenemencial, pois ambos os textos e jornais utilizavam-se da verossimilhança como prova e da autenticidade de fotos e dados. Ou seja, explicitavam o engajamento com convicção na fonte e nas matérias anteriormente publicadas. Há todo o tempo os jornais recorriam às suas fontes para comprovar que o que estavam falando era a verdade e provavam dizendo que já haviam publicado isso ou aquilo, portanto, o saber de crença de que a Prefeitura não via o que acontecia na Cidade se reforçava. Daí questiona-se este discurso, pois Fortaleza para os jornais, em relação ao tema deste trabalho, era apenas uma parte representada pelos bairros citados acima.

Conclui-se, portanto, que o discurso produzido pelos jornais a respeito da população de rua foi feito muitas vezes baseados em opiniões de quem não morava nas ruas. Além disso, ambos buscaram manter uma uniformidade na informação passada ao leitor e o índice de cobertura das mídias sobre a população de rua se estendeu a poucos bairros de Fortaleza. Além disso, o discurso mais recorrente da Semas em resposta aos jornais foi o que não poderia retirar as pessoas das ruas, pois o trabalho da secretaria é de conscientização. Já a informação da Semas repassada aos jornais por iniciativa própria que teve mais agendamento e conseqüentemente passou mais fácil pelos *gatekeepers* foi o da pesquisa com dados estatísticos. Portanto, uma assessoria de comunicação que queira agendar seus assuntos na mídia, passando-os pelos *gatekeepers*, poderia investir em fazer estudos dos seus assessorados e lançá-los na mídia.

Espera-se que a partir da análise de todos os textos acima se possa gerar uma reflexão na forma de fazer jornalismo, buscando-se narrar a maioria dos lados de um mesmo fato para que possam ser gerados debates a respeito do que a mídia noticia. Além disso, outros estudos a respeito do mesmo tema ainda podem ser desenvolvidos, como, por exemplo, estudo empíricos à respeito da cobertura desses jornais sobre a população de rua de Fortaleza.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Nagamine. "Enunciação e construção do sentido" in FIGARO, Rosali (org.) **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. tradução Angela S.M Corrêa - São Paulo: Contexto, 2006.

DANTAS, Daniel. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital : um estudo sobre o blog "Fatos e dados"**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2012.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública** / Maxwell; tradução de Jacques A.Wainberg. - (Coleção Clássicos da Comunicação Social). Título original: *Setting the agenda : the mass media and public opinion* - Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Editora Pontes. 6ª Edição . Campinas - SP, 2005

PEREIRA, Fábio Henrique; LACERDA, Ana; MATTOS, Michelle. **Rotinas e estratégias dos news promoters na cobertura política nacional: o cotidiano da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.II N° 2 - 2º Semestre de 2005.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia**. Tradução: Vivian Nickel; revisão técnica: Marcia Benetti. - Porto Alegre: Penso, 2011

## ANEXOS

ANEXO A – Cidade/Viadutos viram casas e restaurantes - 10/01/2012 – Diário do Nordeste

## OCUPAÇÃO INDEVIDA

# Viadutos viram casas e restaurantes

Algumas pessoas construíram casas com pedaços de madeira, outras improvisaram uma cozinha no local

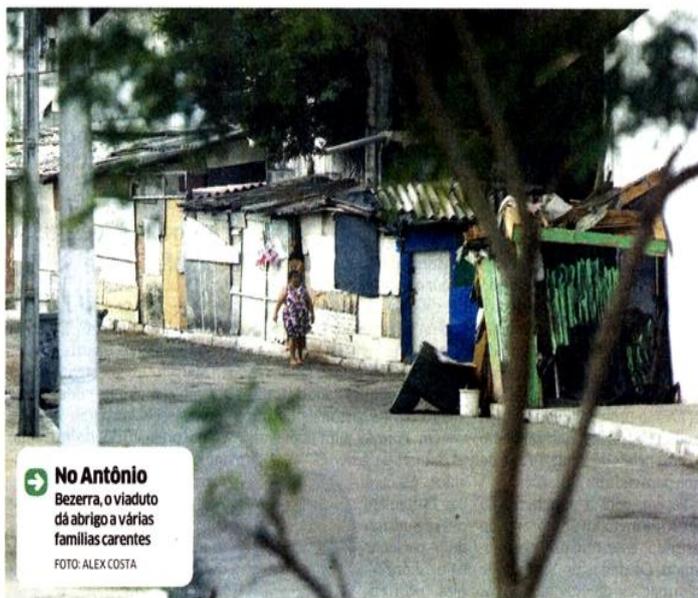
**THIAGO ROCHA**  
Especial para Cidade

Fortaleza vive em crescimento constante. A medida que isso acontece, a população menos favorecida acaba ocupando locais inadequados. Os viadutos da Capital são um exemplo disso. Eles são transformados em residências, estacionamentos e até em restaurantes.

Ao se aproximar do viaduto da Avenida Antônio Sales, próximo à Avenida Engenheiro Santana Júnior, é fácil avistar a família que utiliza o local como a sua casa. Enquanto os três moradores dormiam em colchões, pedestres disputavam espaço com uma cozinha improvisada, prateleiras e caçambas de lixo.

"Infelizmente, essas pessoas não têm uma casa para morar. Com isso, elas encontram aqui um local que seja seguro para viver", explica o comerciante Álvaro Mendes, que mora próximo ao local.

Ele comentou que essa não é a primeira família que usa o local como moradia. "Quando a gente se acostuma com o rosto dos que estão aqui, eles logo se mudam para outro local. Mas o viaduto



**No Antônio Bezerra, o viaduto dá abrigo a várias famílias carentes**  
FOTO: ALEX COSTA

não fica desocupado por muito tempo", frisa.

Na BR-116, no quilômetro três, embaixo do viaduto do supermercado Makro, um casal vive no local junto com ratos, baratas e muito mato. O homem e a mulher dormem em cima de caixas de papelão, sem nenhum tipo de segurança.

O vendedor ambulante Alberto Lima, que trabalha próximo ao local, acredita que os dois vivem embaixo desse viaduto por ser um local onde eles conse-

guem alguns trocados. "O viaduto também acaba sendo um abrigo", ressalta.

Já no viaduto do Antônio Bezerra, no sentido Caucaia/Fortaleza, várias famílias que moram no local. Lá, foram construídas pequenas casas feitas de pedaços de madeira e telhados.

Para o motorista Antônio de Souza, é preciso que a Prefeitura retire as pessoas desse local devido ao perigo que elas levam para o restante da população. "Alguns elementos que moram ali

praticam assalto e, por isso, deixam todos que passam com muito medo", reclamou.

## Programas

Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), o órgão oferece a adultos o Espaço de Acolhimento Noturno para Pessoas em Situação de Rua (EAN). A unidade possui equipe com assistentes sociais, psicólogo e educadores sociais e funciona das 18h às 7h, todos os dias da semana, inclusive feriados.

Além disso, as pessoas que vivem embaixo dos viadutos são assistidas pelos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas), Centro de Referência da População de Rua (CentroPop).

Hoje, estão cadastradas e são acompanhadas sistematicamente pelo CentroPop 1.614 pessoas. Já no Espaço de Acolhimento Noturno, o número é de 466 pessoas, totalizando 2.080 adultos em situação de rua.

As famílias são encaminhadas para a Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor) onde podem conseguir um lar. Foi o que aconteceu com a família que morava embaixo da Avenida Antônio Sales. Mas, devido a uma briga com traficantes, eles tiveram de deixar o local. Depois disso, eles ganharam uma outra casa, mas deixaram o imóvel por causa do uso de drogas.

## Locais são ocupados por vendedores ambulantes

Os viadutos da Capital também são explorados comercialmente. Alguns são usados como bares e estacionamento. No viaduto da Avenida Alberto Nepomuceno, próximo ao Mercado Central, no Centro, ambulantes vendem roupas, frutas e até guarda-chuva.

Três bares ocupam o viaduto da Aguanambi com a Avenida 13 de Maio. No da Avenida Engenheiro Santana Júnior, que passa sobre a Santos Dumont, um estacionamento foi criado.

Segundo a Secretaria Executiva Regional do Centro, os ambulantes não podem ficar no local, onde haverá uma fiscalização. A Secretaria Executiva Regional II (SER II) afirma que não é proibido estacionar embaixo do viaduto, mas, se for feita cobrança, a Polícia deve ser acionada.

O Distrito de Meio-Ambiente e Serviços Urbanos da Regional IV informa que, a princípio, foi expedido um alvará para uma lanchonete. No entanto, foram constatadas irregularidades, e o proprietário foi notificado. Uma nova fiscalização será feita.

## ACOMPANHAMENTO

# 2.080

pessoas em situação de rua estão cadastradas no Centro de Referência da População de Rua (CentroPop) e no Espaço de Acolhimento Noturno

## CONDIÇÃO DE RUA

# Orla da Beira-Mar vira dormitório

Pessoas usam calçadão e vias do entorno para dormir; para Prefeitura, a principal causa do problema são as drogas

**KARLA CAMILA**  
Repórter

A alta estação traz com ela milhares de turistas para Fortaleza e um dos pontos mais visitados por eles é a Avenida Beira-Mar, até porque muitos se hospedam nos hotéis da orla. Porém, entra ano e sai ano, o cenário de pessoas em situação de rua usando o calçadão e as vias do entorno como dormitório é o mesmo. O cenário constrange tanto quem vem de fora quanto os fortalezenses que, por mais que estejam acostumados a ver o mesmo filme, não se conformam com o problema.

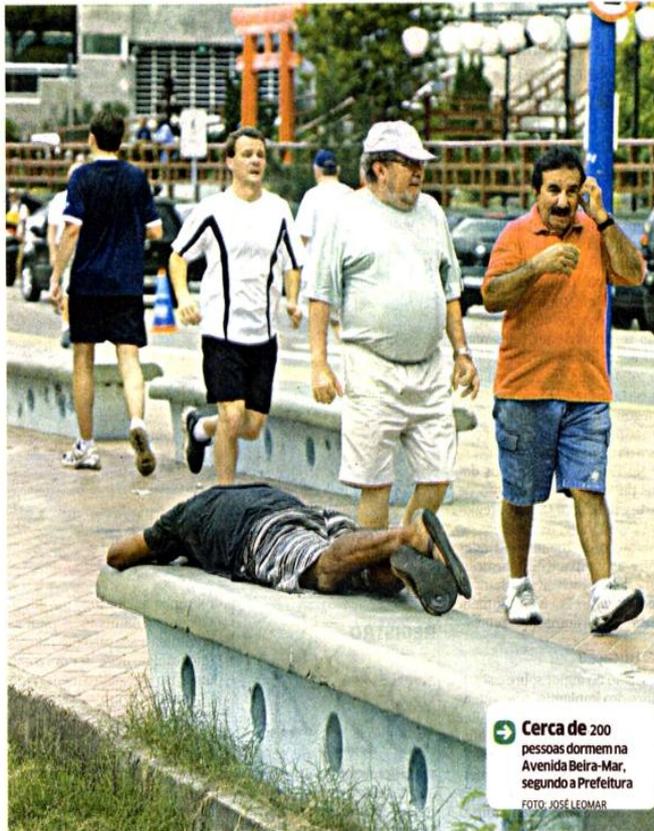
Na manhã de ontem, a reportagem esteve no local e flagrou dezenas de pessoas de todas as idades dormindo nos bancos, nas arquibancadas da quadra de voleibol, embaixo das marquises das lanchonetes, nas calçadas de lojas da Avenida Abolição e até mesmo em frente ao estacionamento de um dos maiores hotéis da cidade.

A Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) afirma que, atualmente, existem cerca de 200 pessoas dormindo na Avenida Beira-Mar e imediações. Conforme Elias Figueiredo, coordenador do Serviço Especializado de Abordagem de Rua do órgão, além do calçadão da Beira-Mar, é possível encontrá-los na Avenida Monsenhor Tabosa, Avenida Abolição, Praia de Iracema, Meireles, Mucuripe e até na Praça Portugal.

## Falta de higiene

O cenário vem incomodando a treinadora de voleibol Carolina Oliveira. Natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, há seis anos ela mora na Capital e treina atletas nas quadras de areia da Avenida Beira-Mar.

Entretanto, de acordo com Carolina, a frequência de pessoas dormindo no calçadão e nas arquibancadas é a mesma desde que começou a trabalhar no local. "No início, quando cheguei aqui, sentia muito medo, mas, depois, comecei a me acostumar com a presença dessas pessoas. No entanto, o que mais me inco-



## ENQUETE

### O que você acha desta situação?



"Sempre escuto reclamações de turistas. Eles falam constantemente da sujeira na Beira-Mar, dos pedintes e moradores de rua. É fundamental programas sociais mais efetivos, que consigam amparar essas pessoas"

**ELISABETE BARROS**  
Agente de viagens



"A única visão que me faz mal ao caminhar pelo calçadão é essa. Eles são excluídos pela sociedade e eu, como cidadã, me sinto impotente. Para evitar essa situação, é preciso que o serviço público se alie com a população"

**VERA ALBUQUERQUE**  
Administradora de empresas



"Deveria existir mais lugares para que eles passem a noite. Essa situação é ruim tanto para o turismo quanto para a segurança e para a imagem da cidade. Não temos como reverter isso sem uma política social concreta"

**BERNARDO ALBUQUERQUE**  
Administrador de empresas

## SAIBA MAIS

### SERVIÇOS PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA OFERECIDOS PELA PREFEITURA:

**CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO PARA POPULAÇÃO DE RUA (CENTROPOP)** Unidade municipal de referência para pessoas em situação de rua. Possui equipe técnica multidisciplinar, formada por assistente social, psicólogo, educador social e advogado. A unidade funciona de segunda à sexta em horário comercial e agrega os serviços socioassistenciais

**SERVIÇO ESPECIALIZADO DE ABORDAGEM DE RUA (SEAR)** Equipe de educadores sociais que funciona nos três turnos, visitando locais públicos com maior incidência de pessoas em situação de rua. Nas

abordagens sociais, são verificadas as demandas urgentes destas pessoas e feitos encaminhamentos às políticas públicas. E também quando se esclarecem as formas de acesso aos serviços municipais

### ESPAÇO DE ACOLHIMENTO NOTURNO (EAN)

Modalidade de albergue noturno, a unidade possui equipe com assistentes sociais, psicólogo e educadores sociais. Funciona das 18h às 7h, todos os dias da semana, inclusive feriados. Realiza atendimentos socioassistenciais, psicossociais, de orientação jurídica.

### CONSULTÓRIO DE RUA

Unidade móvel que atende pessoas em situação de rua por motivos de drogadição

moda é a falta de higiene", afirma a treinadora.

Ela conta que já falou com representantes da Prefeitura de Fortaleza e conversou com as próprias pessoas em situação de rua para que evitem fazer as necessidades fisiológicas próximo à areia, mas de nada adiantou, até porque não há banheiros públicos no calçadão.

"Muitos atletas adquirem micose na pele e evitam treinar aqui. Às vezes, o mau cheiro é tão grande que não conseguimos trabalhar e somos obrigados a ir embora", conta.

Ainda conforme Carolina, a grande quantidade de pessoas em situação de rua na Capital já afastou diversos amigos que moram no Rio Grande do Sul.

"Eles vêm uma vez para Fortaleza e não voltam mais. As belezas naturais da cidade não escondem os pedintes e moradores de rua. Isso afasta os turistas", afirma a gaúcha.

## Drogas

Entretanto, essa problemática vai muito além do mau cheiro e do incômodo sentido por turistas e fortalezenses que, muitas vezes, não encontram lugar para sentar, já que os bancos estão ocupados por moradores de rua dormindo.

A situação é política e social. Afinal, segundo Elias Figueiredo, cerca de 90% das pessoas que usam o calçadão e o entorno como dormitório são comprome-

tidas com o consumo abusivo de álcool e drogas. "Infelizmente, diante dessa situação é mais difícil efetivar os encaminhamentos. Muitas vezes, eles são atendidos, contudo, acabam voltando para as ruas por causa do vício da droga", relata.

Ele afirma ainda que, diariamente, existem nove educadores sociais atuando desde a Ponte Metálica até o mercado dos peixes, no Mucuripe, fazendo abordagens, cadastrando as pessoas que dormem lá, encaminhando para hospitais, abrigos, programas sociais, casas e clínicas de recuperação.

Figueiredo informou também que, somente no ano passado, a equipe de educadores atendeu 1.934 pessoas. Entretanto, ele ressalta que algumas são encaminhadas mais de dez vezes e acabam retornando para o local de origem.

"Quando perguntamos o porquê do retorno às ruas, eles respondem que foi por conta da dependência química", lamenta o coordenador.

Para Figueiredo, há uma necessidade urgente de uma articulação política que vai desde a segurança pública, passando pela saúde até direitos humanos.

"Muitos deles precisam muito mais do que um lar, precisam de tratamento químico contra a dependência do álcool e outras drogas, além de amor, respeito e dignidade para seguir", conclui o coordenador.

---

**USO DE DROGA**

# Bairros da Capital servem de abrigo para cracolândias

Para especialista, o fenômeno acontece pelo aumento de renda na periferia

Os bairros da periferia de Fortaleza viraram fábricas do tráfico e campos de consumo de usuários do crack. A afirmação é do coordenador da Equi-

pe Interinstitucional de Abordagem de Rua de Fortaleza, Manoel Torquato. O crack está disseminado por toda a cidade. Na última semana, a

reportagem registrou flagrantes em vários pontos no Centro e até na Avenida Beira-Mar. Torquato afirma que o consumo da droga saiu de

pontos de grande movimento e invadiu os bairros da periferia, sobretudo pelo aumento na renda e maior circulação de dinheiro. **CIDADE P.6**

ANEXO D - Cidade/Periferia domina mercado do Crack – Matéria - 28/01/2012 - Diário do Nordeste

TRÁFICO

# Periferia domina mercado do crack



É possível flagrar usuários de crack em outras áreas, como no Centro da cidade  
FOTO: NATINHO RODRIGUES

**Bairros periféricos viraram fábricas de droga e campos de consumo, afirma Equipe de Abordagem de Rua**

**KARLA CAMILA**  
Reporteira

“Ronda captura grupo com crack no bairro Montese”, “Polícia desmonta laboratório de drogas no bairro Maraponga” “Laboratório de crack é fechado pela Polícia Civil na Granja Lisboa”. Manchetes recentes do Diário do Nordeste comprovam a afirmação do coordenador da Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua de Fortaleza, Manoel Torquato, de que os bairros da periferia de Fortaleza viraram fábricas de tráfico e campos de consumo de usuários do crack.

Não é novidade para a população da Capital que o crack está disseminado em toda a cidade. Na última semana, a reportagem registrou flagrantes em vários pontos no Centro e até na Avenida Beira-Mar. Porém, hoje, é a periferia que anda dominando esse mercado.

Segundo Manoel Torquato, as bocadas ficam localizadas em ruínas perigosas, de difícil acesso para a Polícia, imprensa e até para os educadores sociais que atuam nos bairros.

Ele explica que, há cinco anos, os pontos de crack se concretizavam nas áreas de grande fluxo, lugar onde eles conseguiram dinheiro para manter o vício. No entanto, de acordo com ele, devido aos avanços do comércio e ao aumento da renda per capita nas favelas e nas áreas de risco, os usuários de crack não precisam mais migrar para bairros nobres.

É o que afirma também Maria dos Anjos (nome fictício), 15 anos, usuária de crack desde os 13. Moradora do bairro Álvaro Weyne, localizado na Secretaria Executiva Regional 1, ela conta que consegue facilmente por R\$ 5,00 a pedra de crack tanto na sua comunidade quanto no entorno. “Não preciso ir muito longe para conseguir dinheiro. De noite, me prostituo na Barra do Ceará e, de manhã, compro o crack com o dinheiro que ganhei”, relata.

Ajovem, que estudou em escolas particulares e cursou até o 2º

**PROBLEMA**

**41%**

das crianças e adolescentes em situação de rua usam crack, diz a Pesquisa Anual sobre a Vivência de Crianças e Adolescentes em Situação de Moradia de Rua

ano do Ensino Médio, conta que começou a usar a maconha, depois passou para a cocaína, mas foi por causa do crack que sua vida caiu em ruínas. A menina de classe média foi adotada por um casal de tios maternos quando tinha um ano e três meses. Ela explica que a mãe era viciada em bebidas alcoólicas e não tinha condições de educá-la.

Apesar de todo amor e carinho recebido pelos pais adotivos, ela se envolveu com amigos que a levaram para o caminho das drogas. Magra, muito debilitada e com aparência envelhecida, a menina tenta hoje se recuperar do vício frequentando o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (Caps AD), na Barra do Ceará. “Aprentei tanto que os meus pais lavaram as mãos. Tenho o sonho de um dia me livrar desse vício e ser uma médica. Quero servir de exemplo para aqueles que estão começando nas drogas”, diz.

**Perfil do usuário**

A assistente social Raquel Borges explica que, nos últimos anos, o número de usuário de crack nos quinze bairros pertencentes à Secretaria Executiva Regional (SER) 1 aumentou consideravelmente. Segundo ela, dos 3.250 usuários atendidos no Caps AD no ano passado, cerca de 70% usavam a droga.

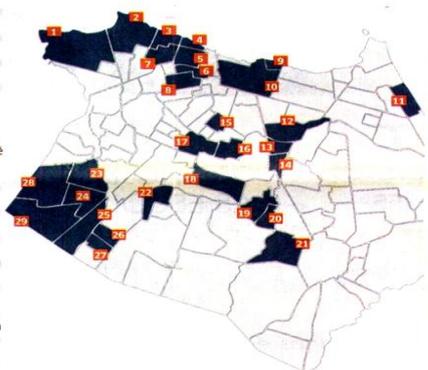
Raquel, que também realiza visitas domiciliares nos bairros, comenta que, além das bocadas localizadas em terrenos baldios, a nova estratégia dos usuários é fumar nos próprios barracos. “Muitos traficantes e até usuários alugam os quartos para servir de local de venda e consumo, assim é mais difícil ser localizado tanto pela Polícia, quanto pela imprensa. Porém, quando fazemos as visitas, sentimos os odores e isso nos deixa triste”.

Segundo ela, o Caps AD atende cerca de 80 usuários de álcool e outras drogas. Lá, eles participam de reuniões preventivas, oficinas de música, artes plásticas, praticam esportes, fazem curso de corte e costura, pintura entre outras atividades. Além disso, de acordo com ela, o órgão dispõe de dois leitos para abrigar os usuários em momentos de crise. “Recebemos pessoas de todas as idades e profissões, mas os usuários de crack são os mais difíceis de se trabalhar, pois essa droga impede a socialização dos indivíduos”, analisa.

**MAPA DO TRÁFICO**

**Principais pontos de venda de crack**

- 1 Vila Velha
- 2 Barra do Ceará
- 3 Cristo Redentor
- 4 Pirambu
- 5 Carlitto Pamplona
- 6 Monte Castelo
- 7 Álvaro Weyne
- 8 São Gerardo
- 9 Praia de Iracema
- 10 Centro
- 11 Praia do Futuro
- 12 São João do Tauape
- 13 Alto da Balança
- 14 Aerolândia
- 15 Jardim América
- 16 Vila União
- 17 Moriteze
- 18 Serrinha
- 19 Castelo
- 20 Mata Galinha
- 21 Barroso
- 22 Maraponga
- 23 Granja Portugal
- 24 Bom Jardim
- 25 Canindezinho
- 26 Conjunto Esperança
- 27 Santa Rosa
- 28 Granja Lisboa
- 29 Siqueira



**VÍCIO**

“Traficantes e usuários alugam os quartos para servir de local de venda e consumo, assim é mais difícil ser localizado”

**RAQUEL BORGES**  
Assistente social



**Maria dos Anjos, 15 anos, é usuária de crack desde os 13 e se prostitui para conseguir dinheiro para comprar a droga**  
FOTO: JOSÉ LEMAR

**OPINIÃO DO ESPECIALISTA**

**A pedra ou a vida**



**ANTÔNIO MOURÃO**  
Médico, antropólogo e professor universitário

O transtorno causado pelo crack ainda mais destrutivo do que o relacionado às outras drogas. Ele é mais voraz. Destrói o indivíduo de forma mais rápida, tanto em termos físico, como social e psicológico. A dependência se instala em pouco tempo de uso.

A abordagem terapêutica é extremamente complexa. Primeiro, porque nem sempre existe uma demanda explícita. Ele vai procurar tratamento levado pela família ou por circunstâncias impostas pela Polícia ou pela Justiça.

A primeira intervenção será no sentido de entender aquele caso. E cada situação é um caso. Pois, a abordagem correta não pode esquecer as diversas dimensões que compõem a vida humana. Não é apenas uma luta entre o usar ou não usar a droga, mas buscar reestruturar essa vida.

Diante disso, cabe insistir na importância da prevenção. Trata-se de uma droga muito maléfica. Uma verdadeira praga. Porém, essa prevenção não deve ser construída pelo medo ou desespero, mas pela abertura de outras oportunidades aos jovens.

## Crianças e jovens são as maiores vítimas

Dados da Pesquisa Anual sobre a Vivência de Crianças e Adolescentes em Situação de Moradia de Rua, realizada pela Equipe Interinstitucional de Rua de Fortaleza em 2010/2011, mostram que, dos 177 entrevistados em diversos bairros da Capital, 73 confessaram ser usuários de crack. Ainda conforme a pesquisa, a droga é a mais consumida por esses jovens, totalizando 41% dos entrevistados.

Conforme Manoel Torquato, coordenador do órgão, o uso do crack é um fator fundamental para a permanência das crianças e adolescentes em situação de rua. Ele afirma que a demanda de tratamentos específicos para este público é essencial para a solução deste problema.

“Sabemos, a partir das análises e práticas das instituições que atuam com estas crianças e adolescentes, que a relação com esta droga vem sendo fator preponderante no extermínio de crianças e adolescentes, nas relações de exploração sexual, no aumento dos índices de violência e na própria perpetuação da permanência de crianças e jovens nas ruas”, destaca.

A pesquisa ainda revela que o perfil do usuário de droga está mudando, pois, se forem comparados os dados de 2010/2011 com os dados de 2007, o crack assumiu o lugar do solvente. Tor-

**A dependência da droga é um fator fundamental para a permanência de crianças e adolescentes em situação de rua**

**Segundo pesquisa, o crack assumiu o lugar do solvente que, há cinco anos, era a substância mais consumida por 45% das crianças e jovens**

quato explica que, há cinco anos, a substância era consumida por 45% dos moradores de rua. Atualmente, somente 4% fazem esse consumo.

A Secretaria Municipal de Saúde (SMS), afirma disponibilizar para população seis Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (Caps AD), 12 leitos no Serviço Hospitalar de Referência em álcool e outras drogas na Santa Casa de Misericórdia, dois Consultórios de Rua, além de 120 vagas em convênio com comunidades terapêuticas.

## ROSÁRIO

# Insegurança afasta fiéis de igreja

Os 150 lugares sentados da igreja, antes disputados, atualmente, ficam quase vazios durante as celebrações

LÉDA GONÇALVES  
Reportier

A Igreja do Rosário, no Centro de Fortaleza, vem perdendo fiéis a cada dia que passa. O motivo não é novo: a insegurança não só no entorno, como também dentro do templo cristão. Um grupo de 50 viciados em drogas, ladrões e moradores de rua age a qualquer hora do dia, abordando quem passa ou entra na igreja para assistir missa, orar ou se confessar.

Esse número foi fornecido pelo pároco local, padre Luís Alberto que, para "minimizar" a ação deles, distribui todo os dias para cada um, meio pacote de bolacha creme crack e R\$ 0,50 para o cafezinho com leite. "Os fiéis me ajudam doando o alimento e o valor. Isso melhorou muito a violência por aqui", frisa, lembrando que quando chegou ali, em 2008, a igreja chegou a fechar as portas devido aos assaltos. "Poderia ser bem pior se isso não fosse feito", lamenta.

O pároco tenta diminuir a tensão entre os fiéis afirmando que "eles não fazem nada demais". No entanto, a reportagem do *Diário do Nordeste* observou que o



grupo não respeita nada. Na última terça-feira, eles invadiram o confessionalário para cobrar comida e dinheiro, obrigando a pessoa que estava com o padre a sair do local. "Como pode uma coisa dessas? Estou com as pernas bambas", indigna-se a comerciante Maria Aparecida Santos Almeida.

Enquanto três arrecadavam a bolacha e os R\$ 0,50, os outros pediam dinheiro aos fiéis que tentavam rezar depois da única missa do dia, às 7h20. "É lamen-

## PERIGO

## 50

viciados em drogas, ladrões e moradores de rua agem a qualquer hora do dia, abordando quem passa ou entra na Igreja do Rosário

tável, mas é a triste realidade do cotidiano daqui", reconhece o aposentado Pedro da Silva Gomes Filho. Os 150 lugares sentados, antes disputados, atualmente, ficam quase vazios durante as celebrações.

## Promessa

Os mais antigos frequentadores fazem promessas à santa protetora para não ser mais uma vítima de viciados em drogas e ladrões que agem na área e pedem à Polícia Militar um posto fixo na

## ENQUETE

## Qual o principal problema?



VALDA MORAES  
60 anos  
Aposentada



SOCORRO SILVA  
39 anos  
Dona-de-casa

"Sem dúvida, a insegurança é o pior problema. Costumo frequentar aqui há muito tempo, mas é preciso mais cuidado por parte da Polícia Militar"

"Já fui abordada por viciados quando entrava na Igreja do Rosário. Acho que a Polícia poderia olhar aqui com mais carinho e atenção"

Praça dos Leões, onde a igreja do Rosário está localizada. "É uma questão muito grave e que precisa ser enfrentada com mais rigor", afirma o professor Luís Sérgio Pereira.

O comandante da 5ª Companhia do 5º BPM, major Jean Falcão, informa que vai conversar com o padre Luís Alberto e promete dar uma atenção maior à Praça dos Leões. Ele esclarece que a PM mantém 20 postos fixos no Centro e conta com duas viaturas do Ronda e mais três de apoio. "Damos ênfase aos locais com maior número de pessoas e aos horários das missas na Cate-

dral, Cristo Rei e igrejas do Patrocínio e do Otávio Bonfim", diz.

O santuário, onde está enterrado Major Facundo, ícone da história do Ceará, tem capacidade para abrigar 150 fiéis e foi erguido ainda em 1730 pelos escravos. Durante os anos de 1821 e 1854 respondia como Matriz para os católicos da capital cearense. O prédio foi tombado pelo patrimônio histórico do Estado, em 1983, e fica ao lado do antigo palácio do governo, hoje Academia Cearense de Letras, e também do Museu do Ceará, que já sediou a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

ANEXO F - Cidade/Mais de 1/3 dos moradores de rua vêm do interior – Chamada de capa - 11/07/2012 - Diário do Nordeste

## **ATENDIMENTOS**

# **38% dos moradores de rua são do Interior**

Segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social, 38% dos atendimentos feitos neste ano no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua em Fortaleza, são de pessoas oriundas do Interior. **CIDADE P.3**

ANEXO G - Cidade/Mais de 1/3 dos moradores de rua vêm do interior – 11/07/2012 - Diário do Nordeste

RETRATO DA POPULAÇÃO

# Mais de 1/3 dos moradores de rua na Capital vêm do Interior

Durante o primeiro semestre desse ano, 13.056 usuários foram atendidos na Capital, uma média de 71 por dia

IVNA GIRÃO  
Repórter

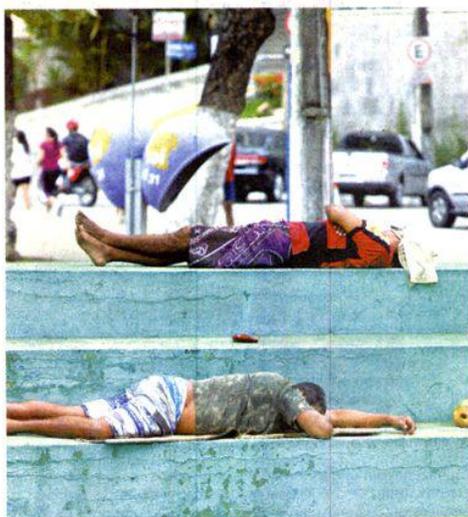
A Capital é vista como um local de oportunidades, de futuro. Com essa e outras motivações, famílias sertanejas, a cada ano, fogem da seca e da fome para tentar a sorte em Fortaleza. Dados recentes da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) revelam que dos 13.056 atendimentos realizados, entre janeiro e junho desse ano, no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP), 38%, mais de um terço, são de pessoas do Interior do Ceará, ou seja, 3.573.

O abrigo atendeu uma média de 71 usuários a cada dia, todos com demandas bem variadas, que iam desde a solicitação de um lugar para a dormida, banho ou um prato de comida. E o movimento mensal foi crescente no CentroPop. Foram 2.060 demandas diretas em janeiro; 2.097, em fevereiro; 2.150, em março; 2.191, em abril e 2.257 e 2.301 nos dois períodos seguintes.

Há, segundo a coordenadora adjunta da Proteção Social Especial (PSE) da Semas, Gisele Machado, uma diversidade no perfil dos atendidos, mas essa grande demanda do Interior do Ceará chamou a atenção do grupo.

"Sabemos que a seca é fator importante de fuga para a cidade, mas ela não é a única. A Capital se torna atrativo e fica difícil a gente dar conta da demanda inteira de um Estado. Gestores têm que assumir sua parcela e garantir políticas eficazes em todos os municípios", diz.

No fim do mês de maio, gestores públicos anunciaram a decretação de estado de emergência



De acordo com a Semas, um dos principais locais de incidência de moradores de rua é a Beira-Mar, embora haja uma distribuição desta população. FOTO: JOSÉ LEOMAR

em 168 municípios cearenses, total de 91% do território.

Além da origem dos que são recebidos no CentroPop, relatórios apontam outros dados que tentam "desenhar" a cara desse morador de rua que vive, hoje, nas praças e palafitas da Capital.

Entre os atendimentos realizados neste primeiro semestre, 83% são de homens (10.829) e 17% são mulheres (2.213). Com relação à geração de renda, 76% deles não trabalham (9.593) e 24% estão no mercado formal ou informal (2.958). Sobre o nível de manutenção dos contatos com os familiares, 54% ainda possuem algum vínculo familiar, mesmo que fragilizado (6.791) e 46% deles estão, sim, com os laços rompidos (5.561).

## Drogas

Um dado entre tantos, chama a atenção: a predominância de moradores de rua que fazem o

**A seca é um dos fatores que causam a "fuga" para a cidade. No Ceará, 168 municípios estão em estado de emergência**

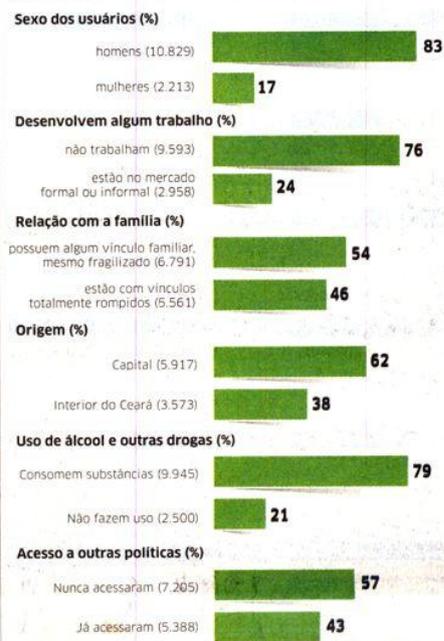
uso de álcool e outras drogas: 79% deles dizem consumir alguma substância (9.945) e 21% não fazem uso (2.500). Com relação a outras políticas públicas, 57% dos atendidos nunca acessaram (7.205) e 43% já acessaram um dia os tais serviços (5.388).

Analisando o cenário apresentado, Gisele Machado comenta que, infelizmente, a situação desse público ainda é muito complicada, apesar dos avanços feitos, segundo ela, através das políticas de acesso à emprego, moradia e

## PERFIL

### Atendimentos no 1º semestre

13.056 atendimentos foram realizados entre os meses de janeiro e junho de 2012 no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP)



FONTE: SEMAS

saúde. "O nosso desafio é fortalecer a autonomia deles, ajudá-los a conquistar alguns direitos e, assim, fazer com que sigam com as próprias pernas. O problema é que esses moradores estão sem autoestima, se sentindo derrotados e fragilizados", relata Gisele.

Mas onde habitam todos esses moradores de rua – muitas vezes invisibilizados pela popu-

lação? Conforme a Semas, há, hoje, uma distribuição maior dessa população pela Capital.

Antes, a concentração se dava apenas na região central. Hoje, eles estão em diversos pontos, entre o Centro e bairros periféricos. O perfil da secretaria aponta os principais locais de incidência: Beira-Mar, Praia de Iracema e também no bairro do Benfica.

## 628 adultos conseguiram 'dar a volta por cima'

Em meio a tantas notícias negativas de moradores de rua sem emprego, renda, moradia, vivendo como "reféns" das drogas e da miséria, um dado positivo surge. De 2008 até hoje, um total de 628 adultos conseguiu superar a situação de vulnerabilidade extrema e "dar a volta por cima".

Acessaram, através de projetos sociais e também por vontade própria, diversos benefícios, como um emprego, alugar os próprios locais de residência, reatar laços familiares ou serem agraciados pelo aluguel social.

O cuidador de idosos André Luiz Jubilut, 58, ex-morador de rua, é um desses exemplos. Morou seis meses nas praças de Fortaleza por conta de dívidas e desajustes, diz ter sofrido muito. Mas, com apoio de "boas almas", conseguiu um emprego e, hoje, paga suas contas e o aluguel de R\$ 200 de um quarto no Centro.

"Qualquer lugar é melhor que a rua. Nossa, como eu sofri sem ter rumos nem sonhos. Para quem é morador de rua, uma ajuda qualquer já é muita coisa".

Para padre Lino Allegri, assessor da Pastoral do Povo da Rua, o momento é de apoio para essa população, de priorização e dedicação para que, com autonomia, consigam enfrentar seus problemas. "A gente até percebe que algo tem sido feito, mas ainda é pouco. Tem que se priorizar ainda mais o acesso à habitação, à saúde e ao emprego. Essa população fragilizada não precisa só de caridade, mas, sim, de direitos".

## Serviços

Através da Semas, a Prefeitura oferece à população de rua: CentroPop (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua); Espaço de Acolhimento Noturno; Serviço Especializado de Abordagem de Rua.

Ficam disponíveis, também, dois consultórios de rua, uma unidade móvel, atendimentos nos Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps-AD).

ANEXO H - Cidade/Família é removida de viaduto da Antônio Sales - 04/08/2012 - Diário do Nordeste

NOVO LAR

# Família é removida de viaduto da Antônio Sales

As quatro pessoas que moravam em casa improvisada foram levadas para conjunto habitacional

**KELLY GARCIA**  
Repórter

Ter uma casa. Esse é o desejo de milhares de brasileiros, inclusive de Francisca das Chagas Barbosa, de 38 anos. Há cinco anos, entre idas e vindas, ela morava embaixo do viaduto da Avenida Antônio Sales com o marido, César Henrique da Silva, e dois filhos adolescentes. Ontem, a família foi removida, mais uma vez, para uma casa no Conjunto Maria Tomásia, no Sítio São João, pela Prefeitura da Capital.

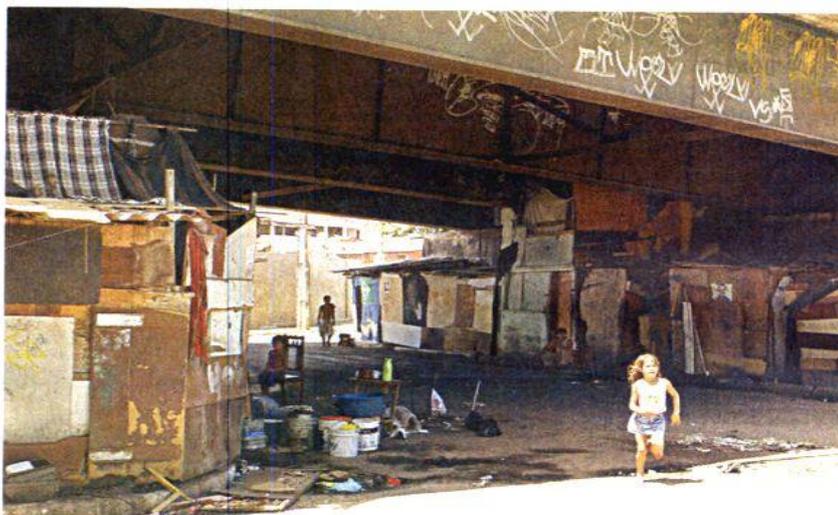
Há quase três anos, o casal é atendido pelas políticas de Assistência Social, Saúde e Habitação da Prefeitura de Fortaleza. No fim de 2009, eles foram contemplados com uma casa naquele conjunto habitacional, através da Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor). Porém, o imóvel foi dado como garantia de pagamento para um traficante. A dívida não foi paga, a casa foi tomada e a família retornou ao viaduto. A Habitafor também encaminhou Francisca e seus parentes para o aluguel social por duas vezes.

Após tantas tentativas de se estabelecer, Francisca Barbosa afirma que, desta vez, ficará no imóvel, mesmo se o companheiro decidir sair.

Da casa improvisada embaixo do viaduto, a família levou praticamente tudo para o novo endereço. Deixou para trás apenas as fotos e os adesivos colados na parede. "Não conheço ninguém, não, achei no lixo e quis pregar na parede", explica Francisca Barbosa.

Essa realidade não é exclusiva de Francisca e César Henrique. Em Fortaleza, o déficit habitacional é de 75 mil moradias, de acordo com a Habitafor.

No viaduto que passa por cima da Avenida Mister Hull, no



Outras 17 famílias vivem embaixo do viaduto da Avenida Mister Hull. As pessoas em situação de rua contam com programas da Prefeitura, como o Espaço de Acolhimento Noturno, que acolheu 20 pessoas no mês de julho. FOTO: HELENE SANTOS

**Segundo a Habitafor, o déficit habitacional de Fortaleza é de 75 mil moradias. O programa beneficia cerca de 400 moradores**

Antônio Bezerra, por exemplo, são 17 famílias que vivem em situação de rua, segundo a Defesa Civil de Fortaleza.

Por conta da dependência química da filha, viciada em crack, a aposentada Antônia Martins Tomás deixou a sua casa no Parque Santa Rosa para morar em um barraco improvisado, embaixo do viaduto do Antônio Bezerra. "Fiquei com pena dos meus netos", afirma.

Além da filha, a aposentada divide o pequeno cômodo com os sete netos, todos ainda pequenos. O mais novo tem apenas oito meses. "Ela passa o dia na rua e eles ficaram abandonados, sem comida nem cuidados. Ela não quer se tratar", conta.

Como a família é grande, a aposentadoria de Antônia não é suficiente para suprir as necessidades de todos. "É muita gente. Ainda bem que as pessoas sempre fazem caridade", ressalta.

## Projetos

Para quem reside em área de risco ou está em situação de rua, a Prefeitura de Fortaleza facilita a participação em vários projetos oferecidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas).

Segundo a assessoria de imprensa do órgão, não cabe à Política de Assistência Social remover pessoas que morem na rua. A atuação é para esclarecer essas pessoas dos seus direitos e deveres sociais e informá-las sobre os serviços públicos que elas podem acessar.

Através da Semas, a Prefeitura oferece às pessoas em situação de rua o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CentroPop), o Espaço de Acolhimento Noturno e o Serviço Especializado de Abordagem de Rua.

No Espaço de Acolhimento

Noturno para Pessoas em Situação de Rua, a equipe conta com assistentes sociais, psicólogo e educadores sociais e funciona das 18h às 7h, todos os dias da semana, inclusive feriados.

No CentroPop, de 2009 até o momento, foram 2.377 pessoas cadastradas. Desde 2008, o Espaço de Acolhimento Noturno fez 2.018 atendimentos. No mês de julho, cerca de 20 pessoas foram acolhidas pela unidade.

## Novas casas

As famílias ainda são encaminhadas para a Habitafor, onde podem conseguir um lar.

Caso morem em área de risco físico e não houver vaga em algum conjunto habitacional, as pessoas poderão ser incluídas no aluguel social. Hoje, o programa beneficia cerca de 400 moradores que precisam de uma ação emergencial e concede o pagamento de um aluguel de até R\$400,00 por seis meses, que pode ser renovado por igual período, até a família ser removida para sua residência definitiva. Desde 2005, a Habitafor entregou 5.755 novas moradias.

ANEXO I - Cidade/Protesto cobra direitos de moradores de rua - 20/08/2012 - Diário do Nordeste

## CAMINHADA

# Protesto cobra direitos de moradores de rua

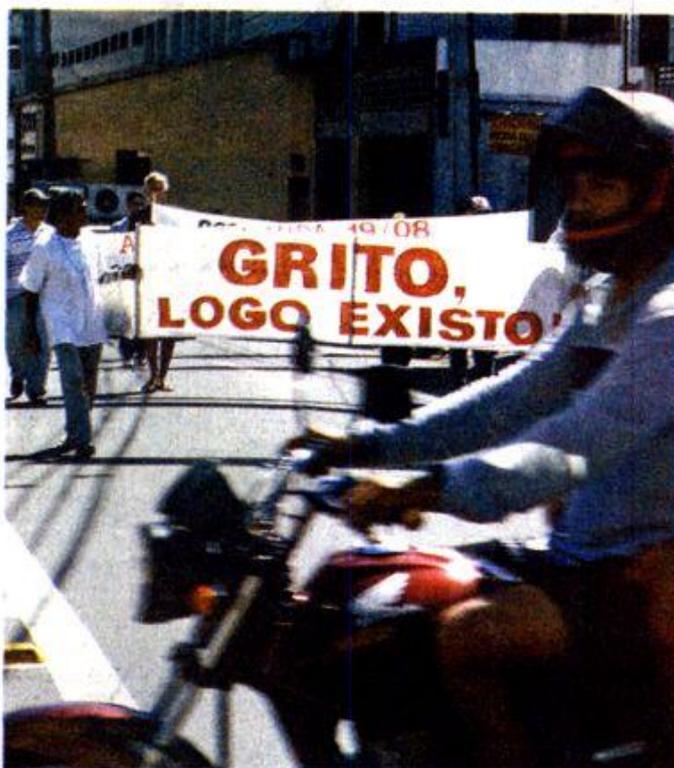
**Com o apoio da Pastoral do Povo de Rua, manifestantes pediram o fim da violência e mais dignidade e respeito**

Um grupo de moradores em situação de rua, portando faixas e veiculando suas mensagens através de carro de som, se mobilizou, ontem, realizando caminhada em protesto pelo fim da violência contra eles e mais dignidade e respeito aos seus direitos.

O ato também fez parte do Dia Nacional de Luta, alusivo ao 19 de agosto de 2004, data que ficou conhecida como a do "Massacre da Sé", em que sete pessoas em situação de rua foram mortas e oito feridas na Praça da Sé, no Centro de São Paulo.

O protesto, que contou com apoio da Pastoral do Povo de Rua, mantida pela Arquidiocese de Fortaleza, foi articulado pelo Movimento Nacional da População de Rua, Fórum no Ceará. A caminhada partiu da Praça do BNB, percorreu a Rua Assunção, as avenidas Domingos Olímpio e Antônio Sales, culminando com chegada à Praça da Imprensa.

Francisco Israel Maceno Reis, 19 anos, está em situação de rua e não sabe o que esperar de sua própria vida. "Estou, desde 2006, morando nas ruas. Costumo dormir na Praça do Ferreira e sobrevivo da caridade das pessoas. Antes disso, residi em Quixadá, mas vivia em atrito cons-



Portando faixas e com carro de som, o movimento partiu da Praça do BNB e percorreu as avenidas Domingos Olímpio e Antônio Sales FOTO: KID JÚNIOR

tante com familiares. Daí, prefiro esse tipo de vida que tenho hoje", disse Israel. "Ninguém quer empregar quem sequer tem endereço fixo, ainda mais, não tenho estudo e nem qualificação de trabalho, fica complicado", queixou-se Israel.

O representante em Fortaleza do Movimento Nacional da População de Rua, Francisco Carvalho Félix, afirmou que moradores de rua na cidade estão sendo

alvo de violência e vários tipos de constrangimentos.

Para a secretária da Pastoral do Povo de Rua, Fernanda Gonçalves de Sousa, a população que vive em situação de rua hoje está cheia de desafios: sem assistência à saúde, com assistência social precária e sem políticas públicas definidas.

"Reconhecemos que a Prefeitura tem realizado ações importantes que beneficiam a popula-

A iniciativa fez parte do Dia Nacional de Luta, que lembra o "Massacre da Sé", no qual sete pessoas em situação de rua foram mortas

ção de rua, como a implementação de alguns programas e projetos. As entidades não governamentais têm ajudado no seu papel filantrópico, mas isso é pouco para que se redesenhe o caminho da dignidade para essas pessoas", acrescentou Fernanda Sousa.

### Serviços

A Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), afirma destinar alguns serviços públicos aos moradores de ruas, entre os quais, o de saúde, através dos consultórios e das equipes de ruas do Núcleo de Atendimento à Saúde da Família e também do Centro de Atendimento Psicossocial.

Já a Secretaria de Direitos Humanos atende crianças e adolescentes em situação de rua. O serviço é realizado por meio do Programa Ponte de Encontro que também oferece abrigo. Há, ainda, o aluguel social – durante seis meses a Prefeitura arca com aluguel para pessoas que estejam dentro do perfil.

**ANEXO J** - Cidade/80% das pessoas em situação de rua da capital são do interior – Chamada de capa  
- 26/09/2012 - Diário do Nordeste

**ASSISTÊNCIA**

**80% dos moradores  
de rua na Capital são  
do Interior do Ceará**

**CIDADE** P.3

ANEXO K - Cidade/80% das pessoas em situação de rua da capital são do interior - 26/09/2012 -  
Diário do Nordeste

## MORADIA

# 80% das pessoas em situação de rua na Capital são do Interior

Canteiros, praças e até paradas de ônibus viram "casas"; programas dão assistência à população

**KELLY GARCIA**  
Repórter

Margarida Leni é natural do Crato e segue, há dois anos, "morando" no canteiro central da Avenida Borges de Melo. Ismael Araújo, que vive em cima de uma parada de ônibus, na Avenida Pessoa Anta, com Gerliane Sousa, desde outubro do ano passado, é paraense. Assim como os dois, de acordo com informações da Secretaria Municipal de Ação Social (Semas), aproximadamente 80% da população em situação de rua na Capital cearense não é de Fortaleza.

Margarida Leni "mora" no canteiro central da Avenida Borges de Melo, no trecho em frente ao Terminal Rodoviário João Tomé, com o primo Flávio Henrique Nascimento da Silva, o sobrinho Francisco Jeciano da Silva e o cachorro vira-lata, chamado Pitbull. Segundo informações da assessoria de imprensa da Semas, ela tem indícios de problemas mentais.

Em agosto de 2011, o *Diário do Nordeste* registrou o caso de Margarida, que, na época, ainda morava sozinha nas ruas e acreditava se proteger da violência da noite escrevendo frases em ossos de galinha e bisteca de porco que sobravam das refeições.

### Documentos

De acordo com o primo de Margarida, o problema para que eles consigam uma moradia digna é a falta de documentos. "Por ela já ter dado as informações antes para conseguir a casa, quando ela foi retirada de um terreno na Luciano Carneiro, ela não quer mais entregar seus dados. Mesmo a Margarida tendo problemas mentais, eu não posso ser o



Margarida Leni mora com um primo, um sobrinho e o cachorro no canteiro central da Avenida Borges de Melo. De acordo com a assessoria da Habitafor, ela deve receber o aluguel social no início de outubro FOTO: ALCIDES FREIRE

responsável por ela, porque fui assaltado e não tenho mais nenhum documento e nem tenho dinheiro para a segunda via", explica, mostrando o Boletim de Ocorrência, que comprova o extravio dos documentos, inclusive a certidão de nascimento.

Para os comerciantes do entorno da "casa" dessa família, o grupo não representa perigo. "Eles deveriam ser retirados do canteiro central para um abrigo porque é até perigoso para eles", diz o frentista Jerry Sousa.

Acostumado a passar de carro naquele trecho da Avenida Borges de Melo, o professor aposentado Nilo Rangel concorda. "Eles não incomodam ninguém e deveriam ter a sua moradia. Faz tempo que eles estão nessa situação", destaca.

**Na Praça dos Leões, um grupo de mais de dez pessoas aproveita a sombra das árvores frondosas como abrigo**

**O aluguel social é concedido em caso de pessoas que perderam suas moradias ou estão em áreas de risco iminente**

Na Praça General Tibúrcio, mais conhecida como Praça dos Leões, um grupo de mais de dez pessoas aproveita a sombra das árvores frondosas como abrigo.

### Benefício

De acordo com a assessoria de imprensa da Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor), no início de outubro, Margarida Leni será beneficiada com o aluguel social e, posteriormente, será encaminhada para uma unidade em algum conjunto habitacional.

A demora na concessão desse benefício se deu por conta dos indícios de problemas mentais, que fizeram com que ela se recusasse a ir para essa casa.

O aluguel social beneficia, hoje, 400 moradores de Fortaleza.

## SAIBA MAIS

### SERVIÇOS OFERECIDOS

#### CENTROPOP

Centro de Referência Especializado de Assistência Social para Pessoas em Situação de Rua. Funciona de segunda a sexta, das 8h às 17h, na Rua Antônio Pompeu, Centro, e oferece desde o banho até atendimento jurídico

#### ESPAÇO DE ACOLHIMENTO NOTURNO

Funciona todos os dias, inclusive feriados e fins de semana, das 18h às 7h

#### SERVIÇO ESPECIALIZADO DE ABORDAGEM DE RUA

Percorre os principais pontos de Fortaleza e tem equipe atuando nos três turnos, de segunda a sexta-feira

#### CONSULTÓRIO DE RUA

Unidade móvel que atende pessoas em situação de rua por motivos de drogadição. Também há atendimentos nos Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps-AD) e pelo Núcleo de Atendimento à Saúde da Família (Nasf)

#### PROJETO PONTE DE ENCONTRO

Atende exclusivamente a crianças e adolescentes, oferecendo, inclusive, abrigo

O benefício é concedido em caso de pessoas que perderam suas moradias ou estão em áreas de risco iminente, como, por exemplo, Margarida Leni, que está em situação de rua.

A casa é escolhida pela família, juntamente com agentes sociais, e a Prefeitura concede um valor mensal de até R\$350,00 por seis meses, que pode ser renovado por igual período, até a família ser removida para a residência definitiva.

ANEXO L - Cidade/Morador de rua morto a pedradas - 06/10/2012 - Diário do Nordeste

MEIRELES

# Morador de rua morto a pedradas

**Homem foi identificado apenas como Assis; é o terceiro assassinato de pessoa em situação de rua neste ano na Capital**

**LUANA LIMA**  
Repórter

Mais um morador de rua foi assassinado em Fortaleza. Na manhã de ontem, por volta das 7h30, um homem identificado como Assis foi morto a pedradas por um companheiro de rua na Rua Silva Paulet, Meireles.

Não se sabe ao certo o que motivou o crime, mas, de acordo com a Polícia, certamente foi por causa de divergências entre eles. O suposto assassino, conhecido como Natanael, não foi preso. Franco Pinheiro, delegado da Divisão de Homicídio e Proteção à Pessoa, informa que os dois costumavam usar drogas na área.

Praticamente nada se sabe sobre a vítima. Nome completo, idade, de onde era. Conforme o delegado, o homem aparentava ter 40 anos ou mais. Para ele,

trata-se de um caso isolado, que raramente ocorre, pois o mais comum é homicídio à bala.

Ter a rua como morada é a realidade de milhares de pessoas na Capital. Porém, como estão sempre migrando de um local para outro, não existe um dado preciso de quantos representam. Informações da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) apontam que, de abril de 2008 a julho deste ano, 2.377 pessoas em situação de rua foram atendidas pelo órgão.

Desse total, 1.979 (83,25%) são do Interior, 297 (12,49%) de Fortaleza, 87 (3,66%) de outras capitais e os demais de outros países. Grande parte é homem, 1.958 (82,37%). Já as mulheres somam 403 (16,95%).

## Violência

Andreia Cortez, coordenadora da Proteção Social Especial da Semas, afirma que, neste ano, pelo menos três pessoas foram assassinadas nas ruas de Fortaleza. Ela explica que a violência contra pessoas em situação de rua é bastante recorrente. Por ocupar os espaços públicos co-



Milhares de pessoas vivem nas ruas de Fortaleza, mas não existe um número preciso, pois essa população está sempre migrando de um local para outro. De abril de 2008 a julho deste ano, 2.377 foram atendidas pela Semas. FOTO: JOSÉ LEOMAR

mo se fossem a sua própria casa, para tomar banho, comer e dormir, muitos acabam sendo vítimas de violência. "Eles são rejeitados tanto pela sociedade, quanto pela segurança pública,

que não aceita que utilizem os espaços públicos", esclarece.

Fernanda Gonçalves, secretária da Pastoral do Povo da Rua, da Arquidiocese de Fortaleza, questiona o suposto motivo do

crime. "É muito fácil dizer que a população de rua se mata entre si ou que eram usuários de drogas. Mas será que foi isso mesmo que aconteceu? É preciso ter clareza para não levar para o

lado mais negativo da história". Outro grave problema que denuncia é que, por se tratar de pessoas em situação de moradia de rua, a maior parte dos casos não é sequer apurada. "A gente observa que são casos vistos com naturalidade, mas não é uma morte banal. O que aconteceu foi muito sério e tem se repetido. Queremos saber os reais motivos do crime", questiona.

Para ajudar essas pessoas a superar a situação de rua, a pastoral realiza um trabalho nas praças e ruas. A Casa do Povo da Rua Dom Luciano Mendes, no Centro, recebe diariamente cerca de 50 pessoas. O local disponibiliza serviços de higiene, lavanderia e lazer. Conforme relatos, a agressão mais comum é o preconceito. "As pessoas pensam que são todos ladrões, mas a realidade é diferente", afirma.

## Mais informações:

Para buscar serviços ou indicar atendimento, basta procurar o Centro Especializado para Pessoas em Situação de Rua, da Semas, através do (85) 3105.1224

## COMUNICADO

comunicado@diariodonordeste.com.br

### Mais uma cracolândia

■ O prédio da foto ao lado fica numa área nobre de Fortaleza - na esquina entre as avenidas Barão de Studart e Júlio Ventura. Está entre um colégio e um supermercado, atrás de uma casa religiosa e na vizinhança de um pequeno shopping e de outros pontos comerciais. É uma obra paralisada há quase 15 anos - a construtora quebrou. E porque está abandonada vem sendo aos poucos invadida por desocupados e viciados em crack. Quem passa lá, vê. Menos os órgãos de saúde, assistência social e segurança do Estado e Prefeitura.



## COMUNICADO

comunicado@diariodonordeste.com.br



### Ainda que tardia

■ Sobre a nota “Mais uma cracolândia”, publicada quarta-feira, a Secretaria Municipal de Assistência Social se manifesta. E garante que mandou o Serviço Especializado de Abordagem de Rua verificar a situação das pessoas que frequentam uma obra abandonada na esquina das avenidas Barão de Studart e Júlio Ventura, na Aldeota. Ali há um ponto de consumo de crack. Quem passa, vê. Menos o poder público.

## ANEXO O - Negócios/Coluna Vaivém - Triste - 31/01/2012 – Diário do Nordeste

**VAIVÉM**  
José Maria Melo  
vaivem@diariodonordeste.com.br

 **Triste****Viaduto**

Um grande exemplo do que é a "Fortaleza Bela": uma família de catadores está morando há meses debaixo do viaduto da Avenida Antônio Sales, nas proximidades da Avenida Engenheiro Santana Júnior e Iguatemi.

## ANEXO P - Negócios/Coluna Vaivém – Triste - 02/02/2012 – Diário do Nordeste

**VAIVÉM**  
José Maria Melo  
vaivem@diariodonordeste.com.br

 **Triste****Abrigo**

Sobre o caso de uma família estar morando debaixo de um viaduto na Antônio Sales, Paulo Marcos, do Jacarecanga, diz que, na Praça da Estação uma família mora em um barraco montado sobre o abrigo da parada de ônibus.

ANEXO Q - Cidade/Coluna Comunicado - 5.895 e 1.766 - 09/02/2012 – Diário do Nordeste

**COMUNICADO**

comunicado@diariodonordeste.com.br

<b>5.895</b>	<b>1.766</b>
<b>atendimentos</b>	<b>pessoas</b>
Foram realizados entre 2008 e 2011 pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social para Pessoas em Situação de Rua, da Secretaria de Assistência Social de Fortaleza, segundo a assessoria do órgão.	Foram recebidas pelo Espaço de Acolhimento Noturno, da Semas, de 2009 a 2011. Dessas, 596 teriam deixado as ruas, alugando locais de residência, retornando aos lares ou se beneficiando do aluguel social.

**COMUNICADO**

comunicado@diariodonordeste.com.br

## Nada se cria, tudo se copia

■ O Carnaval acabou, mas as fantasias permanecem. Veja só essa: o vereador Benzaliel Constant do Nascimento (PHS) - que o eleitor conhece, ou não, pelo apelido de Irmão Leo - quer determinar que empresas que prestam serviços ao Município de Fortaleza contratem pessoas em situação de rua. A proposta é que 2% da mão de obra especificada para cada empreitada seja composta por trabalhadores nessa condição. Ou, em qualquer hipótese, por pelo menos uma pessoa em situação de rua por contrato. O projeto é um clone de outro que desde 2011 tramita na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Tão copiado é que até a sigla do Conselho Municipal de Assistência Social carioca foi reproduzida tal e qual. Lá, o colegiado se identifica por "Comas". É o que aparece no texto de Benzaliel. Em Fortaleza, a sigla é "Cmas".



**NÃO SE QUESTIONA** a necessidade de políticas de inclusão social da população de rua. Mas deve-se observar que obrigar empresas a recrutar pessoas nessa situação é passar o carro adiante dos bois. Seria mais adequado ao poder público primeiro viabilizar a qualificação de trabalhadores com demandas específicas e, posteriormente, buscar inseri-los no mercado de trabalho.

ANEXO S - Caderno 3/Coluna Regina Marshall - Pitoresco - 27/02/2012 – Diário do Nordeste

COLUNA

## Regina Marshall

marshall@diariodonordeste.com.br  
27.02.2012



Você, Gabriela Santiago e outras  
265.967 pessoas curtiram isso.



0



0



### **Pitoresco**

Um casal sem teto há meses ergueu seu barraco em parada de ônibus da Praça da Estação, no Centro. Segundo eles, na parte de cima ficam mais reservados de quaisquer agressões. A Prefeitura já os cadastrou nos programas Bolsa Família e Vale Aluguel e deu um prazo, que já expirou, para deixarem o local. Mas, como eles ainda não receberam nenhum desses benefícios vão ficando por lá. É bom que algum órgão competente se apresse em busca de uma solução, pois a ideia tem tudo para virar moda...

## LEITORES E CARTAS

opinioao@diariodonordeste.com.br

### Morador de rua

■ José Gama de Sousa, morador de rua, de aproximadamente 60 anos, mais conhecido por Zezão e que vive falando sozinho pelas ruas do bairro Jardim América é o que nós podemos chamar de

“gari voluntário”. O seu instrumento é uma vassoura daquelas de meio de feira, já bem surrada, mas se não fosse ele as bocas de lobos seriam todas entupidas e a sujeira tomava conta dos pés de calçadas. Nos seus solilóquios, ele se queixa de uma mulher que, supostamente, o tenha traído, no passado. Em troca do seu esforço, os moradores das proximidades o ajudam com roupas usadas, comidas e algum dinheiro para o cafezinho do qual ele tanto gosta. Caso a Prefeitura queira ajudá-lo, o seu endereço é: Rua Major Weyne, numa marquise, esquina com o canal do Jardim América.

**Raimundo Evaldo de Brito**  
Fortaleza-CE

ANEXO U - Gente/Coluna Regina Marshall - Banheiro na praça - 08/04/2012 – Diário do Nordeste

COLUNA

## Regina Marshall - Gente

marshall@diariodonordeste.com.br

08.04.2012

✓ Curtir

 Você, Jessica Carneiro e outras 266.076 pessoas curtiram isso.

 Tweet

0

 +1

0



### Fio direto

#### *Banheiro na praça*

Em plena tarde de sábado, Centro movimentado, pai e filho tomavam banho, tranquilamente, na fonte da Praça Murilo Borges, a conhecida pracinha do BNB. Enquanto isso, a mãe estendia roupas na grama ao redor da fonte. Há quem garanta: a cena se repete, constantemente, sob as vistas de guardas municipais e policiais militares, que pouco se importam com a nova e vergonhosa serventia do monumento. Por seu lado, a feliz família reclama que tá faltando sabonete e desodorante.



## FIO DIRETO

### DEMANDA ELEVADA

Deu no "Diário do Nordeste": durante o primeiro semestre desse ano, 13.056 moradores de rua foram atendidos na Capital, através do órgão de assistência da Prefeitura. A maioria vinda do Interior, devastada pela seca. É o velho êxodo rural, situação em que as pessoas deixam sua terra natal em busca de melhorias de vida nos centros urbanos. E uma demanda elevada demais para ser absorvida apenas pela Prefeitura de Fortaleza. Os gestores dos municípios atingidos precisam assumir sua parte e responder com políticas públicas para dividir a responsabilidade. Mas, as notícias que nos chegam são de gestores e suas contas desaprovadas, desvios de dinheiro público, obras superfaturadas. E os retirantes se espalhando pelos bairros sem teto e sem alento.

ANEXO W - Negócios/Coluna Vaivém - Lindo - 26/07/2012 – Diário do Nordeste

**VAIVÉM**  
José Maria Melo  
vaivem@diariodonordeste.com.br



## Lindo

### **Viaduto**

E uma família continua morando - já denunciemos neste espaço e a coluna teve resposta- debaixo de um viaduto na Avenida Antônio Sales. Não há solução para o problema. A Prefeitura não tem aonde colocá-la? Pode!

ANEXO X – Cotidiano/Ocupação] Grupo mora nos arredores do Dragão do Mar – Chamada de capa - 28/01/2012 – O Povo

## Descaso em destaque

PESSOAS QUE FAZEM DA RUA SUA CASA

Participe dos nossos blogs  
[www.opovo.com.br/blogs](http://www.opovo.com.br/blogs)  
IGOR DE MELO



### Praça do Dragão ganha moradores

Na esquina das avenidas Pessoa Anta e Almirante Jaceguai, a praça Almirante Saldanha se tornou moradia improvisada. O mais antigo morador vive por ali há seis anos. Município reconhece situação, mas afirma haver dificuldade nas abordagens por causa de álcool e drogas entre moradores

FORTALEZA, PÁGINA 2

ANEXO Y – Cotidiano/Ocupação] Grupo mora nos arredores do Dragão do Mar – 28/01/2012 – O Povo

# Ocupação] Grupo mora nos arredores do Dragão do Mar

Um dos moradores está ali há seis anos. São catadores de material de reciclagem que querem sair da invisibilidade e ter mais respeito

Mariana Lazari  
marianalazari@opovo.com.br

**F**rancisco Lopes de Lima aprendeu a ler com a Bíblia. Natural de Uruburetama, no meio século de vida, seu Francisco já foi vendedor de churrasquinho, pipoqueiro, marido, filho. Há seis anos, é o "pai" de homens e mulheres que vivem na praça Almirante Saldanha, vizinha ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, no Centro.

Líder de uma casa improvisada ao lado do busto em homenagem a Carlito Pamplona, seu Francisco pede uma vida diferente. "Pensei muitas vezes em voltar pra casa. Mas lá vou ficar com a mente ociosa. Preciso ter algo pra fazer. Queria um trabalho e que todos aqui fossem para um abrigo", declara o homem, que consegue o sustento para todos a partir da coleta de material para reciclagem. Na cabeça, segue para o trabalho com a tabela do preço de cada material; nas costas, o saco que é meio de trabalho desde que o carrinho foi roubado.

E graças ao conquistado pelo suor – porque pedir ele não acha certo – há comida diariamente para os muitos dele. Todos que chegam na esquina das avenidas Pessoa Anta e Almirante Jaceguai sabem que sobre a fogueira do grupo tem almoço sempre. Para todos. "Chega drogado ou 'bebum' e eu mando embora. Mas quem precisa, a gente ajuda. Não fica um sem comer", orgulha-se o homem que só não aceita a presença de gente "envolvida em confusão". "Porque aí vem a Política e sobra pra mim".

Para Cláudio Henrique, o Louro, de 25 anos, Francisco é "o pai da praça". Há três anos, Louro foi levado às ruas pelo vício. "Quis não dar mais dor de cabeça pra minha família". Sem casa ou documentos, e a "casa" de Francisco, o lar. "Queria uma oportunidade de trabalho. Porque aqui as pessoas passam olhando atravessado ou atravessam correndo a rua", diz.

## Incômodo

Ambulantes que trabalham na praça não são simpáticos às pessoas que vivem por ali. "Nas outras administrações do Dragão do Mar, vinha o segurança e botava tudo



FOTOS IGOR DE MELO

Alguns moradores de rua estão na praça há seis anos

## O que

### ENTENDA A NOTÍCIA

Pelas praças do Centro, não é difícil encontrar bancos transformados em cama. Na praça Almirante Saldanha, vizinha ao Centro Dragão do Mar, há fogueira e camas improvisadas por um grupo de moradores.

pra correr. Agora está assim, entregue às baratas. E eles deixam esse mau cheiro, urinam na rua, bebem, usam drogas", reclama um vendedor, que não quis se identificar. "O turista chega aqui e dá de cara com esse pessoal, com esse lixo. Está tudo abandonado", diz um colega.

A Secretaria Executiva Regional do Centro (Serecor) diz que, ainda neste ano, paisagem e manutenção serão executados na praça.

## O POVO online

O repórter Moacyr Luiz, da rádio O POVO/CBN, entrevistou um dos moradores que ocuparam o Dragão do Mar. Escute em <http://bit.ly/xyPhwo>

## Moradia em imagens

COTIDIANO



1



2

## Banho e almoço

1) Para se banhar na praça, moradores improvisam. Alguns preferem banho no mar. 2) A comida chega por doações ou é comprada. O almoço ontem teve frango e arroz.

## ATENDIMENTO

### Região conta com equipe fixa de abordagem, diz Prefeitura

O jovem é natural do Amazonas, mas há alguns meses mora na praça Almirante Saldanha. O sustento vem dos motoristas que estacionam por ali. Diz ser graduado em Teologia, além de ter cursado Direito e Filosofia. "Vim parar aqui por causa do vício", confessa.

Assim como o homem, conhecido pelo estado de origem entre os demais moradores da

área, a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) identificou muitos usuários de álcool e drogas no entorno do Dragão do Mar. Por isso, integrá-los às políticas de assistência do Município é desafio, avalia a coordenadora da Proteção Social Especial, Andréia Cortez. "A gente tem conhecimento da situação, mas um complicador pra gente hoje é eles fazerem uso abusivo de álcool e outras drogas", cita.

De acordo com Andréia, uma equipe atua diariamente em três turnos no entorno do Centro Dragão do Mar realizando abordagem dos que ali vivem. Porém, ela destaca, a população de rua não é fixa. "Quando a abordagem de ruas volta nem sempre encontra as pessoas", comenta.

Aos moradores de rua, o Município oferece espaços de acolhimento noturno, tratamento

de saúde e psicológico e moradia. Para isso, frisa a coordenadora da Semas, é preciso querer ser ajudado. "Agora, nós estamos num processo de convencimento das pessoas. Se não aderirem a tratamento de saúde, tratar o uso abusivo, ficamos com poucas possibilidades de fazer atendimento", lamenta Andréia Cortez, que cita serem mais de duas mil pessoas em situação de rua em Fortaleza. (ML)

## ANEXO Z – Cotidiano/Dragão do mar] Cuidado ao estacionar seu carro nas ruas próximas - 21/03/2012 – O Povo



Os arrombamentos a veículos costumam ocorrer em ruas paralelas ao Centro Dragão do Mar.

# Dragão do Mar] Cuidado ao estacionar seu carro nas ruas próximas

**Frequentadores** do Centro Dragão do Mar reclamam da insegurança. Assaltantes costumam atuar nas ruas paralelas, arrombando veículos

Thiago Paiva  
thiagopaiva@opovo.com.br

**F**requentadores do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, estão inseguros. Veículos estacionados nas ruas paralelas ao equipamento, considerado um dos principais pontos turísticos da Capital, se tornaram alvo da ação de assaltantes. No último sábado, um grupo de turistas de Mossoró (RN) teve o carro arrombado e as bagagens furtadas, ao deixar o veículo na rua José Avelino, distante poucos metros do prédio da 1ª Companhia do 8º Batalhão da Polícia Militar.

Uma das vítimas, o jornalista José de Paiva Rebouças, reclama do "descaso" da Polícia para com os turistas. Segundo ele, após o crime, que ocorreu por volta das 22 horas, o grupo foi orientado por segurança de um estabelecimento a registrar um Boletim de Ocorrência na Delegacia de Proteção ao Turista (Deprotur). Porém, no local, havia apenas um inspetor, que não sabia realizar o procedimento.

Depois de seguidas tentativas de ligação para o 190, a Polícia solicitou que eles procurassem uma das delegacias plantonistas. Mas, segundo o jornalista, todas ficaram muito distantes. "É um absurdo que, num fim de semana, seja tão difícil um turista conseguir atendimento", disse Rebouças, ao afirmar que o grupo desistiu de registrar o B.O. e partiu para Mossoró na madrugada de domingo.

### Praça está ocupada

O Povo esteve no Dragão do Mar, na manhã de ontem, e constatou que o local está tomado por moradores de rua. Em pleno meio-dia, vários bancos da Praça Verde serviam de cama para os desabrigados, que dormiam sobre

### Onde

#### ENTENDA A NOTÍCIA

Os arrombamentos e furtos a veículos costumam ocorrer em ruas paralelas ao Dragão do Mar. Pessoas que costumam passar pelo local atribuem os crimes aos moradores de rua que ocupam a Praça Verde e inibem a presença de turistas.

colchões velhos. Alguns, visivelmente sob o efeito de drogas, tentavam intimidar a equipe de reportagem.

Um flanelinha que pede para não ser identificado por "medo de represálias" afirmou ao O Povo que todos os dias se depara com estilhaços de vidro de veículos espalhados pelas ruas, resultado de delitos cometidos na noite anterior. "De dia eles dormem. De noite são eles que mandam", acusou.

A Secretária Municipal de Assistência Social (Semas) informou que o órgão não pode remover ninguém do local, caso a moradia irregular não seja caracterizada. "Remoção é no caso de risco de vida ou quando envolve ordem judicial. O que fazemos é tentar conscientizar as pessoas". De acordo com a assessoria, desde dezembro de 2011, 11 visitas foram realizadas aos desabrigados. Uma nova visita está prevista para a próxima quinta-feira.



### Delegacia de Proteção ao Turista (Deprotur)

Telefone: 3101 2488 ou 190  
Endereço: avenida Almirante Barroso, 805, Praia de Iracema

### A cidadã



Marcília Barros, 30 anos, auxiliar administrativa

#### Os riscos de caminhar pela Praça Verde

"Comigo nunca aconteceu de ser assaltada, mas sempre vejo as pessoas comentando que foram assaltadas aqui, nessas ruas laterais. Vez por outra encontro vidros de carro quebrados nas ruas. É muito comum você cruzar com jovens enquanto eles usam drogas na praça e nas esquinas. Está um perigo passar por aqui", disse Marcília, enquanto caminhava apressada para apanhar um coletivo numa parada próxima.

### DELEGACIA DO TURISTA

## Efetivo reduzido prejudica trabalho na Deprotur

Responsável pela Delegacia de Proteção ao Turista (Deprotur), a delegada Adriana Arruda afirmou ao O Povo que, atualmente, o equipamento sofre com o contingente reduzido. Segundo ela, a delegacia dispõe de apenas de dois escrivães, que se revezam em turnos de seis horas, além de oito inspetores, divididos entre dia e noite. "Infelizmente, um dos inspetores sofreu um acidente e outro se aposentou. Estamos fazendo o que podemos", disse. Ainda segundo Adriana Arruda, no dia em que ocorreu o furto ao carro dos turistas, o inspetor de

plantão, de fato, não sabia registrar o B.O., que não é atividade de sua competência. Sobre a ocupação do Dragão do Mar por moradores de rua, que tem inibido a presença de turistas no local, tanto a delegada como o comandante do Batalhão de Policiamento Turístico (BPTur), coronel Cláudio Mendonça, afirmaram que o caso é de responsabilidade da Prefeitura de Fortaleza. Segundo Adriana Arruda, a Praia de Iracema "carece de um trabalho de assistência social". Já o coronel afirmou ter acionado a Prefeitura sobre o assunto, mas não obteve retorno. (TP)

ANEXO AA - Cotidiano/Centro] Frequentadores reclamam da má conservação da Praça do Ferreira –  
26/04/2012 – O Povo

# Centro] Frequentadores reclamam da má conservação da Praça do Ferreira

A fonte da Praça do Ferreira está há anos desativada. Prefeitura alega que o conserto é inviável e não é prioridade da gestão. Frequentadores da praça reclamam ainda da presença de moradores de rua

**Aline Moura**  
ESPECIAL PARA O POVO  
alinemoura@opovo.com.br

Um dos principais cartões postais de Fortaleza, a Praça do Ferreira há tempos vem perdendo a glória dos velhos tempos. Segundos alguns frequentadores, a fonte está inativa há muitos anos e os bancos, sempre tão bem frequentados, agora servem de dormitório de moradores de rua. "A fonte está há oito anos sem funcionar e é usada como banheiro público", conta o flanelinha Francisco Reinaldo.

Além disso, segundo ele, a concentração de moradores de rua no local aumentou muito. "Estão morando aqui na praça. Quando dá 10 horas ainda tem gente dormindo nos bancos", revela. Para ele, outro fator que diminuiu o fluxo de pessoas na praça foi o encerramento das atividades do Cine São Luiz, principalmente aos domingos, quando diminuiu o fluxo de pessoas proveniente do comércio do Centro.

## O quê

### ENTENDA A NOTÍCIA

A fonte da Praça do Ferreira não funciona há anos. Prefeitura alega que o conserto é inviável. Segundo denúncias, a fonte é utilizada como banheiro. A presença de moradores de rua também incomoda os frequentadores.

O cozinheiro Lucivaldo de Oliveira também reclama da presença de moradores de rua na praça. "Eles tomam quase todos os bancos. Pedem dinheiro e alimento". Já o aposentado Antônio Campelo, revela que a fonte da praça, além de servir para despejo de dejetos humanos, é usada para banho.

Segundo Luiza Perdigão, secretária do Centro de Forta-



IGOR DE MELO

Segundo os frequentadores, a concentração de moradores de rua na Praça do Ferreira aumentou muito.

leza, a estrutura da fonte está cheia de problemas técnicos e o conserto é inviável para os recursos municipais. "O custo seria de R\$ 800 mil. Já para trocar a fonte seria mais de R\$ 1 milhão", revela. Para Luiza, um conserto com tal custo

não é prioridade para a gestão municipal, que está investindo na reforma e manutenção dos 33 espaços públicos localizados no Centro.

Segundo Luiza, a Secretaria Executiva Regional do Centro (Sercef) iniciou no

começo do ano contrato de manutenção permanente desses espaços. De acordo com ela, foi feito um diagnóstico e todos os problemas foram identificados através de foto. Assim, conforme a secretária, até o fim de 2012, todos espa-

ços públicos do Centro receberão o serviço.

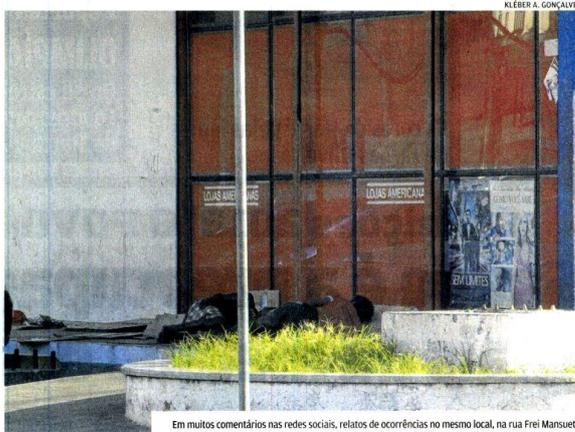
Conforme a assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), os moradores de rua que ocupam a Praça do Ferreira já são atendidas pelo Serviço Especializado de Abordagem de Rua, com acompanhamento semanal. Segundo a Semas, a orientação é de que eles se encaminhem ao Centro de Referência Especializado para População em situação de Rua ou ao Espaço de Acolhimento Noturno.



**Serviço**

**Centro de Referência da População de Rua**  
Telefone: (85) 3105 1024

**Espaço de Acolhimento Noturno**  
Telefone: (85) 3433 1845



Em muitos comentários nas redes sociais, relatos de ocorrências no mesmo local, na rua Frei Mansueto

## Aldeota] Mulher sofre sequestro-relâmpago

A mulher, de 45 anos, foi agredida pelos sequestradores. Segundo a vítima, casal faz parte de grupo morador de rua, na avenida Dom Luís

Mariana Lazari  
marianalazari@opovo.com.br

**D**ona Liani dormiu demais, no domingo último. Perdeu o culto na igreja, mas não o jantar com os amigos, no fim da noite. A saída da lanchonete na avenida Dom Luís, porém, reservou uma triste surpresa para a senhora, de 45 anos, que pede para não ter o sobrenome divulgado. Quando foi entrar no carro, estacionado na rua Frei Mansueto, duas outras pessoas entraram com ela. Começava um sequestro-relâmpago.

"Entraram, colocaram a mão na boca pra ela não gritar, machucaram a boca, botaram as mãos nos olhos dela, estralcharam os olhos e mandaram seguir com o carro", detalha a filha Liana. Segundo ela, o homem e a mulher que se tornaram passageiros indesejáveis de dona Liani são moradores de rua e vivem naquela esquina. Os dois, ela diz, estavam "doídos", sob efeito de drogas. "Eles queriam dinheiro vivo pra comprar droga na hora. Sorte a minha mãe ter RS 50".

Além do dinheiro, foram roubados joias, celular e a bolsa de dona Liani. "Não satisfeita, ela começou a puxar cabelo da minha mãe. Arrancou tufo de cabelo.

### Onde

#### ENTENDA A NOTÍCIA

O local da abordagem, na Aldeota, é movimentado. Por ali, há muitas lojas, restaurantes e lanchonetes e, consequentemente, com muito movimento até as 23 horas, hora do sequestro no último domingo.

Por isso está com o lado da cabeça e o pescoço doloridos. Eles gritavam que ela ia morrer", relata a filha.

A história ganhou repercussão, ontem, após Liana divulgar o ocorrido em sua página na rede social Facebook. Até as 20 horas, eram 1442 compartilhamentos e 117 comentários de amigos e pessoas solidárias com a família. Em muitos comentários, relatos de ocorrências no mesmo local e, segundo os envolvidos, com a participação do mesmo casal.

Liana conta que os sequestradores estavam muito nervosos e foram agressivos durante os cerca de 35 minutos de andanças por ruas da Al-

deota e do Papicu. "Ficava ela calada e eles brigando", diz. A senhora conta não saber se eles estavam armados. O percurso terminou perto do tribo, com o casal fugindo. Dona Liani, então, correu para o Terminal do Papicu, onde encontrou ajuda.

#### Polícia

A vítima registrou Boletim de Ocorrência no 2º Distrito Policial, na Aldeota. Espera agora ser chamada para reconhecer os sequestradores. Porque, segundo Liana, a Polícia sabe quem são a mulher e o homem envolvidos no caso e deve usar fotos para identificá-los. **O POVO** contatou o 2º DP para confirmar o registro e saber se há outras denúncias de casos envolvendo os moradores da área - tratados em muitos comentários no Facebook como "handidos". Mas o delegado não estava e, às 18 horas, o distrito já estava com o expediente de plantão.

O comandante do 8º Batalhão de Polícia Militar, capitão Naerton Menezes, afirma que uma equipe da inteligência da PM já esteve no local e prepara relatórios. Com eles, a PM traçará um plano de ação para a área. O capitão reforça que as vítimas devem registrar as ocorrências para que a Polícia saiba os locais que necessitam de reforço.

### Fala, internauta

**A notícia ontem** foi bastante comentada no Facebook do **O POVO** Online. Até as 20h30min, eram 31 compartilhamentos, 57 "curtidas" e 46 comentários.

"Quanta violência! Aonde vamos parar? Cadê as autoridades?"

**Mari Carvalho**

"Isso é inadmissível... Cadê a segurança?"

**Tamires Borges**

"Pelo que vi no depoimento da vítima, os criminosos já são figurinhas conhecidas no cruzamento da Dom Luís com a Frei Mansueto. (...) Bem, tudo já está explicado, com marginais identificados, o que falta mesmo, hein, prezadas autoridades policiais???"

**Paula Holanda**

"Mais um caso ali naquela área. Cometido pelos mesmos handidos e a Polícia nada faz!"

**Rafaela Miranda**

### PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

#### Prefeitura acompanha moradores; SMS diz que fará visita

O grupo que vive nos cruzamentos da avenida Dom Luís com as ruas Frei Mansueto e Frederico Borges é acompanhado pelo Serviço Especializado de Abordagem de Rua da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas). Segundo a assessora de comunicação do órgão, são entre oito e dez pessoas que, durante o dia, atuam guardando os carros estacionados por ali.

Um ou dois, segundo a Semas, foram encaminhados para retirada de documentos. Outros

dois tiveram encaminhamento para os espaços de acolhimento noturno, mas não ficaram por muito tempo. Alguns deles, aponta o órgão, são usuários de drogas.

O trabalho da secretaria é de sensibilização e encaminhamentos. A Semas frisa não realizar retirada dos moradores. Eles precisam sair por iniciativa própria.

Em parceria com a Semas, a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) atua, entre outras

iniciativas, com dois Consultórios de Rua que, segundo Rane Félix, coordenadora de Saúde Mental, Alcool e outras Drogas, fazem abordagem da população usuária de drogas.

Além disso, o Município possui seis Centros de Atenção Psicossocial Alcool e Drogas (CAPS AD). Rane afirmou ontem que não seria possível verificar se o grupo da avenida Dom Luís é acompanhado pela SMS, mas garantiu que uma visita às pessoas será solicitada. (M)



#### Ocorrências policiais

A Polícia solicita que vítimas de crimes procurem a delegacia mais próxima e a PM para denunciar o ocorrido.

**PM:** 190

**Delegacias com atendimento 24 horas:** <http://bit.ly/DuzqJvY>

## ANEXO CC - Cotidiano/Vertical - A Praça - 20/01/2012 – O Povo

Esta Coluna é  
publicada de  
**Segunda  
a Sábado**



[vertical@opovo.com.br](mailto:vertical@opovo.com.br)

**A PRAÇA**

Uma família está morando na Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza, há 15 dias. Pai, mãe e cinco filhos. É comum ver os meninos serem banhados por lá.

**EDITORIAL****Problema dos moradores de rua não pode ser ignorado**

A matéria “Grupo Mora nos arredores do Dragão do Mar”, publicada na edição de sábado do **O POVO**, assinada pela jornalista Mariana Lazari, além de ser motivo de repulsa pela condição de vida que levam aquelas pessoas, é também um duro recado ao poder público no sentido de que se nada for feito a tendência é o aumento de casos do gênero em Fortaleza. O ato de pessoas residirem nas ruas, sem as mínimas condições de sobrevivência, não é fenômeno recente, muito menos localizado. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), existem cerca de 100 milhões de pessoas morando nas ruas das grandes cidades do planeta.

Em sua maioria, desempregadas ou que há muito perderam os vínculos familiares em virtude da droga e do álcool. São Paulo é exemplo claro dessa situação e Fortaleza mesmo, por conta das agruras geradas por períodos de seca, sempre tem que abrigar verdadeiras legiões de famintos fugindo das dificuldades enfrentadas em suas cidades de origem.

Isso, porém, não é motivo para que se aceite a condição de vida daquelas pessoas menos favorecidas, como normal. Conforme a matéria publicada pelo **O POVO**, aproximadamente duas mil pessoas estariam morando nas ruas em nossa Capital. O interessante é que a prefeitura afirma, por meio da Secretaria Municipal de Assistên-

**Será que os procedimentos adotados estariam realmente se dando de forma correta?**

cia Social (Semas), que programas desenvolvidos pelo Município oferecem espaços de acolhimento, tratamento de saúde e psicológico, além de moradia, mas que assim mesmo, os moradores, muitos por serem dependentes de drogas, não querem aceitar a acolhida.

Não cabe aqui questionar a informação repassada pelo órgão municipal com vistas a minorar o problema. Mas é no mínimo estranho que toda essa quantidade de gente vivendo em quadro tão degradante rejeite receber os cuidados necessários oferecidos pelo poder público. Será que os procedimentos adotados estariam realmente se dando de forma correta?

Caso de fato haja uma rejeição por parte dos moradores de rua em receber ajuda, então o fato é mais grave do que se pensa. O exemplo da cracolândia em São Paulo é um alerta do que podemos vir a enfrentar, pois pelo que se sabe, ali o problema foi gerado pela falta de ação concreta do poder público.



Comente nosso editorial >>  
opiniao@opovo.com.br

## ANEXO EE - Cotidiano/Vertical - Dragão Residence - 04/02/2012 – O Povo

Esta Coluna é publicada de **Segunda a Sábado**

**VERTICAL**

vertical@opovo.com.br



**DRAGÃO RESIDENCE**

Passada uma semana de matéria no **O POVO**, sobre a presença de moradores de rua instalados na calçada do entorno do Centro Dragão do Mar, continua tudo na mesma. **Tai a foto acima. Qual autoridade, estadual ou municipal, se pronunciará a respeito?**

## ANEXO FF - Cotidiano/O Povo nos Bairros - Abandono do Dragão do Mar - 09/02/2012 – O Povo

**Colunas** | O POVO NOS BAIRROS

Veja programação do cinema no Ceará

ALAN NETO | BELEZA | BOLINHA | CENA G | MUITO PRAZER | TECNOSFERA | VERTICAL S/A

CLASSIFICADOS | BLOGS | COLUNAS

CONCURSOS E EMPREGOS | SERVIÇOS | VOCÊ FAZ O POVO | MOBILE | PROMOÇÕES | FALE COM A GENTE

Busca

O POVO NOS BAIRROS 09/02/2012 - 01h30

**Poluição sonora e insegurança**

NOTÍCIA | 0 COMENTÁRIOS

✉ | 📄 | 🗑️ | A+ | A- | 🔄

👍 Curtir { 11 } | 🐦 Twecotar { 0 } | 📧 { 0 }

GEIMISON MAIA

✉ Escreva para o colunista

Atualização: Quinta-Feira

## PRAIA DE IRACEMA

## LEITOR: ABANDONO DO DRAGÃO DO MAR

4. Paulo André Farias cobra atuação da Guarda Municipal na área do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que, para ele, está abandonado no que diz respeito a segurança. Reclama da presença de moradores de rua em acampamento montado na praça que é ponto turístico. "Já vi inclusive atos sexuais e pessoas sendo assaltadas na área", diz.

**RESPOSTA.** A Guarda Municipal esclarece que a segurança do espaço cabe ao Governo do Estado. Major Jean Falcão, da Companhia de Policiamento da área, garante que a região conta com um batalhão de Polícia, policiamento turístico e segurança particular no Centro.



VERTICAL 10/03/2012

## Dragão sem fogo

NOTÍCIA

1 COMENTÁRIOS



Recomendar 1

Tweeter 0

+1 0

Pin it

Follow us

COMPARTILHAR

O Centro Dragão do Mar, um dos equipamentos de referência para a cultura cearense, está precisando ser tratado com mais carinho pelo Governo do Estado. A secretaria da Cultura anunciou que virá uma reforma, mas, até agora, nada saiu do papel. Além de precisar de banho de pintura, o equipamento enfrenta problemas crônicos, a começar pela invasão de área por moradores de rua. A iluminação no entorno é precária, o que favorece a ação dos assaltantes,

mesmo havendo na antiga Capitania dos Portos um posto da Polícia Militar. A programação de eventos também anda falha e pouco se divulga o que o local oferece de cursos. Ou seja, a continuar dessa maneira, o Centro Cultural Dragão do Mar que, em passado não tão distante, foi a “menina dos olhos” das autoridades estaduais, passará a ser visto como verdadeira piaba do mar.

VERTICAL



ELIOMAR DE LIMA

✉ Escreva para o colunista

Atualização: Segunda a Sábado



## O POVO NOS BAIRROS

opovonosbairros@opovo.com.br

**Rosa Sá**  
Repórter do  
Núcleo de  
Cotidiano do  
**O POVO**

Esta Coluna é  
publicada às  
**Segundas  
e Quintas**

### **PRAIA DE IRACEMA** AINDA EXISTE ABANDONO

**3** Pessoas que moram próximo ao cruzamento da avenida Monsenhor Tabosa com a rua Barão de Aracati, na Praia de Iracema, reclamam que estão convivendo com a pior situação de um local que ainda continua sendo a principal passagem de visitantes e turistas que frequentam a Beira Mar e Praia de Iracema. Lembrando que por ali circulam diariamente, pedestres e ônibus de turistas que se deslocam para outras praias do litoral cearense, dizem que quem passa observa a tristeza e abandono da região. Destacam que o caso mais delicado, é o do cruzamento da avenida Monsenhor Tabosa com a rua Barão de Aracati. “Estamos convivendo com alarmante situação de um local que virou um verdadeiro depósito de lixo, ou ponto de reciclagem, onde os catadores ali passam a noite, e amanhecem dormindo em meio a carros e lixo espalhado onde antes era um prédio residencial”, dizem.

**RESPOSTA:** A Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), informa que já realiza, duas vezes por semana, abordagens à população em situação de rua que se encontra na avenida Monsenhor Tabosa e suas imediações, considerado ponto fixo de abordagens no cronograma do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua. A Semas só não realiza remoção de pessoas em situação de rua.